



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS



MARCOS DE OLIVEIRA

**ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM SALA DE AULA NO “COMBATE” À
VULNERABILIDADE SOCIAL: UM OLHAR À VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA NO CONTO “PARA QUE NINGUÉM A QUISESSE”, DE
MARINA COLASANTI**

Maringá
2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)**

O48e	<p>Oliveira, Marcos de</p> <p>Estratégias de leitura em sala de aula no “combate” à vulnerabilidade social : um olhar à violência doméstica no conto “Para que ninguém a quisesse”, de Marina Colasanti / Marcos de Oliveira. -- Maringá, PR, 2020. 114 f.: il. color., figs., tabs.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Aparecida de Fátima Peres. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias, Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS) - Mestrado Profissional, 2020.</p> <p>1. Estratégias de leitura. 2. Violência doméstica. I. Peres, Aparecida de Fátima, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias. Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS) - Mestrado Profissional. III. Título.</p> <p>CDD 23.ed. 372.4</p>
------	---



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS



MARCOS DE OLIVEIRA

**ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM SALA DE AULA NO “COMBATE” À
VULNERABILIDADE SOCIAL: UM OLHAR À VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA NO CONTO “PARA QUE NINGUÉM A QUISESSE”, DE
MARINA COLASANTI**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Área de concentração em Literatura e Letramento Literário, Linha de Pesquisa 1: Teorias da Linguagem e Ensino, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN em unidade com a Universidade Estadual de Maringá – UEM, como requisito à obtenção do título de Mestre Profissional. Orientadora: Professora Doutora Aparecida de Fatima Peres.

Maringá

2020

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARCOS DE OLIVEIRA

ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM SALA DE AULA NO “COMBATE” À VULNERABILIDADE SOCIAL: UM OLHAR À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO CONTO PARA QUE NINGUÉM A QUISESSE, DE MARINA COLASANTI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 19 de junho de 2020.

COMISSÃO JULGADORA



Profa. Dra. Aparecida de Fatima Peres (Orientadora)
Universidade Estadual de Maringá– UEM



Profa. Dra. Carmen Rodrigues de Lima
Universidade Estadual de Maringá– UEM



Profa. Dra. Roselene de Fátima Coito
Universidade Estadual de Maringá– UEM

Dedico este trabalho

À mulher mais incrível que a vida me permitiu conhecer, Cleuza Rafael de Oliveira, minha mãe. Senhora simples, analfabeta, vítima de violência doméstica e inspiração para que eu, enquanto professor, mediador do processo de ensino e aprendizagem, desenvolvesse uma proposta de intervenção pedagógica, por meio da leitura do texto literário, que ajudasse meus alunos na identificação da violência no ambiente familiar e como combatê-la.

AGRADECIMENTOS

Eu quero agradecer
De maneira diferente
Por meio da poesia
Que transforma tanto a gente
Àqueles que com maestria
trouxeram grande alegria
E tornaram-me persistente.

Primeiro agradeço a Deus
Por me alimentar com fé
Deu-me força e persistência
E me manteve em pé
Cobriu-me de sabedoria
Para que a cada dia
Eu entendesse o que a vida é.

A vida é um grande presente
E deve ser cuidada com amor
Não há amor na violência
E sim sofrimento e dor
Por isso essa pesquisa
Insistentemente frisa:
Violência doméstica não, por favor!

E eu imensamente agradeço
À minha orientadora
Aparecida de Fátima Peres
Mulher empoderada e acolhedora
Que me orientou com carinho
E apontou o caminho
De uma pesquisa transformadora.

Estendo o meu carinho
E enorme agradecimento
À banca que aceitou
Enriquecer este momento
Doutoras e pesquisadoras
Essência de professora
Que alimenta pensamentos.

Não posso me esquecer
Das professoras queridas
Que durante o ProfLetras
Deram uma lição de vida
Ao mostrarem que o estudar
Mais do que nos transformar
Pode ser uma saída.

Aos meus companheiros de estudo
De alegrias e de conquistas

Eu agradeço por cada abraço
E pelas palavras benquistas...
Não cheguei aqui sozinho
Pois sem o seu carinho,
Eu não seria tão idealista.

E por fim e não menos importante
Agradeço aos sujeitos da proposta
De combate à violência doméstica
E das verdades impostas...
Aos meus alunos que aprenderam
E também compreenderam
Que para agressão há respostas.

As respostas estão na Lei
Chamada Maria da Penha
Que protege a mulher
Da violência que a ela sobrevenha
Para garantir seus direitos
Proteção e respeito
Não é preciso de senha.

Basta ligar 180
E denunciar o agressor
Pois em mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor
Pois o amor não machuca
Não fere e não insulta
Não mata e não causa dor.

Toda leitura aqui apresentada
É uma grande mistura
De realidade e de ficção
Presentes na Literatura
Que humaniza os desumanizados
Avisa os desavisados
O grande poder da cultura.

Delicie-se com cada palavra
Que nesta dissertação foi escrita
Elas representam a luta
Contra uma Educação minimalista
Pois um ensino consciente
Organizado e insistente
Combate pensamentos machistas.

Marcos de Oliveira

*A **violência doméstica** gera marcas que transcendem o corpo físico. Uma alma amedrontada não consegue vislumbrar a beleza que existe em si mesma. Não é preciso cortar os pulsos, mas sim cortar os relacionamentos abusivos, pois amor não machuca; caso machuque, definitivamente, não é amor.*

Marcos de Oliveira

OLIVEIRA, Marcos de. *Estratégias de leitura em sala de aula no “combate” à vulnerabilidade social: um olhar à violência doméstica no conto “Para que ninguém a quisesse”*, de Marina Colasanti. 2020.114f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - Profletras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

RESUMO

A prática de leitura é uma atividade de grande importância para o desenvolvimento crítico do estudante, possibilitando a ele ter uma compreensão mais ampla da sociedade em que vive. Esta pesquisa tem como mote apresentar os resultados dos estudos realizados durante o Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS, bem como a intervenção pedagógica desenvolvida em uma turma de 8.º ano do Ensino Fundamental II, em um colégio da rede estadual do norte do Paraná. Como sondagem inicial, constatamos que os alunos apresentavam comportamentos agressivos, ou seja, violência verbal entre meninos e meninas. Sendo assim, percebemos a necessidade de se desenvolver um trabalho direcionado à violência doméstica, com respaldo no letramento literário, voltado às estratégias de leitura, uma vez que comportamentos agressivos podem ser oriundos do ambiente onde o adolescente se encontra. Buscamos analisar como os estudantes reagiam à temática e o conhecimento de mundo deles acerca do assunto. As atividades foram realizadas por meio de dez oficinas. Como síntese das discussões, mediamos a leitura do conto **Para que ninguém a quisesse** (1986), de Marina Colasanti, e a apresentação da ressignificação da narrativa em um Festival de Arte e Movimento organizado pela Instituição de Ensino onde a pesquisa foi realizada. Para a sistematização da proposta, foram utilizados os pressupostos teóricos norteados por Cosson (2016), no que se refere à elaboração de uma sequência didática expandida, pois, ao preparar o aluno para a prática de leitura, por meio de etapas como antecipação, decifração e interpretação, é possível levá-lo a uma maior compreensão do que é a violência doméstica e como combatê-la. Para a organização desta intervenção pedagógica, utilizaram-se reflexões e apontamentos de Geraldi (2012), Kleiman (1999; 2011); Menegassi (1995); Candido (1985; 2004), Zilberman (1988); Zappone (2016); Cosson (2016); Micheletti (2006), Barthes (1989), Chartier (1999), Côtés (2008); Bosi (1975); Cortázar (2006); Sarmiento e Tufano (2004). Por meio dos resultados obtidos, esta intervenção didático-pedagógica sugere a inserção da leitura em sala de aula como prática humanizadora e ratifica a importância do letramento literário na efetivação de uma leitura mais crítica e participativa.

Palavras-chave: Estratégias de leitura. Letramento Literário. Sequência Expandida. Violência doméstica.

OLIVEIRA, Marcos de. *Reading strategies in the classroom in "fighting" social vulnerability: a look at domestic violence in Marina Colasanti's short story "Para que ninguém a quisesse", by Marina Colasanti.* 2020.114f. Dissertation (Professional Masters in Languages - Profletras) - State University of Maringá, Maringá, 2020.

ABSTRACT

Reading practice is an activity of great importance for the student's development, enabling him to have a broader understanding of the society in which he lives. This research aims to present the results of the studies carried out during the Professional Masters in Letters - PROFLETRAS, as well as the pedagogical intervention developed in a class of the 8th of Elementary School II in a state school in the north of Paraná. As an initial survey, we found that students exhibited aggressive behavior, that is, verbal violence between boys and girls. Thus, we perceive the need to develop work directed at domestic violence, based on literary literacy, focused on reading strategies, since aggressive behaviors may come from the environment where the adolescent is. We sought to analyze how students reacted to the theme and their knowledge of the world about the subject. The activities were carried out through ten workshops. As a synthesis of the discussions, we mediate the reading of the short story **Para que ninguém a quisesse** (1986), by Marina Colasanti and the presentation of the reframing of the narrative at a Festival of Art and Movement organized by the Educational Institution, where the research was carried out. For the systematization of the proposal, the theoretical assumptions guided by Cosson (2016) were used, with regard to the elaboration of an expanded didactic sequence, since in preparing the student for the practice of reading, through steps such as anticipation, deciphering and interpretation, it is possible to lead you to a greater understanding of what domestic violence is and how to fight it. The reflections and notes written by Geraldi (2012), Kleiman (1999; 2011) were used as support for the organization of this pedagogical intervention; Menegassi (1995); Candido (1985; 2004), Zilberman (1988); Zappone (2016); Cosson (2016); Micheletti (2006), Barthes (1989), Chartier (1999), Côrtes (2008); Bosi (1975); Cortázar (2006); Sarmiento and Tufano (2004). Through the results obtained, this didactic-pedagogical intervention suggests the insertion of reading in the classroom as a humanizing practice and confirms the importance of literary literacy in the realization of a more critical and participatory reading.

Keywords: Reading strategies. Literary Literacy. Expanded String. Domestic violence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Composição do Gênero Conto.....	38
Figura 2 - Exemplo de resposta de um dos alunos.....	53
Figura 3 - Exemplo de resposta de um dos alunos.....	53
Figura 4 - Exemplo de resposta de um dos alunos.....	55
Figura 5 - A Lei Maria da Penha em Cordel.....	57
Figura 6 - Pôster “Até que a morte nos separe”.....	58
Figura 7 - Letra da música “Propaganda”, de Jorge e Mateus.....	63
Figura 8 - Informações sobre Marina Colasanti.....	67
Figura 9 - Apresentação da obra Contos de Amor Rasgados.....	68
Figura 10 - Questão 1.....	74
Figura 11 - Questão 2.....	74
Figura 12 - Questão 3.....	75
Figura 13 - Questão 4.....	75
Figura 14 - Questão 5.....	76
Figura 15 - Questão 6.....	77
Figura 16 - Questões 7 e 8.....	79
Figura 17 - Tipos de contextualizações propostas por Cosson.....	81
Figura 18 - Resposta de um aluno dos alunos.....	83
Figura 19 - Questões 1 e 2 sobre ampliação da temática.....	88
Figura 20 - Podcast Memória de Mulher.....	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Questão 1 (Para você o que é violência doméstica?)	52
Gráfico 2 - Questão 2 (Assinale abaixo quem pode ser vítima de violência doméstica).	54
Gráfico 3 - Questão 3 (Para você, das alternativas abaixo, quem é mais vítima de violência doméstica?).....	54
Gráfico 4 - Questão 7 (Marque o que pode ser considerado violência doméstica contra a mulher).....	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Reflexões dos alunos sobre a leitura do Pôster.....	59
Quadro 2 - Respostas dos alunos para a leitura da letra de música Coração pede socorro, de Naiara Azevedo.....	61
Quadro 3 - Exemplo das respostas dos alunos sobre a música Propaganda, de Jorge e Mateus”.....	64
Quadro 4 - Resposta dos alunos à questão 4 (letra d).	76
Quadro 5 - Síntese das respostas dos alunos à questão 5.....	77
Quadro 6 - Respostas dos alunos à questão 6.....	78
Quadro 7 - Respostas dos alunos às questões 7 e 8.	79
Quadro 8 - Perfil físico e perfil psicológico dos personagens do conto Para que ninguém a quisesse, de Marina Colasanti, elaborados pelos alunos.....	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
1 LEITURA E ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE LEITURA.....	25
2 ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO	31
2.1 O GÊNRO CONTO E A OBRA PARA QUE NINGUÉM A QUISESSE, DE MARINA COLASANTI.....	38
3 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	44
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA: UNIDADE ESCOLAR E PERFIL DOS ALUNOS	45
3.1.2 CARACTERÍSTICAS DA TURMA	46
4 ANÁLISE DOS DADOS: RESSIGNIFICANDO A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA	47
4.1 ANTECIPAÇÃO	48
4.1.2 DECIFRAÇÃO.....	49
4.1.3 INTERPRETAÇÃO.....	49
4.1.4 MOTIVAÇÃO.....	50
4.1.5 INTRODUÇÃO	66
4.1.6 LEITURA.....	69
4.1.7 PRIMEIRA INTERPRETAÇÃO.....	71
4.1.8 CONTEXTUALIZAÇÃO	80
4.1.9 SEGUNDA INTERPRETAÇÃO	84
4.2 EXPANSÃO	86
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICES	96

INTRODUÇÃO

Um dos maiores desafios, no ensino de línguas na escola pública, tem sido o trabalho com a leitura, não a leitura sinônimo de decodificação, mas aquela que rompe os limites fonéticos ou fonológicos das palavras e permite ao aluno “ler” o mundo à sua volta e atribuir sentidos aos diferentes tipos de textos a que ele tem acesso. Como professor de Língua Portuguesa e Literatura, acredito na importância do texto literário na vida dos alunos, pois, por meio da ficção, da abstração imaginativa, percebo que é possível levá-los a confrontarem a fantasia e a realidade, de modo que observem que a vida das personagens dos livros pode apresentar semelhanças às dificuldades e superações que eles experimentam no cotidiano.

Como explica Geraldini (2012, p.91), a leitura é um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto. É um encontro com o autor, ausente, que se dá pela sua palavra escrita. (...) O leitor nesse processo, não é passivo, mas agente que busca significações. Portanto o sujeito leitor, nessa perspectiva, é capaz de encontrar nos textos lidos respostas que o ajudam a entender a própria realidade, ou seja, as condições sociais e humanas a que está submetido. Logo, quanto ao texto literário, compreende-se que o ato de ler pode contribuir para a humanização do homem, no que se refere à sensibilidade diante das questões sociais, pois, de acordo com Candido (2004, p.180), humanizar-se é

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

Como destaca o autor, o exercício da reflexão faz com que o ser humano se coloque no lugar do outro, reveja os próprios valores e realinhe os comportamentos que o desumaniza. Ainda como propõe Candido (2004, p.186), o fluir do texto literário é

[...] uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade.

Sendo assim, a prática de leitura do texto literário é uma atividade de grande importância para o desenvolvimento da sensibilidade do aluno ao se colocar no lugar do outro, pois ela possibilita a ele ter uma compreensão mais ampla do mundo, principalmente no que se refere à violência que se camufla nas pequenas atitudes cotidianas.

Compreendemos que a agressividade, muitas vezes, manifestada por alguns estudantes na sala de aula ou fora dela, pode trazer marcas daquilo que eles vivenciam em suas casas. Ademais, em um momento da nossa história em que tem se discutido tanto sobre o feminicídio, agressão física, verbal, sexual e moral contra as mulheres, é imprescindível volver um olhar à prática de leitura que estimule a criticidade dos nossos alunos e promova neles uma mudança de comportamento diante de tal situação.

Além do mais, como porta-voz de uma discussão tão importante, trago para esta pesquisa sensações e sentimento de quem experimentou, assistiu e vivenciou o que se chama hoje de **violência doméstica**, visto que, no interior da escola pública, estudantes relatam situações em que veem mãe/tia/prima/irmã sendo vítima de humilhação, agressão física e verbal por parte do pai/padrasto/marido/irmão, que, em decorrência do alcoolismo, oprime e anula a identidade humana da companheira.

E hoje, como mediador do processo de ensino e aprendizagem, sinto-me na responsabilidade de ensinar meus alunos a lerem além do que está escrito, ou seja, possibilitar-lhes o encontro, nas leituras feitas, de respostas que os ajudem a se tornar sujeitos da própria história e, acima de tudo, mais humanos.

Para tanto, ao verificar constantes agressões verbais entre meninos e meninas em uma turma de 8.º ano do ensino fundamental de um colégio da rede estadual de ensino do norte do Paraná, percebi a necessidade de trabalhar com o tema “Violência Doméstica” por meio de estratégias de leitura de diferentes gêneros textuais, tendo como foco o conto “Para que ninguém a quisesse”, de Marina Colasanti. É pertinente destacar que muitos desses adolescentes e seus familiares vivem em vulnerabilidade social e são vítimas de abusos domésticos. Por isso, a leitura estrategicamente organizada, na perspectiva do texto literário, tem um caráter humanizador, podendo contribuir para que o leitor busque uma mudança de comportamento e/ou auxilie outras pessoas a reverem atitudes consideradas desumanas no relacionamento para com o outro.

Portanto a sequência didática expandida proposta visa a conduzir os estudantes a perceberem, por meio da leitura mediada pelo professor, que a narrativa escolhida traz marcas da violência velada que, muitas vezes, faz parte do ciclo familiar dos próprios alunos.

Partindo das observações feitas, busquei desenvolver uma pesquisa participativo-interativa que tem como objetivo principal pesquisar e analisar, à luz do letramento literário, como os estudantes recepcionam/reagem à temática **violência contra a mulher**, apresentada no conto selecionado. Busquei também promover o desenvolvimento da competência leitora dos alunos com foco na fruição do texto.

A escolha do conto foi feita por se tratar de uma narrativa curta, porém rica em elementos literários que permitem ao aluno se colocar no lugar das personagens. Desse modo, a leitura mediada pelo professor contribui para que os alunos possam confrontar a realidade e a ficção presentes na narrativa citada, combatendo, assim, todo e qualquer tipo de violência doméstica, principalmente contra a mulher. Vale lembrar que, muitas vezes, crianças, adolescentes e seus familiares são vítimas de abusos e não percebem as agressões porque, em alguns casos, são veladas. Como consequência, muitos estudantes se calam e entram em depressão e, quando não, reproduzem na escola o que vivenciam em suas casas.

Além do que já foi exposto, a relevância desta pesquisa se justifica pelo fato de haver, de acordo com verificações feitas no site da Capes, poucos estudos com foco em estratégias de leitura em sala de aula relacionadas à “violência doméstica”. E como verifiquei, por meio da pesquisa-ação, o nível de leitura dos alunos e como eles se comportam diante do tema proposto, compreendi que cada vez mais atitudes de agressividade têm feito parte da vida de alunos e alunas, principalmente da escola pública. Donde a necessidade de contribuir com as investigações sobre a questão.

Este estudo, além de contribuir para o desenvolvimento integral dos estudantes, no que tange às estratégias de leitura em sala de aula, tem um interesse crítico de minha parte como pesquisador, que é promover momentos de reflexão dos alunos sobre si mesmos enquanto sujeitos da pesquisa, pois o tema **violência** está inserido em um contexto político marcado por relações de poder e vulnerabilidade social. Por conseguinte, a função da intervenção pedagógica, neste caso, é combater as situações de desigualdade, opressão, segregação, injustiças e, indubitavelmente, denunciar as distorções que desumanizam o ser humano e

estimulam atos violentos no interior das instituições de ensino.

Este trabalho tem caráter qualitativo com um delineamento metodológico descritivo, buscando analisar como a prática pedagógica, referenciada nas estratégias de leitura do texto literário, pode auxiliar alunos na fruição literária e na maneira como eles analisam os sentidos da narrativa **Para que ninguém a quisesse**, de Marina Colasanti, no que se refere ao tema **Violência contra a mulher**.

Com base no conto mencionado, é pertinente enfatizar que o procedimento metodológico que subjaz este estudo está pautado na investigação qualitativa, com ênfase na pesquisa-ação, pois, como destaca Franco (2005, p.491), ela “é um processo eminentemente interativo, a análise da qualidade da ação entre os sujeitos que dela participam é fundamental para definir sua pertinência epistemológica e seu potencial praxiológico”. Por isso, ela permite ao pesquisador vivenciar a realidade em que a pesquisa está sendo realizada.

Para Severino (2006), a interação entre os sujeitos da pesquisa, além do conhecimento produzido, pode contribuir para que haja mudança de comportamento. Assim, os pesquisadores, ao terem acesso às informações colhidas, podem analisá-las de modo indutivo e intuitivo. Desse modo, com ênfase na Linguística Aplicada, com foco nas estratégias de leitura em sala de aula, esta pesquisa-ação vai ao encontro das necessidades pedagógicas elencadas para este estudo.

O desenvolvimento da pesquisa fundamenta-se em pesquisadores como Geraldi (2012), Kleiman (1999; 2011); Menegassi (1995); Candido (1985; 2004), Zilberman (1988); Zappone (2016); Cosson (2016); Micheletti (2006), Barthes (1989), Chartier (1999), Côtés (2008); Bosi (1975); Cortázar (2006); Sarmiento e Tufano (2004). As reflexões perpassam a importância da leitura em sala de aula, a essência do texto literário, estratégias de leitura; violência doméstica e o letramento literário enquanto norteador no ensino de uma literatura emancipatória e humanizadora.

Além desta introdução, este estudo apresenta, no **capítulo 1**, discussão sobre leitura e estratégias de leitura; no **capítulo 2**, consta uma breve reflexão sobre o letramento literário e as características do gênero conto; no **capítulo 3**, apresenta-se a metodologia de pesquisa; no **capítulo 4**, registra-se a análise dos dados de pesquisa; no **capítulo 5**, apresentam-se as considerações finais e as perspectivas acerca da proposta de intervenção pedagógica.

1 LEITURA E ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE LEITURA

Nesta seção, apresentam-se algumas concepções de leitura, apresentadas por Geraldi (2012), Kleiman (2011), Kleiman (1999), Menegassi (1995), e a importância do texto literário defendida por Candido (2004), Candido (1985), Zilberman (1988), Zappone (2016) e Cosson (2016).

A leitura é uma prática importante na sala de aula, pois ela subsidia não apenas o trabalho para com a Língua Portuguesa, mas norteia todas as atividades pedagógicas de outras disciplinas que compõem o currículo escolar. Portanto, em sentido mais amplo, o ato de ler possibilita aos leitores um contato maior com o mundo, seja o real ou o literário. Sendo assim, a escola cumpre um papel imprescindível na sistematização de práticas que conduzam o estudante a uma leitura crítica, significativa, que desenvolva a autonomia e o torne protagonista na sociedade em que vive. Por esta razão, a sala de aula não deve ser um ambiente em que a atividade de leitura, como observa Kleiman (1999, p.30), torne-se

[...] difusa e confusa, muitas vezes se constituindo apenas em um pretexto para cópias, resumos, análise sintática, e outras tarefas do ensino da língua. Assim, encontramos o paradoxo que, enquanto fora da escola o estudante é perfeitamente capaz de planejar as ações que o levarão a um objetivo pré-determinado (por exemplo, elogiar alguém para conseguir um favor) quando se trata de leitura, de interação à distância através do texto, na maioria das vezes esse estudante começa a ler sem ter ideia de onde quer chegar, e, portanto, a questão de como irá chegar lá... nem sequer supõe.

É preciso, portanto, que o espaço pedagógico ultrapasse os limites da decodificação ou da utilização do texto como pretexto para preencher lacunas, espaços vazios, que não vão ao encontro das necessidades educacionais e sociais dos sujeitos que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem. É imprescindível ensinar o aluno a “ler o mundo”, identificar-se nele, sentir-se como agente transformador, aquele que é capaz de perceber a intencionalidade presente nos diferentes tipos de textos que circulam no seu dia a dia. Ademais, no que se refere à vida das distintas personagens dos textos literários, muitas delas se aglutinam à existência real do próprio aluno-leitor, pois o real e o ficcional se entrelaçam quando se trata de questões políticas, sociais, como se exemplifica na temática “violência doméstica”.

Quanto ao papel do sujeito leitor, capaz de atribuir sentido ao mundo por meio da leitura, Klaiman (2011, p.13) observa que

[...] é mediante a interseção de diversos níveis de conhecimentos, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão.

Sendo assim, fica evidente que o papel mediador do professor, nas estratégias de leitura, é um fator crucial para que o aluno interprete os diferentes tipos de textos de maneira segura. Nessas estratégias, é fundamental que o professor propicie atividades que levem o aluno a observar diferentes efeitos de sentido, pois, ao ler, ele aciona um universo de conhecimento de mundo e escolhe as próprias “ferramentas” para dialogar com o texto. Como destaca Menegassi (1995), os caminhos estratégicos, utilizados pelo leitor no diálogo constante com os diferentes tipos de textos, fazem que o aluno crie procedimentos para transitar entre os níveis de decodificação, compreensão, interpretação e retenção da leitura feita.

São, portanto, essas ferramentas que gerarão no aluno a expectativa de ir além do que está escrito e interpretar informações nas entrelinhas, as intenções e as pistas deixadas pelo autor.

Quanto à leitura do texto literário, esta precisa ser ensinada na escola apresentando a literatura, como destaca Cosson (2016), como arte, objeto estético e de fruição, pois ela deve se sobrepôr à ideia de um conteúdo a ser ensinado. No entanto, é importante frisar, como pontua Soares (2004, p.21) que:

[...] o que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o.

O texto literário precisa, mais do que lido, ser sentido; e as emoções que perpassam esse gênero textual podem ser percebidas pela mediação do professor por meio de estratégias que levem os alunos a irem além do que está escrito.

Segundo Brandão e Micheletti (1997), a literatura

[...] é um discurso carregado de vivência íntima e profunda que suscita no leitor o desejo de prolongar ou renovar as experiências que veicula. Constitui um elo privilegiado entre o homem e o mundo, pois supre as fantasias, desencadeia nossas emoções, ativa o nosso intelecto, trazendo e produzindo conhecimento. Ela é criação, uma espécie de irrealidade que adensa a realidade, tornando-nos observadores de nós mesmos. Ler um texto literário significa entrar em novas relações, sofrer um processo de transformação. (BRANDÃO; MICHELETTI, 1997, pp. 22-23).

Toda transformação desencadeada por meio da prática de leitura precisa levar o aluno a se reconhecer no outro, desenvolver a empatia, perceber que a ficção está muito próxima da realidade e que vícios e comportamentos expressos pelas personagens dos livros representam muito daquilo que se vive no cotidiano.

A leitura literária abre um leque de possibilidades para o desenvolvimento humano: ela instrui, orienta, acalenta e permite ao leitor se reconhecer como sujeito capaz de agir sobre a própria realidade, mudando a si mesmo e interferindo no existir do outro. Por isso, a escola precisa assumir a responsabilidade de ensinar a leitura do texto literário para além da autonomia intelectual, incentivando o pensamento crítico e o desenvolvimento da humanidade, pois em uma sociedade com valores tão distorcidos, talvez a vida de uma personagem qualquer de um conto, um romance ou de outra arte literária pode ser um elo de reflexão entre a razão e a emoção ou entre ficção e realidade.

Nesse contexto, o professor, por sua vez, é o mediador que pode estabelecer uma “ponte” entre o estudante e o texto trazido para a sala de aula, pois a literatura é um convite à liberdade de expressão, ao descobrimento de novos sentimentos e organização das emoções. Por isso, organizar, sistematizar, incentivar e motivar o gosto pela leitura tem sido um trabalho desafiante para o professor em sala de aula, pois devido às diferentes ferramentas tecnológicas, o aluno está cada vez mais imerso nos aparelhos celulares, videogames, redes sociais, dentre outros. Como convidá-lo para ler um livro, viajar nas histórias e conhecer lugares? Talvez pareça uma competição desleal entre um tablet e um livro. O que é mais atrativo? São perguntas instigantes, cujas respostas parecem óbvias, mas não são. Na verdade, não existe competição ou grau de relevância, e sim instrumentos diferentes para se propor a prática leitura. O que se percebe é a necessidade do professor em “vender seu peixe”, convencer de que o mais importante é o texto e o que ele tem a

nos ensinar. Para isso, é imprescindível pensar em estratégias que levem o estudante a encarar o ato ler como um processo natural e repleto de possibilidades de descobrir algo novo.

O texto literário, para Zilberman (1984, p.33), é um elo facilitador que estabelece a interação entre textos, permitindo ao leitor interpretar a realidade do homem em oposição a um ser fragmentado e alienado. Segundo a autora, a literatura,

[...] sendo uma imagem simbólica do mundo que se deseja conhecer, ela nunca se dá de maneira completa e fechada. Pelo contrário, sua estrutura, marcada pelos vazios e pelo inacabamento das situações e figuras propostas, reclama a intervenção de um leitor, o qual preenche estas lacunas, dando vida ao mundo formulado pelo escritor. Deste modo, à tarefa de deciframento se implanta outra: a de preenchimento, executada particularmente por cada leitor, imiscuindo suas vivências e imaginação.

No entanto, o estudante não chega sozinho à leitura das imagens simbólicas do mundo propostas pela literatura. Ele precisa da mediação do professor, de estratégias pontuais que o estimulem na interpretação dos efeitos de sentido presentes no texto.

São inúmeras as possibilidades de se mediar o gosto pela leitura. Cada professor descobre através de sua prática quais estratégias, melhor, se encaixam à realidade da escola onde está inserido. Portanto a formação de bons leitores pode estar atrelada a diferentes fatores e/ou situações. Por exemplo, uma instituição de ensino que possui um acervo atualizado, bibliotecas com profissionais capacitados, professores motivados para desenvolver o incentivo à leitura, sem sombra de dúvidas, irá fomentar a necessidade humana de ler e viajar no universo da literatura.

Ao analisarmos a proposta de letramento literário apresentada por Cosson (2016), percebemos que algumas etapas no encaminhamento de leitura são importantes de serem observadas e sistematizadas no planejamento de ações que promovam a curiosidade e a vontade do aluno em mergulhar nas entrelinhas do texto. Desse modo, refletindo sobre algumas práticas em sala de aula, é possível observar que a mediação de atividades de leitura poderia ser pensada por meio de estratégias. Elas não precisariam estar na ordem seguinte, porém, devem chamar à atenção do aluno para o texto, buscando:

- Motivar o conhecimento prévio, ou seja, aquele momento em que o leitor aciona conhecimentos de mundo que ele possui para inserir no que está sendo lido.
- Estabelecer conexão, ou melhor, nesse momento, o leitor aciona o conhecimento prévio e faz conexões com a leitura, ligando ideias, sensações, percepções.
- Incentivar o leitor a fazer inferência, interpretando uma informação que não está explícita no texto.
- Elaborar perguntas sobre o texto, as quais podem ser respondidas no decorrer da leitura, com respaldo nas experiências do próprio leitor.
- Possibilitar que o aluno possa fazer sínteses daquilo que foi lido.

Desenvolver essas estratégias parece um exercício fácil, mas não é, pois requer do professor planejamento, gosto pela leitura e prazer em ensinar, mediar o conhecimento de maneira a permitir que o aluno não seja mais o mesmo depois do encontro com o texto literário. Portanto, essas estratégias são caminhos que se escolhe percorrer para chegar a um determinado fim, uma vez que decodificar o texto sem experimentar os enigmas que estão por detrás das histórias, dos personagens, dos espaços onde tudo acontece é uma perda de tempo. E o tempo é precioso e precisa ser bem administrado. Como já dizia o cineasta norte-americano George R. R. Martin, que *um leitor vive mil vidas antes de morrer, o homem que nunca lê, vive apenas uma*. Talvez essa seja a premissa para o trabalho com a literatura em sala de aula, contribuir para que os alunos vejam suas vidas metaforizadas nas das personagens e percebam a empatia e os valores humanos presentes tanto nas protagonistas como nas antagonistas, combatendo, desse modo, posicionamentos excludentes, minimalistas, preconceituosos, machistas, que marginalizam e segregam pessoas.

Como pontua Lajolo (1993, p.106),

[...] a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (...) Cada leitor, na individualidade da sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando.

Diante do exposto, fica evidente a importância de se pensar, estrategicamente, que caminhos precisam ser percorridos para propor uma prática de leitura literária, sobretudo, eficaz, motivadora e que permita ao aluno se reconhecer no mundo, pensar e repensar o papel social que ele ocupa.

2 ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO

A literatura exerce um papel importante na expressão das diferentes formas de linguagem. E é por meio da linguagem que (re)significamos emoções, realinhamos pensamentos, instruímos, revelamos as incógnitas do mundo e nos humanizamos. Portanto, como aponta Cosson (2016.p.15),

[...] Todos nós exercitamos a linguagem de muitos e variados modos em toda a nossa vida, de tal modo que o nosso mundo é aquilo que ela nos permite dizer, isto é, a matéria constitutiva do mundo é, antes de mais nada, a linguagem que o expressa.

Como observa o autor, a expressão das mais variadas formas de linguagem se dá por meio da literatura de mundo, cuja linguagem transcende as palavras, pois é no exercício da prática de leitura e de escrita dos textos literários que o leitor rompe com paradigmas de discursos padronizados e desenvolve sua própria maneira de fazer linguagem, uma vez que a literatura traz em si o existir do homem e sua relação concreta com o mundo. Além do mais,

[...] a literatura tem o poder de metamorfosear em todas as formas discursivas. Ela também tem muitos artifícios e guarda em si o presente, o passado e o futuro da palavra. [...] na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmo. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é uma incorporação do outro de mim sem renúncia da minha própria identidade (COSSON, 2016. p.17).

Ao refletirmos sobre o que concebe Cosson (2016) acerca da literatura, podemos compreender que as leituras que fazemos dos romances, contos e outras narrativas nos permite ver a nossa vida na vida das personagens, pois a ficção criada por meio dos mais distintos tipos de linguagem permite ao sujeito autor/leitor dizer e expressar ao mundo sua maneira singular de existir. Sendo assim, para que o texto literário colabore no processo de humanização e construção da identidade do ser humano, é preciso que a escola entenda a literatura para além da categorização, classificação de períodos literários e/ou análise de elementos da narrativa, pois é o

letramento literário que atribui sentido às leituras feitas pelos alunos em sala de aula.

Partindo, então, do papel da escola no incentivo à leitura do texto literário, é pertinente analisar o que seria a literatura escolarizada. Na perspectiva de Cosson (2016), a literatura deveria se manter na escola como uma prática de transformação do indivíduo como um todo, exercendo a função tanto de ensinar a ler e escrever como para formar os leitores nos aspectos humanos e culturais. O autor destaca a influência social da literatura, sua escolarização e apresenta questionamentos acerca de como a leitura tem sido abordada em sala de aula e de que maneira a formação dos leitores é organizada no espaço escolar.

Ademais, o autor observa que a leitura literária na escola, principalmente quando realizada por meio do livro didático, tem servido como pretexto para o ensino estrutural da língua, quando não,

[...] No Ensino Fundamental, a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com ficção ou poesia. O limite, na verdade, não é dado por esse parentesco, mas sim pela temática e pela linguagem: ambas devem ser compatíveis com os interesses da criança, do professor e da escola, preferencialmente na ordem inversa. Além disso, esses textos precisam ser curtos contemporâneos e “divertidos”. [...] no ensino médio, o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos autores, acompanhados de rasgos teóricos sobre gêneros, formas fixas e algumas coisa de retórica em uma perspectiva para lá de tradicional (COSSON, 2016, p.21).

O formato de leitura que a escola, muitas vezes, dá ao o texto literário marginaliza a construção de sentidos presentes na literatura. É importante que a leitura permita ao sujeito-leitor partir de sentimentos e imagens, os quais estimulam um olhar à vivência social, à visão da extensão do mundo e ao poder de contextualizar experiências com a escrita. Portanto, os textos literários não podem ser fragmentados e nem servirem como pretextos para análise de períodos históricos, não que não sejam importantes, mas o professor precisa ir além disso, pois a literatura estimula a expressão, o rompimento de limites e aguça a descoberta do próprio indivíduo, incentivando-o no desenvolvimento da criticidade e posicionamento diante das diferentes situações nas quais ele é submetido.

Esse posicionamento crítico é um sinônimo para a prática de letramento

literário que, de acordo com Cosson (2016, p.23),

[...] é uma prática social, e como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização.

Enquanto prática social, o letramento literário rompe limites de uma leitura deficiente, simplista, focada na superficialidade do texto. Ele conduz o leitor à construção literária de sentidos, ou seja, permite-lhe construir, transformar, negociar, negar, aprovar, reprovar valores que subjazem o que está nas entrelinhas do texto. Por isso, deve ser prioridade das instituições de ensino tornar o gosto pela literatura uma prática significativa, voltada para seu valor social.

Desse modo, na mediação da leitura literária, que tipo de texto selecionar para a sala de aula? Parece uma tarefa fácil, mas não é, porque

[...] A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade [...], recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção (PAULINO, 1998, p.56).

Todos os elementos que constituem o texto são importantes; lê-los, identificá-los e lhes atribuir sentidos também. Porém, na perspectiva do letramento literário, a ênfase não deve estar unicamente na aquisição das habilidades de leitura de gêneros literários, mas sim no aprendizado da compreensão e da ressignificação dos textos. Isso é possível à proporção que o professor desenvolva estratégias para motivar o estudante a explorar todos os limites do texto. Mas explorar os limites do texto não é tão simples. Trata-se de uma atividade complexa que deve ser orientada, acontecer no cotidiano escolar e extrapolar para fora dele, uma vez que o tempo que o aluno passa na escola é menor do que o tempo que passa fora dela. Então, acreditamos que o sucesso da leitura além da sala de aula está intimamente condicionado à maneira como

as instituições ensinam o aluno ler.

De acordo com Cosson (2016, p.33), ao escolher um texto para a aula, o professor

[...] não deve desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade, também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. Do mesmo modo, precisa aplicar o princípio da diversidade entendido, para além da simples diferença entre os textos, como busca da discrepância entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos.

Ao refletirmos sobre as ideias de Cosson (2016), enfatizamos que a atividade com a prática de leitura de textos literários ou não literários precisa contribuir para o desenvolvimento de um leitor competente e crítico em relação ao que lê, porque um sujeito letrado percebe que a leitura permite um encontro de vozes: a do autor, das personagens e do próprio leitor. Como leitor competente e crítico, referimo-nos àqueles que possuem iniciativa própria, que selecionam os textos observando suas necessidades de compreender o mundo e agir sobre ele.

Sendo assim, a leitura para cumprir seu principal objetivo, que é estabelecer um encontro entre texto, autor e leitor, além de sua função social, também precisa ser prazerosa, pois o interesse em ler determinado texto faz que o aluno crie gosto e busque novas leituras. Isso porque

[...] a leitura é o resultado de uma série de convenções que uma comunidade estabelece para a comunicação entre seus membros e fora dela. Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas (COSSON, 2016, p.40).

Aprender a ler, nessa perspectiva, é uma prática a ser ensinada na escola, pois a leitura é um processo resultante de organizações sociais que fazem parte do cotidiano do leitor, podendo agir sobre ele de maneira positiva ou negativa. É através dela que nos reconhecemos como sujeitos capazes de interferir nos sentidos produzidos pelos mais variados tipos de textos. E os sentidos vão se aglutinando à vida do leitor de modo que ele sofre uma metamorfose literária, cujas personagens das histórias lidas se transformam em vidas que habitam dentro dele.

Para desenvolvermos habilidades leitoras no campo da literatura, Cosson (2016, p.40) apresenta três etapas sistematizadas em: antecipação (várias operações que o leitor faz antes de adentrar o universo da leitura, tais como verificar a materialidade do texto, a capa, contracapa, números de páginas entre outros); a decifração (corresponde ao reconhecimento da escrita do texto pelo aluno, sua familiaridade com os vocábulos); interpretação (relações de sentido estabelecidas pelo leitor ao processar a leitura do texto).

Cosson (2016, p.41) observa que

[...] A interpretação depende, assim, do que escreveu o autor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em uma determinada sociedade. Interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto. Esse contexto é de mão dupla: tanto é aquele dado pelo texto quanto o dado pelo leitor; um e outro precisam convergir para que a leitura adquira sentido.

Sendo assim, a interpretação de um texto é uma ação subjetiva, pois depende de como cada leitor faz a leitura, além do que são variadas as interpretações que um texto oferece. Por isso, é importante um olhar crítico por parte do aluno, no que se refere a uma leitura que o leve à ideia principal do texto, permitindo a ele extrair, fazer inferências e estabelecer uma relação de sentido entre a materialidade do texto e as condições sociais em que o texto foi produzido.

Ensinar literatura não é uma tarefa fácil, pois o gênero literário exige do professor-leitor um mergulhar nas palavras, de maneira que seus significados ultrapassem os limites ordinários dos vocábulos, visto que o imaginário do sujeito-leitor é que atribui sentido àquilo que é lido/ouvido, e isso contribui para sua humanização.

É sabido que, no ambiente pedagógico e no dia a dia das pessoas, a literatura exerce um papel inquestionável no desenvolvimento da sensibilidade, humanidade e consciência social do leitor. Ela permite um encontro entre o mundo fantástico, imaginário, histórico, presente nos textos literário, com o mundo real, ou seja, a vida em sua simplicidade e, ao mesmo tempo, complexidade.

Compagnon (2009) questiona: Literatura para quê? Qual seu papel nas relações sociais? Ante tais questões, o autor observa que é importante pontuar que a literatura exerce um poder moral sobre as pessoas, uma vez que deleita e instrui ao mesmo tempo. Outro aspecto da literatura está relacionado ao viés político, pois,

em situações de conturbação social, percebe-se, de acordo com Compagnon (2009), que se lê mais. Além disso, o autor considera que o texto literário possibilita a correção de defeitos da linguagem, pois alcança leitores de universos sociais variados, ela rompe a ordem clássica, canônica e se apresenta de maneira lúdica ao leitor/ouvinte. Ademais, o fazer literário cumpre a função de ser agradável e útil, pois ele não apenas diverte, mas conscientiza, empodera, ressignifica e combate valores distorcidos e cristalizados na sociedade, tais como preconceito, machismo, intolerância religiosa, dentre outros.

Mas afinal, o que é letramento literário? Buscando assim, estabelecer uma definição sobre o termo, Cosson (2016, p.175) explica que

[...] por um lado, uma nova compreensão da leitura e da escrita e das relações entre saberes e educação, e por outro, faz parte de um contexto, onde se postula um ensino por competências, as tecnologias de informação e comunicação se tornam mais acessíveis, o fluxo de informações se mundializa, as imagens adquirem status de texto, as práticas de autosserviço se tornam cotidianos (sic) e o acesso ao ensino superior chega a camadas menos favorecidas da sociedade, isso só para falar de alguns dos tópicos que fazem parte do horizonte do letramento mediático, letramento financeiro, letramento crítico, letramento em saúde, letramento visual, informacional, científico, acadêmico, para citar alguns dos adjetivos que acompanham o termo letramento.

Diante do que propõe Cosson (2016), fica evidente que ser letrado é ter a capacidade de ler o mundo em todas as suas peculiaridades. É tornar o conhecimento um instrumento transformador que possibilita aos menos favorecidos, muitas vezes marginalizados, terem acesso aos saberes produzidos pela humanidade ao longo da história e aplicá-los no cotidiano.

Para Chartier (1996), o letramento literário torna o leitor capaz de transladar para a realidade em que vive todo conhecimento produzido. Por isso, a literatura permite um diálogo constante entre o mundo real e o ficcional, possibilitando ao sujeito se reconhecer na vida e nas ações das personagens. O momento de identificação/reconhecimento pode contribuir para que o processo de humanização emerja no indivíduo e estimule nele a empatia ao se colocar no lugar do outro e experimentar as mesmas emoções.

No entanto, para estabelecer uma ponte entre os diferentes conhecimentos e a ideia de letramento literário, é preciso que a escola cumpra seu papel e

responsabilidade em promover a produção de conhecimento de maneira significativa, pois, de acordo com Zappone (2008), a instituição de ensino deve romper com uma educação voltada exclusivamente para a aprendizagem sistemática de códigos, porque, no viés da prática de letramento, o que se aprende na sala de aula deve significar na vida do aluno tanto dentro dos espaços escolares como fora deles.

Buscando refletir sobre o letramento literário, é importante pensar em como a literatura tem sido apresentada em sala de aula. Cosson (2016) destaca que, muitas vezes, os gêneros literários são utilizados como pretextos para o ensino de gramática e/ou são associados ao prazer, quando em essência, o gosto pela leitura é um hábito ensinado, que precisa ser despertado no estudante nas atividades delineadas pelo professor. No entanto, na perspectiva do letramento, a leitura deve ultrapassar a ideia de análise ou identificação de gêneros literários, é preciso que aluno leia e ressignifique o que foi lido. Para isso, o papel motivador do professor é imprescindível, uma vez que se ensina fazendo e apontando caminhos.

O autor também acrescenta que a literatura só se torna literatura à medida que o leitor se apropria dela como um produto, ou seja:

essas manifestações e produtos culturais são literários não simplesmente porque assumem as funções anteriores de proporcionar ficção, entretenimento ou qualquer outra função atribuída aos livros literários no passado, ou ainda porque atingiram tal maturidade que precisam ser enobrecidos com o rótulo de literários – essa seria a parte mais fraca do argumento –, mas sim porque é assim que a literatura se apresenta atualmente/se configura em nossos dias (COSSON, 2016, p.19).

Nas reflexões trazidas por Cosson (2016), entendemos que a literatura, mais do que um produto literário, deve ser um produto cultural, que apresenta e representa o modo singular dos textos em atribuir sentidos à vida e ao mundo. No entanto, parafraseando Hansen (2005), uma leitura só pode ser considerada literária quando o leitor é capaz de ocupar uma posição semiótica no texto e produzir uma relação de efeito de fingimento com o destinatário do texto para que as informações recebidas sejam recepcionadas de modo a estabelecer sentido completo.

Vale ressaltar que não há uma resposta pronta sobre como desenvolver o letramento literário em sala de aula, nem tampouco há um manual que ensine o

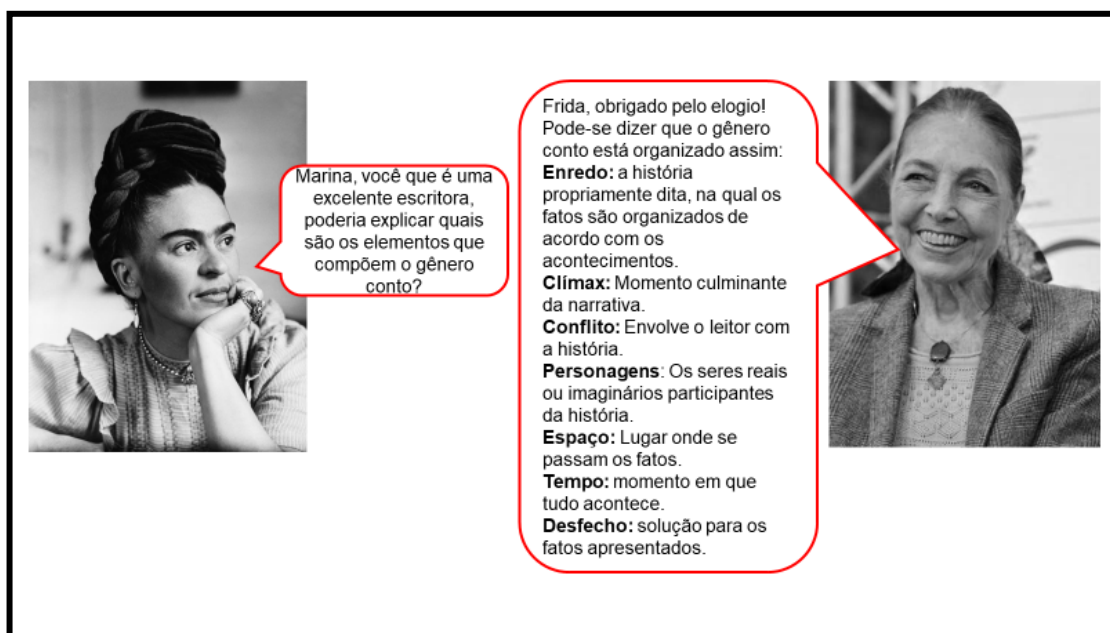
passo a passo. O que existem são reflexões, direcionamentos que permitem entender que a relação entre professor e aluno é que vai construir um caminho para uma leitura significativa e transformadora. São as estratégias mediadas pelo educador, ou melhor, a motivação e o aguçar da curiosidade que despertarão um leitor adormecido, que busca interpretar os sentidos presentes no todo de um texto.

2.1 O GÊNERO CONTO E A OBRA *PARA QUE NINGUÉM A QUISESSE*, DE MARINA COLASANTI

O gênero conto, no que tange à sua estrutura, de acordo com Sarmiento e Tufano (2004), dá ênfase ao enredo, um único conflito e clímax, uma história com poucas personagens, tempo, espaço reduzidos e um desfecho. Os autores destacam que essa organização pode variar de narrativa para narrativa, sem a necessidade de estar presa a uma sequência cronológica das ações no enredo.

Para sistematizar os elementos da narrativa, que corroboram para produção de sentido do gênero conto, a figura abaixo foi produzida, tendo como referência as ideias de Sarmiento e Tufano (2004).

Figura 1-Composição do Gênero Conto.



Fonte: Estudos baseados em Sarmiento e Tufano (2004)

Além das principais características desse gênero conto, Bosi também (1975,

p.7) acrescenta que

O conto cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora é quase-documento folclórico, ora quase-crônica da vida urbana, ora quase-drama do cotidiano burguês, ora quase-poema do imaginário às voltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem.

Como pontua o autor, além do caráter folclórico que o conto pode assumir, no que se refere ao universo mágico, fictício e surreal, ele também metaforiza a sociedade, os valores e as cenas do cotidiano, permitindo ao leitor pensar e repensar o papel que ele ocupa no espaço onde vive.

Como alerta Côrtes (2008, p.11), a violência doméstica

[...] Constitui um sério problema social que afeta milhares de mulheres cotidianamente em todo o mundo. É uma grave manifestação da violência de gênero, e atinge as mulheres de todas as idades, classes sociais, etnias, graus de escolaridade, orientação sexual e religião.

Por esta razão, buscar nos contos de Marina Colasanti um tema tão atual como “a violência doméstica” e discuti-lo por meio do conto **Para que ninguém a quisesse** é, indubitavelmente, uma forma de ressignificar a prática de leitura em sala de aula e ampliar os limites entre a materialidade linguística e os efeitos de sentido do texto. Além disso, é um modo de despertar a consciência humana nos alunos e promover o desenvolvimento social.

Marina Colasanti é uma referência literária na construção da identidade feminina. Em sua obra, a escritora permite ao leitor adentrar o universo da mulher e conhecer suas fragilidades e, ao mesmo tempo, perceber o quanto são fortes. O trabalho de Colasanti, na prática de escrita, envolve contos, poemas, ensaios, crônicas, colunas sociais. O cerne de seus textos é a dualidade entre relação do feminino com o masculino, expressando, assim, sua consciência de gênero no que tange à desigualdade social entre homens e mulheres nos diferentes espaços sociais.

De acordo com Gomes (2007), a trajetória de Marina Colasanti começa em Asmaria (cidade colonizada pela Itália), capital da Eritreia, país localizado no Chifre

da África, onde nasceu. Ela passou sua infância na Eritreia e Líbia, porém foi na Itália que estudou e desenvolveu o gosto pela arte literária. Segundo o autor, a escritora vive no Brasil desde os onze anos de idade. Suas experiências profissionais lhe permitiram sondar a realidade brasileira em vários aspectos, principalmente relacionados à mulher da época, pois ao trabalhar como jornalista, tinha contato direto com os mais distintos problemas sociais. Foi também tradutora de textos da Literatura italiana.

A notoriedade de Marina Colasanti pode ser percebida nas 58 obras publicadas e que já receberam inúmeros prêmios literários. Dentre as relíquias produzidas pela autora, está a obra **Contos de Amor Rasgados** (1986), narrativa organizada com 96 contos curtos. Esse livro foi lançado um ano depois do fim da ditadura militar. Sendo assim, **Contos de Amor Rasgados** traz de maneira não escancarada, um tema muito presente nos dias atuais, que é a violência doméstica, marcada por uma relação patriarcal em que a mulher é objeto de desejo masculino.

Dentre as narrativas contidas no livro, o texto escolhido para a prática de leitura apresentada neste trabalho foi o conto **Para que ninguém a quisesse**. É importante frisar que a essência das narrativas colasantinas visa “denunciar” os estereótipos que fragilizam e ao mesmo tempo marginalizam a mulher, tornando-a submissa aos caprichos de uma sociedade machista e opressora. A autora, no entanto, ao longo de sua trajetória como escritora, evidencia seu posicionamento feminista no combate à violência escancarada e velada a que a mulher é cotidianamente submetida.

Acreditamos que a escolha da autora pelo gênero textual “conto” se dá por se tratar de um texto curto em que os elementos da narrativa são apresentados de maneira concisa. Além do mais, por ser escrito em uma pequena extensão, em comparação à novela e ao romance, o conto é capaz de expressar, de maneira breve, o conflito. Cortázar (2006, p.151) também acrescenta, que “o conto parte da noção de limite, e, em primeiro lugar limite físico”. Esse limite estabelece um efeito de sentido de proximidade entre obra e leitor, pois a concisão das ideias permite ao sujeito que lê chegar aos efeitos de sentido do modo mais imediato. É pertinente destacar que tal gênero, no que tange à sua estrutura, dá ênfase ao enredo, um único conflito e clímax, uma história com poucas personagens, tempo e espaço reduzidos e um desfecho.

Analisando as condições de produção do conto **Para que ninguém a**

quisesse, como já dissemos, ele foi escrito no ano final do regime militar, apresentando um perfil de mulher do século XX, que transita entre a submissão imposta pelo homem e o erotismo. Por esta razão, Marina Colasanti denuncia a repressão e ao mesmo tempo propõe resistência das mulheres aos valores machistas e excludentes socialmente impostos a elas.

Portanto, a narrativa “Para que ninguém a quisesse” traz à tona a violência psicológica da personagem principal ao perder a própria identidade quando se submete aos caprichos do marido, que a “obriga” esquecer a própria vaidade ao tirar-lhe os vestidos de seda, cortar-lhe os cabelos e proibi-la de usar maquiagens.

Porque os homens olhavam demais para a sua mulher, mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar. Apesar disso, sua beleza chamava a atenção, e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos. Dos armários tirou as roupas de seda, das gavetas tirou todas as joias. E vendo que, ainda assim, um ou outro olhar viril se acendia à passagem dela, pegou a tesoura e tosquiou-lhe os longos cabelos (COLASANTI, 1986, p.111)

De maneira sutil, o perfil perverso do homem é construído pela autora de modo irônico, dando a ele, em dado momento, a condição de “assujeitado”, ao justificar que a mulher era muito bonita e todos os homens olhavam de mais para ela. Isso o teria “obrigado” a mandar que ela deixasse de expressar qualquer tipo de vaidade. Tal proposição pode ser percebida no próprio título do conto, ou seja, **Para que ninguém a quisesse**, o esposo precisou tomar a atitude de camuflar a beleza da esposa.

O texto situa, de maneira clara, os papéis sociais assumidos pelos sujeitos homem e mulher, em que ele é o dominador, o opressor, o que detém a posse, e ela é a submissa, a oprimida, o objeto de desejo, ou seja, a que aceita, sem reclamar, as imposições feitas pelo marido. No entanto, os sentidos já ditos ficam evidentes nas relações sócio-históricas de que a mulher é o sexo frágil, que deve ocupar o lugar de bela, recatada e do lar, estando sempre disponível para atender os caprichos do marido, que, no conto, em um dado momento, sente falta do desejo que tinha pela mulher, explicitando que já não o tem mais devido ao fato da beleza dela não ser mais a mesma.

Para Lajolo e Zilberman (1985, p.159), as personagens de Marina Colasanti:

[...] são todas de estirpe simbólica: tecelãs, princesas, fadas, sereias, corças e unicórnios, em palácios, espelhos, florestas e torres, não têm nenhum compromisso com a realidade imediata. Participam de enredos cuja fabulação é simples e linear, dos quais emergem significados para a vivência da solidão, da morte, do tempo, do amor. O clima dos textos aponta sempre para o insólito, e o envolvimento do leitor se acentua através do trabalho artesanal da linguagem, extremamente melodiosa e sugestiva

Acredita-se, por esta razão, que o texto silencia e denuncia, de maneira proposital, a passividade da mulher em aceitar os diferentes tipos de violência doméstica e não procurar se desvincular do ambiente opressor, uma vez que a personagem principal aceita cada decisão do marido sem se posicionar, sendo comparada, ao final da narrativa, a um móvel que ocupa um lugar em um espaço qualquer da casa. Em sentido amplo, o conto evoca a imagem de uma mulher aprisionada, refém de um padrão familiar cercado por um machismo escancarado, travestido de um amor possessivo, doentio, representado por meio do sentimento de ciúmes. Sentimento que tem sido a causa do aumento do índice de feminicídio no mundo todo.

Gomes (2007, p.163) afirma que os contos de Colasanti,

[...] escancaram a postura das personagens femininas frente às tentativas de dominação em relação a seus companheiros. De um lado; a repressão, a sujeição, a dominação e a dependência e, de outro; a inquietação, o inconformismo, a insubordinação e a ação constituem as bases sobre as quais se alicerçam as representações do feminino na produção ficcional de Colasanti. Seus contos constituem um espaço onde a postura, as atitudes e a condição das mulheres podem ser repensadas. As soluções para os problemas das personagens germinam do íntimo de cada uma delas, sem a necessidade de recorrer a elementos externos para aliviar ou resolver tensões.

Ante o exposto, é possível perceber que o conto **Para que ninguém a quisesse** traz uma representação do perfil feminino, da identidade da mulher que, muitas vezes, é agredida psicologicamente no ambiente familiar e não se dá conta disso. Essa violência velada, de acordo com Teles e Melo (2002, p.18), é também uma violência de gênero, ou seja:

[...] uma relação de poder de dominação do homem e de submissão da mulher. Demonstra que os papéis impostos às mulheres e aos homens, consolidados ao longo da história e reforçados pelo patriarcado e sua ideologia, induzem relações violentas entre os sexos e indica que a prática desse tipo de violência não é fruto da natureza, mas sim do processo de socialização das pessoas. [...] A violência de gênero pode ser entendida como “violência contra a mulher.

As afirmações de Teles e Melo (2002) permitem concluir que Marina Colasanti busca romper esse ciclo vicioso de violência ao levantar questionamentos e, ao mesmo tempo, propor às mulheres um novo olhar ao papel social que elas ocupam ou deveriam ocupar.

Pode-se dizer que a fragilidade emocional imposta às mulheres, segundo Oliveira (1999, p.40), é oriunda de uma cultura masculina que

[...] alimentou representações das mulheres como seres anfíbios, mais instintuais que os homens: alheias à Razão, rebeldes à domesticação [...]. Naturalizadas, as mulheres não foram incorporadas ou tornadas significativas na cultura humana/masculina. O confinamento do sexo feminino em uma relação limitada com apenas alguns aspectos do meio ambiente [...] traduziu-se em desigualdade de status e poder, tornando-se hierarquia que [...] passou a ser percebida como um dado do comportamento humano, inscrita no corpo e por ele ditado, e que as representações mitológicas e ideológicas só fizeram confirmar.

Talvez seja por isso, os leitores de Colasanti tendem a ressignificar os discursos materializados por ela para se posicionar diante a uma sociedade que, ideologicamente, fragiliza e coloca o sexo feminino numa posição de marginalidade social, no que se refere à igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

O respaldo metodológico utilizado nesta pesquisa partiu das orientações advindas das disciplinas cursadas no mestrado profissional em letras por se tratar de uma produção didático-científica que busca propor novos olhares e perspectivas ao trabalho com leitura e escrita em sala de aula, possibilitando, assim, a inserção de novas metodologias e instrumentos avaliativos no processo de ensino e aprendizagem.

Para alcançar os objetivos, optamos por desenvolver um trabalho de caráter qualitativo, uma vez que utilizamos um delineamento metodológico descritivo para analisar como a prática pedagógica, referenciada nas estratégias de leitura do texto literário, pode auxiliar os alunos de uma turma de 8.º ano do ensino fundamental, de uma escola pública do norte do Paraná, na fruição literária e na maneira como eles analisam os sentidos das narrativas escolhidas para a análise.

A intervenção pedagógica está inserida na área da Linguística Aplicada, no campo do ensino e aprendizagem de línguas, especificamente no ensino de leitura. Ela tem como fundamento epistemológico o interpretativismo e a metodologia da pesquisa-ação.

Segundo Reis (2006), a pesquisa qualitativa de caráter interpretativista visa a ocupar-se de ações significativas dos atores sociais, estando comprometida com a compreensão do mundo subjetivo dos sujeitos em suas experiências humanas. Ou seja, tal ação de pesquisar explora a ideia de que a interpretação da realidade e de seus fenômenos está diretamente relacionada às práticas sociais dos indivíduos.

No seu aspecto crítico, segundo Franco (2005, p.486), a pesquisa-ação

[...] considera a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, mas não apenas para registro e posterior interpretação do pesquisador: a voz do sujeito fará parte da tessitura da metodologia da investigação. Nesse caso, a metodologia não se faz por meio das etapas de um método, mas se organiza pelas situações relevantes que emergem do processo. Daí a ênfase no caráter formativo dessa modalidade de pesquisa, pois o sujeito deve tomar consciência das transformações que vão ocorrendo em si próprio e no processo. É também por isso que tal metodologia assume o caráter emancipatório, pois mediante a participação consciente, os sujeitos da pesquisa passam a ter oportunidade de se libertar de mitos e preconceitos que organizam suas defesas à mudança e reorganizam a sua autoconcepção de sujeitos históricos.

Como propõe o autor, tal metodologia permite que os sujeitos da pesquisa estabeleçam reflexões que possam interferir na vida cotidiana deles. Ela também contribui para a práxis, ou seja, quando teoria e prática caminham juntas e são indissociáveis.

A organização metodológica da proposta foi delineada da seguinte maneira: 1) seleção da temática como base na realidade dos sujeitos envolvidos, ou seja, no contexto em que a intervenção foi feita; 2) definição dos instrumentos utilizados na sistematização de dados, tais como a leitura de diferentes gêneros textuais que abordaram a temática, as atividades que envolveram leitura e interpretação do conto “Para que ninguém a quisesse”, de Marina Colasanti. Para a compreensão global e interpretativa do conto, foram propostas atividades de leitura com respaldo nos direcionamentos de Cosson (2016): motivação, introdução, leitura, primeira interpretação, contextualização, segunda interpretação e expansão.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA: UNIDADE ESCOLAR E PERFIL DOS ALUNOS

A proposta de intervenção pedagógica apresentada neste trabalho foi desenvolvida em uma escola estadual localizada no norte do Paraná, em uma região considerada periférica, cujo índice de violência e drogadição é alarmante, de acordo com a comunidade escolar. A instituição de ensino oferta o ensino fundamental II, o ensino médio e o profissionalizante nos períodos manhã, tarde e noite.

No ano de 2018, a escola contou com 38 turmas, 24 de ensino fundamental, 12 de ensino médio, 2 de ensino técnico e 2 de atendimento especializado, contando com 1.144 estudantes matriculados. Os dados referentes a 2019 não foram totalmente processados, de modo que não os apresentaremos nesta dissertação.

No que se refere aos índices de desenvolvimento educacional no ensino fundamental, foco desta pesquisa, a escola não teve avaliação no último Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), pois não houve um número de participantes no Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) suficiente para que os resultados fossem divulgados.

3.1.2 CARACTERÍSTICAS DA TURMA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, escolhemos uma turma de 30 alunos do 8.º ano. Eles são oriundos de vários bairros da cidade e estão na faixa etária entre 13 e 16 anos. Quanto ao aspecto cognitivo, o nível de conhecimento dos estudantes, em relação à leitura e à escrita, é regular, pois boa parte apresenta dificuldades na compreensão e na interpretação de textos em diferentes gêneros.

Quanto ao relacionamento interpessoal da turma, antes mesmo do delineamento desta pesquisa, percebemos que as agressões verbais entre os meninos e as meninas eram constantes, pois, em situações corriqueiras da sala aula, eles se ofendiam com palavras de baixo calão. Não presenciamos violência física; contudo, por meio do depoimento de alguns alunos, percebemos que eles reproduziam discursos vindos de suas casas. Ficou evidente que a violência doméstica ocorria, porém muitos não sabiam identificá-la e/ou não percebiam que atitudes como humilhar, xingar, proibir, intimidar, dentre outras, eram formas de agressão que, em alguns casos, eram veladas.

4 ANÁLISE DOS DADOS: RESSIGNIFICANDO A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA

Neste capítulo, propomos uma ressignificação da prática de leitura, buscando desenvolver no aluno o letramento literário com ênfase em estratégias voltadas à compreensão do tema **Violência contra a mulher**. Elencamos como objetivo principal trabalhar textos diversificados para ampliar o universo de leitura dos estudantes acerca da temática. Como síntese de todo processo, realizamos atividades por meio do conto **Para que ninguém a quisesse** (1986), de Marina Colasanti. Na proposta de intervenção, utilizamos o respaldo teórico de Cosson (2016), que sugere a sequência expandida como recurso metodológico na ampliação da discussão do que é a violência contra e mulher e como combatê-la.

O trabalho em sala de aula, mesmo diante de desafios como falta de infraestrutura, apoio familiar e desmotivação por parte dos alunos, permitiu reflexões que transcenderam os limites do texto, uma vez que a ideia de letramento busca contribuir para a formação de um leitor crítico, capaz de transpor para a realidade aquilo que foi possível aprender e discutir em sala de aula. Por isso, no decorrer das atividades, buscamos observar o posicionamento dos alunos frente a um tema tão atual e que, infelizmente, faz parte do cotidiano deles: a violência contra a mulher no ambiente familiar.

Para chegar a uma análise da importância da mediação da leitura literária pelo professor, realizamos a proposta por meio de dez oficinas, com duração de 50 minutos cada, no início do mês de dezembro de 2019.

Em relação às atividades aplicadas, as respostas dos alunos não foram todas transcritas neste texto por não se tratarem do objeto de estudo desta dissertação. É preciso informar que, do total de 30 alunos, nem todos os estudantes concluíram as atividades em sala de aula e/ou estiveram presentes em todas elas. Por isso, optamos por selecionar aleatoriamente dez atividades de cinco meninos e cinco meninas de cada oficina. Buscamos analisar como eles leem, interpretam e se posicionam diante da temática **Violência contra a mulher**.

Para que a essência do letramento literário pudesse ser alcançada, buscamos o respaldo de Cosson (2016) quando escreve que a literatura mais do que ensinar a ler e escrever tende a contribuir para a formação social do indivíduo.

Além do mais, outro aspecto importante é o caráter humanizador do texto literário, pois o encontro entre o mundo real e o ficcional permite ao leitor pensar sobre si mesmo e sobre a realidade do outro, talvez empatia seja a palavra mais adequada nesse processo de humanização.

Para tanto, a escolha do conto **Para que ninguém a quisesse**, de Marina Colasanti se justifica pela simplicidade e autoridade da escritora em falar de um tema tão atual, pois temos vivido momentos de tantas atrocidades, feminicídios, agressões físicas e verbais contra mulheres que é preciso a escola assumir o papel de mediadora nessas discussões sociais.

Por isso, ao caminhar pelas atividades, corroboradas por Cosson (2016), se faz importante entender que é papel da escola incentivar o trabalho com o texto literário. Sabemos que não existem estratégias de leitura finitas em si mesmas, mas cabe ao professor, mediador do processo de ensino e aprendizagem, desenvolver aquelas, cujo ato de ler ultrapasse a decodificação e permita ao aluno se ver como sujeito repleto de possibilidades diante do texto literário. O prazer da leitura pode estar em outros “mundos paralelos” criados pelo leitor. Mundo este que pode revelar verdades e sentimentos nunca antes experimentados pelo aluno. E quem sabe, uma personagem qualquer possa levá-lo a perceber marcas de “violência doméstica” que ele vivencia e não tem sabido identificá-las sozinho.

Nas seções seguintes, apresentamos os caminhos percorridos na mediação da prática de leitura literária a partir da proposta de Cosson (2016), dando ênfase à antecipação, decifração e interpretação do texto.

4.1. ANTECIPAÇÃO

O nosso desenvolvimento humano se dá pelas relações sociais, ou seja, pelo contato com mundo e com tudo que o rodeia. Partindo desse pressuposto, sabemos que os alunos não são uma folha em branco e, quando vêm para sala de aula, trazem suas experiências de vida. Portanto, como propõe Cosson (2016), antecipar é possibilitar que o estudante faça inferência, se posicione antes da leitura partindo de elementos básicos oferecidos pelo professor. No caso da proposta, o tema “violência doméstica”, o que significa, onde acontece e o que eles dominam sobre o assunto. Essa aproximação com a temática se deu por meio de um

questionário com dez questões de caráter dissertativo e objetivo.

4.1.2 DECIFRAÇÃO

O conto **Para que ninguém a quisesse** é uma obra contemporânea, escrita em meados dos anos 1980, e, embora o vocabulário do texto seja simples, é importante o papel mediador do professor em orientar os alunos quanto à definição de alguns termos que surgiram durante a aplicação das atividades e na própria narrativa, tais como violência doméstica; violência psicológica; violência patrimonial, dentre outras expressões que auxiliaram na compreensão global dos textos escolhidos. Foi interessante fazer o levantamento dos vocábulos que mais apareceram no decorrer das aulas e assim conduzir os alunos a uma pesquisa de vocabulário. Desse modo, com auxílio do celular, os estudantes pesquisaram na internet e compartilharam, oralmente com a turma, definições de termos como: **tosquiar, mimetizar**, dentre outros. Tal proposta além de enriquecer o campo lexical dos estudantes, permitiu a eles segurança diante da leitura.

4.1.3 INTERPRETAÇÃO

Este é o momento mais importante no processo de leitura, ou seja, quando o leitor atribui sentido ao texto de modo que suas experiências de mundo são confrontadas com o que foi lido. Essa etapa contribui para o processo de humanização, uma vez que o sujeito-leitor, além de atribuir sentido à narrativa, estabelece um diálogo concreto entre a materialidade, o contexto e o autor.

O leitor começa a construir sentidos a respeito de sua leitura, articulando os objetivos propostos com o texto, apresentado, iniciando um diálogo entre autor e leitor, texto e contexto, tanto da obra como do leitor. De acordo com Cosson (2016), é importante preparar o aluno para a leitura e dar a ele segurança em transitar por ideias e valores apresentados no texto, pois pensar em etapas para o ato de ler torna mais prazeroso e significativo o contato com a história, com os personagens e os espaços onde o enredo está ambientado algo.

Partindo então da verificação de que a maioria dos alunos do 8º ano não possui o hábito da leitura, pensar em estratégias é, sem sombra de dúvidas, uma

necessidade que o professor tem para tornar o trabalho pedagógico em sala de aula eficaz e transformador para o estudante. Sendo assim, ampliamos os conceitos apresentados por Cosson (2016) a respeito da sequência expandida.

Como já abordamos anteriormente, ensinar leitura em sala de aula é um trabalho árduo e desafiante, principalmente porque os jovens estão cada vez mais imersos no universo da tecnologia, dos smartphones e dos jogos, de modo que a leitura tem ficado cada vez mais escassa. É nesse momento que o protagonismo do professor entra em cena para, metodologicamente, desenvolver estratégias que resgatem no estudante o prazer de ler. Para tanto, pode-se lançar mão de propostas como a de Cosson (2016), que apresenta dois tipos de sequência para atividades de leitura em sala de aula: a básica e a expandida. O autor pontua que a primeira é mais indicada para os estudantes do Ensino Fundamental II. Já a segunda para os do Ensino Médio. Embora a pesquisa tenha sido desenvolvida em uma turma de Ensino Fundamental II, sistematizamos a nossa intervenção com foco na sequência expandida por acreditarmos que a temática exige um momento de ampliação mais significativa, pois diferentemente da básica, ela requer do leitor e do professor um olhar mais atento a alguns detalhes acerca da obra estudada.

Para atingirmos os objetivos apresentados para o trabalho com a interpretação do conto **Para que ninguém a quisesse**, elaboramos um questionário com 8 questões que pudessem estabelecer reflexões sobre o **tema violência contra a mulher**.

Desse modo, organizamos a sequência expandida em dez oficinas, materializadas em dez aulas. As respostas dadas pelos alunos às atividades realizadas durante a sequência serão analisadas nesta discussão, preservando-se a identidade dos alunos. O foco é para ilustrar o posicionamento deles quanto ao assunto estudado.

Sendo assim, algumas etapas são imprescindíveis para a compreensão global do texto lido, tais como (1) motivação; (2) introdução; (3) leitura; (4) primeira interpretação; (5) contextualização; (6) segunda interpretação e (7) expansão.

4.1.4 MOTIVAÇÃO

No que diz respeito à motivação, Cosson (2016) destaca a importância de

desenvolver no aluno a curiosidade sobre o tema abordado e/ou prepará-lo para adentrar o universo da leitura, para que ele estabeleça um diálogo com o texto. Essa conversa pode ser entendida como letramento literário, visto que, o leitor é capaz de ultrapassar os limites da materialidade linguística e inserir nela seu conhecimento de mundo. Como pontua Cosson (2016, p.54)

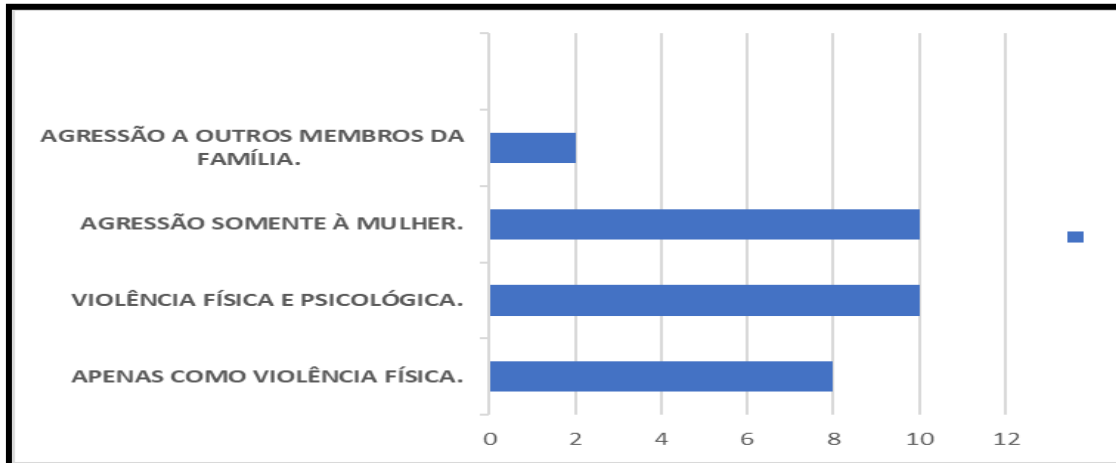
[...] a leitura demanda uma preparação, uma antecipação, cujos mecanismos passam despercebidos porque nos parecem muito naturais. Na escola, essa preparação requer que o professor a conduza de maneira a favorecer o processo de leitura como um todo. Ao denominar motivação a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação.

Esta observação do autor corresponde ao que diz a sabedoria popular “vender nosso peixe”; talvez, grosso modo, seja esta a ideia da motivação: estimular a curiosidade e o interesse diante de determinado assunto em sala de aula. E quem faz essa ponte entre o conhecimento e o aluno é o professor, agente transformador, aquele que aguça no aluno a vontade de descobrir o que há por detrás das letras.

Desse modo, com respaldo em Cosson (2016), dando início à ideia de motivação, com duração de uma aula, preparamos a **primeira oficina** com a aplicação de um questionário. Escrevemos na lousa a pergunta: **O que é violência doméstica?** Nesse momento da aula, não abrimos para discussão, mas aplicamos o questionário para sondarmos o que eles sabiam sobre o assunto. O questionário foi composto por dez questões de caráter subjetivo (questões abertas) e objetivo (questões fechadas), cujas respostas foram sistematizadas por meio de gráficos.

Para analisar as respostas, procedemos a uma categorização para facilitar a compreensão do que significa “violência doméstica” para os alunos. Como se pode observar no Gráfico 1.

Gráfico 1- Questão 1 (Para você o que é violência doméstica?)



Fonte: Autor,2020.

Elaborado pelo autor, a partir das respostas dos alunos ao questionário aplicado na primeira oficina

Observamos, num primeiro momento, que, dos 30 alunos que responderam ao questionário, houve um empate entre aqueles que entendem a violência doméstica como sendo tanto física como psicológica (**10**) e os que a interpretam como algo relativo somente à mulher (**10**). Essas respostas permitem ao professor ampliar a discussão e desmistificar, para os alunos, alguns conceitos sobre o assunto, de modo que os estudantes ampliem seu horizonte de compreensão. Essa interferência, no decorrer das atividades, visou ao letramento literário, momento em que os alunos trazem para a leitura seu conhecimento de mundo.

A título de exemplo, apresentamos as figuras 2 e 3 com respostas subjetivas que respaldaram a categorização para a discussão da questão 1. Na resposta apresentada na figura 2, de um dos alunos, evidencia-se que a ideia de violência doméstica está relacionada apenas à mulher, uma vez que crianças e idosos, que também são agredidas no ambiente familiar, não aparecem em sua resposta, ficando a relação de atos violentos restrito ao marido e a esposa.

Figura 2- Exemplo de resposta de um dos estudantes.

1) Para você, o que é violência doméstica?
 Violência doméstica é o
 marido agredir a esposa
 espancar, estuprar, matar

Fonte: acervo do autor, 2020.

Como mostra a figura 3, para um dos alunos, o conceito de violência doméstica é ampliado para aspectos psicológicos. Além deste estudante, outros nove alunos do total de 30, por apresentarem respostas semelhantes, entendem que a vítima de violência doméstica pode ser agredida tanto no aspecto psicológico como no físico. Nessas respostas, percebemos também que não houve identificação do sujeito violentado, podendo ser qualquer membro da família que se encontra em vulnerabilidade social: crianças, idosos e mulheres, apesar de essa inferência poder ser real ou não.

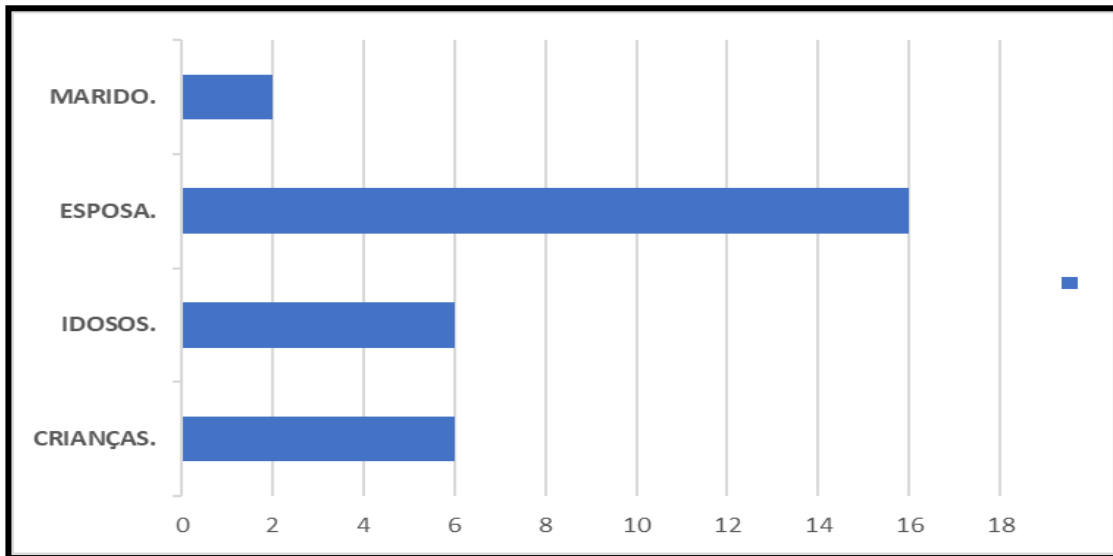
Figura 3- Exemplo de resposta de um dos estudantes.

1) Para você, o que é violência doméstica?
 É quando a vítima é
 agredida psicologicamente
 e fisicamente

Fonte: acervo do autor, 2020.

Na pergunta número dois, o gráfico mostra quem, no conceito dos alunos, sofre mais com a violência doméstica.

Gráfico 2- Questão 2 (Assinale abaixo quem pode ser vítima de violência doméstica).

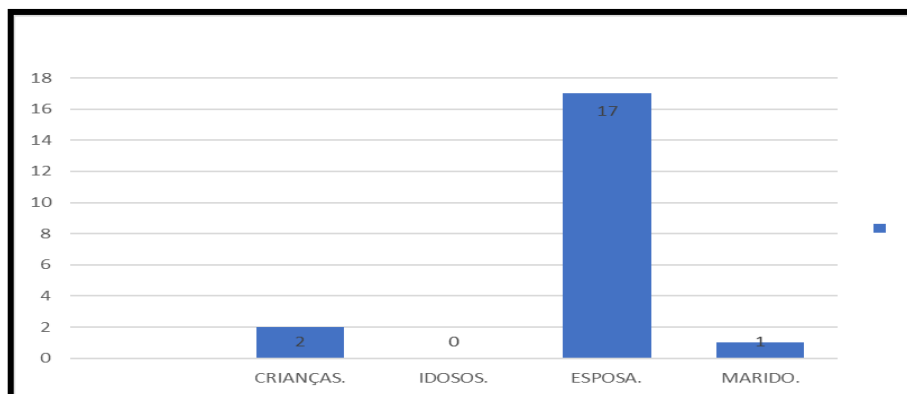


Fonte: Autor,2020.

Elaborado pelo autor, a partir das respostas dos alunos ao questionário aplicado na primeira oficina

Compreendemos, pela leitura do gráfico 2, que os alunos percebem, talvez porque a mídia tem noticiado inúmeros casos de feminicídio, de agressões contra as mulheres, que elas são vítimas potencial da violência doméstica. Porém, temos as crianças também sendo representadas como vítimas potenciais. Os números são apenas projeções da leitura feita pelos estudantes da questão, todavia podem servir de alerta na identificação da violência supostamente vivenciada pelos adolescentes e o reflexo dela no dia a dia da sala de aula. Muitos ainda ignoram que os idosos também sofrem maltratados no ambiente familiar.

Gráfico 3- Questão 3 (Para você, das alternativas abaixo, quem é mais vítima de violência doméstica?)



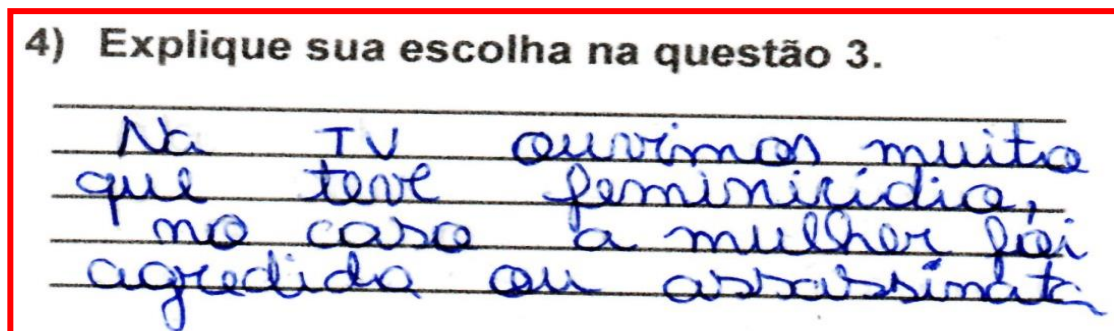
Fonte: Autor,2020.

Elaborado pelo autor, a partir das respostas dos alunos ao questionário aplicado na primeira oficina.

Na questão número 3, o estudante foi indagado sobre quem é mais vítima da violência doméstica. A resposta não foi diferente das apresentadas na questão anterior e as mulheres ainda aparecem como as maiores enquanto reféns da violência de uma sociedade machista. Essa interpretação dos alunos poderá ajudá-los na leitura do conto “Para que ninguém a quisesse” e na identificação de atitudes violentas do homem com relação a mulher.

Uma das justificativas dadas por um estudante, ao questionamento feito anteriormente, pode ser percebida por sua resposta à questão 4, em que o aluno insere seu conhecimento de mundo e o que sabe sobre o tema em questão:

Figura 4- Exemplo de resposta de um dos estudantes.



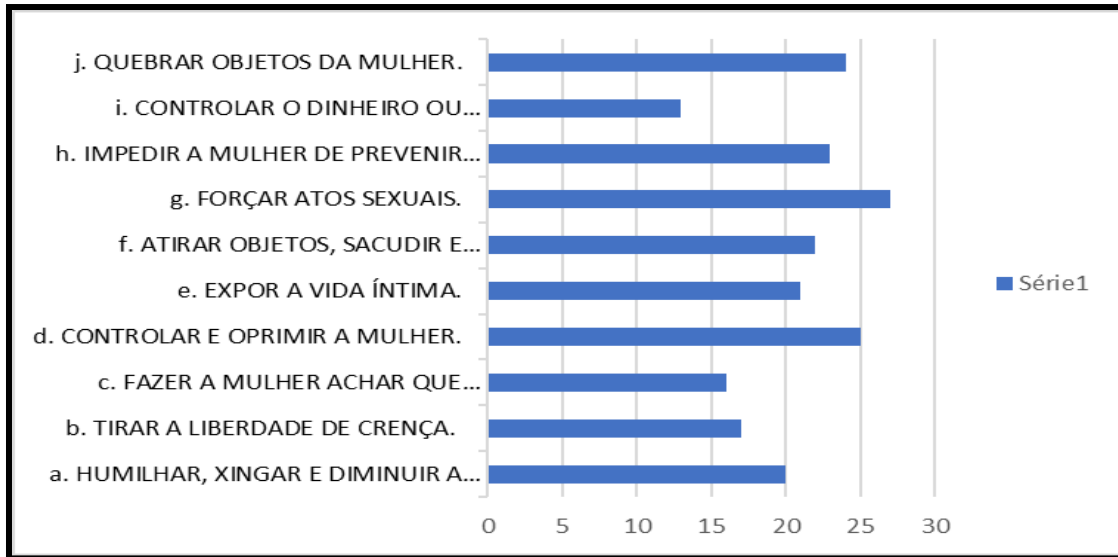
Fonte: acervo do autor, 2020.

Lembramos que esta pesquisa é de caráter qualitativo. No entanto, os dados apresentados quantitativamente servem apenas para uma breve leitura da visão que os adolescentes têm sobre o que é a violência doméstica.

As respostas dadas à pergunta número 7 do questionário também nos permitiu constatar o que pode ser entendido pelos alunos como violência doméstica. Tal leitura é relevante, uma vez que, para a interpretação do conto “Para que ninguém a quisesse”, os estudantes precisarão acionar as informações que caracterizam as ações de violência tanto no aspecto físico como no psicológico, presentes na Lei Maria da Penha.

O gráfico 4 é uma ilustração do que a maioria dos alunos entende como violência contra a mulher, conforme suas respostas à questão 7.

Gráfico 4- Questão 7 (Marque o que pode ser considerado violência doméstica contra a mulher).



Fonte: Autor,2020.

Elaborado pelo autor, a partir das respostas dos alunos ao questionário aplicado na primeira oficina

Entendemos como positivos os dados revelados no gráfico 4, pois, dos 30 alunos, 25 compreendem que todos os itens colocados para a escolha representam marcas de violência contra mulher. Porém a opção **c** (Fazer a mulher achar que está ficando louca) e a opção **i** (controlar o dinheiro ou reter documentos) foram as que os estudantes menos identificaram como um resquício de violência.

Começar a motivação para a leitura com a aplicação do questionário nos permitiu traçar um perfil da turma e pensar como mediar as atividades para leitura do texto literário. Verificamos que os alunos, na sua maioria, entendem que a violência contra a mulher se materializa de várias maneiras, tanto por meio de agressões físicas e psicológicas como de retenção, subtração de direitos e de pertences. Após a atividade com o questionário, pedimos para que os estudantes refletissem sobre as questões aplicadas. Nesta etapa, para que eles entendessem de maneira lúdica o que é a Lei Maria da Penha, exibimos o vídeo “A Lei Maria da Penha em Cordel”, do cordelista Tião Simpatia. Não exploramos as características do gênero poesia de cordel, pois o foco era apenas apresentar, de modo mais interativo, os artigos da Lei que protege a mulher. O interessante, nesta atividade, foi que, após assistirem ao vídeo, os alunos que não assinalaram algumas alternativas da questão 7 posicionaram-se e queriam refazer o questionário, pois passaram a compreender que a violência contra a mulher vai além da agressão física e envolve, também, a violência psicológica, patrimonial, dentre outras.

Figura 5- A Lei Maria da Penha em Cordel



Disponível em: <https://www.letras.mus.br/tiao-simpatia/a-lei-maria-da-penha-em-cordel/>. Acesso em 15 out. 2018.

De acordo com Cosson (2016), a etapa de motivação deve ser organizada para apenas uma aula. Contudo, diante da complexidade do tema e da necessidade de ampliar o universo de leitura do aluno, estendemos este momento para três oficinas desenvolvidas em três aulas: a primeira para o questionário; a segunda para um diálogo sobre o tema **violência doméstica**; a terceira para sintetizar a motivação para entrar no universo do conto “Para que ninguém a quisesse”.

Ao discutir sobre a importância do trabalho de mediação da leitura do texto literário em sala de aula, Cosson (2016) explicita que

[...] As motivações que propusemos sempre foram bem recebidas pelos alunos. Acreditamos que o elemento lúdico que elas contêm ajudaram a aprofundar a leitura da obra literária [...] É preciso lembrar que a motivação prepara o leitor para receber o texto, mas não silencia o texto nem o leitor... Naturalmente, a motivação exerce uma influência sobre as expectativas do leitor, mas não tem o poder de determinar sua leitura (COSSON, 2016, p.56).

Como destaca o autor, não há um determinante de que a prática de motivação irá propiciar uma leitura significativa. Porém ela é um caminho para despertar a curiosidade nos alunos, acionar o conhecimento de mundo deles sobre o tema abordado e ajudá-los no percurso da leitura do texto de maneira segura e

eficiente. Lembrando que, por uma leitura eficiente, entendemos que é aquela em que o estudante atribui sentido ao que é lido. Ao atribuir sentido e trazer a leitura para o cotidiano, ele realiza, assim, o letramento literário.

A **segunda oficina** de leitura teve como objetivo propor uma roda de conversa sobre o tema **Violência Doméstica**, por meio da imagem da **figura 6**, possibilitando que os estudantes analisassem os efeitos de sentidos propostos pelo gênero textual pôster e pela letra da música “Coração pede socorro”, da cantora sertaneja Naiara Azevedo. Optamos por não nos aprofundarmos nas características dos gêneros textuais apresentados, mas apenas levantar questionamentos acerca da intencionalidade dos textos no que se refere ao tema **Violência Doméstica**. Nesse momento, verificamos a relevância de mediar a discussão para que os alunos encontrassem as marcas da violência velada, mascarada em conceitos de amor.

Entregamos para cada estudante uma cópia da imagem da **figura 6** e fizemos algumas perguntas para serem respondidas individualmente, para depois serem compartilhadas com a turma no coletivo. Antes, explicamos que a imagem é de um texto publicitário produzido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Figura 6- Pôster “Até que a morte nos separe”.



Disponível em: <https://tendimag.com/2012/12/19/ate-que-a-morte-nos-separe>. Acesso em 15 jul. 2018.

Retomando algumas reflexões já realizadas na oficina anterior, foram feitos aos alunos os seguintes questionamentos:

- 1) Qual é a diferença entre violência física e a violência verbal?
- 2) Qual é o papel social das mulheres acima? Como elas estão vestidas e o que isso representa?
- 3) O que você entende pela expressão “Até que a morte nos separe”? De onde ela surgiu?
- 4) Você acredita que um casamento deve ser para sempre? Explique.

Esse questionário foi pensado para que os alunos pudessem trazer o conhecimento de mundo para a leitura, suas impressões e seu posicionamento crítico diante de uma temática tão atual e relevante para o contexto em que estamos inseridos. A esse momento de leitura chamamos de interpretação externa, pois a relação entre texto e o social fica evidente na maneira como os estudantes argumentaram. Percebe-se que o nível de leitura é fácil, visto que nosso objetivo maior era que eles falassem e demonstrassem o impacto que tiveram com a imagem.

No **quadro 1**, temos uma transcrição literal de algumas respostas dos alunos com relação à leitura do pôster.

Quadro 1- Reflexões dos alunos sobre a leitura do Pôster.

RESPOSTAS DOS ALUNOS	QUESTÃO 1	QUESTÃO 2	QUESTÃO 3	QUESTÃO 4
ALUNO 1	Física é quando tem contato corporal e verbal é agressão por meio de palavras.	Noivas, estão vestidas de noivas, que elas vão se casar.	O casal só pode separar quando um dos dois morre, do casamento.	Não, ninguém é obrigado a ficar com uma pessoa pro resto da vida.
ALUNO 2	A diferença é que a violência física é quando se agride e a violência verbal é quando passa a xingar.	Elas estão vestidas de noivas que elas vão se casar.	Casados só pode se separar quando um dos dois morre.	Não, porque passa um tempo que não vai dando certo o casamento aí eles se separam.
	Física: você bate. Verbal: você	Vítimas. Como noivas e representa que elas estão sofrendo	Casamento. Para que o casal vive uma vida juntos quando morre acaba.	Sim. Um casamento verdadeiro de duas pessoas que se amam

ALUNO 3	xinga e humilha	violência doméstica pelo marido.		tem que ficar pra sempre juntos. Mas não, se tiver violência.
ALUNO 4	A violência física agride e a violência verbal mexe com o psicológico.	Ela quer construir uma família. Elas estão vestidas de noiva.	Que surgiu no casamento, mas no caso delas vão morrer porque elas estão sendo agredidas.	Sim e não. Se existir amor de verdade é sim, mas se partir para a agressão, não.
ALUNO 5	Física: quando agride. Verbal: machuca com palavras ofensivas.	Aquelas mulheres que querem constituir uma família.	Na igreja na hora do casamento. Você tem que prometer que vai ficar com sua parceira até que a morte e cuida dela.	Sim porque todo mundo quer ter uma família, alguém para conversar, brincar e amar.

Fonte: Autor,2020.

Elaborado pelo autor, a partir das respostas dos alunos ao questionário aplicado na segunda oficina.

Embora tenha sido apenas uma proposta de motivação para que os alunos acionem o conhecimento que possuem sobre o tem **Violência doméstica**, as respostas, satisfatoriamente, representaram que a grande maioria sabia diferenciar o que é violência física da violência verbal. Inclusive, quando levamos a discussão para o grande grupo, alguns alunos deram exemplos de vizinhos que xingam suas esposas, humilham, além de agressões físicas. Quanto à ideia de casamento, as meninas, principalmente, expressaram que as mulheres sonham com o casamento “tradicional”, de serem cuidadas, protegidas e constituírem família.

O casamento é uma idealização social e religiosa e que para muitos ainda existe a ideia do “para sempre”. Porém, os alunos demonstraram um posicionamento coerente durante a conversa de que as pessoas não devem permanecer juntas se houver agressão, falta de amor e respeito.

Cosson (2016) enfatiza que a leitura dos textos literários cumpre o papel de provocar no leitor um “rebuliço” emocional, permitindo-nos sair da zona de conforto, da inércia e da passividade social em que, muitas vezes, nos encontramos quando nos deparamos com temáticas tão densas como a violência contra a mulher. Por isso, devemos buscar um momento para refletirmos, analisarmos e nos posicionarmos criticamente, a fim de olhar o mundo e os detalhes. É preciso o desenvolvimento da empatia e nos reconhecer como sujeitos transformadores da própria realidade. Como diria Candido (1985), são nas leituras das relações humanas que nos humanizamos, e a literatura permite essa ponte entre o mundo

real e o imaginário/idealizado.

Na sequência, ainda na **oficina 2**, exibimos a música **Coração pede socorro**, da cantora Naiara Azevedo, para que os alunos estabelecessem a relação de sentido entre o pôster e letra da música. Destacamos alguns versos e orientamos os estudantes para que analisassem e percebessem quais tipos de violência podiam ser identificados na canção. Em um primeiro momento, colocamos o áudio para ouvirem. Em seguida, eles responderam a três questões e compartilharam as respostas em uma da roda de conversa. A ideia, a princípio, era desenvolver a atividade de motivação de maneira breve, como propõe Cosson (2016), todavia a discussão sobre o tema foi ganhando espaço e os alunos demonstraram interesse, por isso a inserção de outros textos enriqueceu a prática de leitura. Apresentamos questões para ampliar a reflexão dos estudantes, pois acreditamos que essa etapa aguçaria ainda mais a sensibilidade diante da temática. Exemplos de respostas para esses questionamentos podem ser observadas no **quadro 2**.

Quadro 2-Respostas dos alunos para a leitura da letra de música “Coração pede socorro”, de Naiara Azevedo.

QUESTÕES	ALUNO 1	ALUNO 2	ALUNO 3	ALUNO 4
1- Quem é o eu-lírico da música? Quem ele representa?	“A mulher, a vítima de violência doméstica”.	A mulher, a pessoa que sofre violência”	“Naiara Azevedo. A mulher que está sofrendo violência doméstica”	“Naiara Azevedo representa a mulher que está sendo machucada”.
2- Explique o que o eu-lírico nos faz pensar por meio dos versos: “Aquele sentimento alucinado”.	“Que ela está iludida, que aquele não é seu amor”.	“A paixão e o sentimento dela por ele”.	“Ela tinha paixão por ele”.	“Um sentimento receoso que algo iria acontecer”.
“Bastava um olhar pra eu entender”	“Entender que ela estava sofrendo violência doméstica”.	“Olhava e sentia medo, calafrio”.	“Para entender que ela gosta mesmo dele”.	“Um olha de medo, sabia que algo ia acontecer”.
“Nem que eu queira eu te apago da minha mente”.	“Ela tenta esquecer ele, mas não consegue pelas marcas de dor e tristeza que ele deixou”.	“Ela não consegue apagar da mente porque deixou mágoas”.	“Ela lembra as mágoas”.	“Ela tem marcas no corpo que não dá para apagar”.
3) Explique a relação de sentido entre o	“Que elas contem marcas de	“Ela tem medo do amor que	“As duas são mulheres que	“Os dois tem marcas de violência

poster da APAV com a letra da música "Coração pede socorro".	violência doméstica".	sente por ele".	se casaram e sofreram violência doméstica".	doméstica"
--	-----------------------	-----------------	---	------------

Fonte: Autor,2020.

Elaborado pelo autor, a partir das respostas dos alunos ao questionário aplicado na segunda oficina.

Ao analisarmos o quadro 2, que é apenas um recorte das respostas dos alunos, constatamos que muitos conseguiram perceber que o eu-lírico expressava marcas de violência doméstica. O nível de leitura da letra de música permitiu um pouco mais de interação com o texto, mesmo que na superficialidade dele. As três questões retomaram e ampliaram as discussões feitas anteriormente por meio da leitura do pôster.

O momento de motivação e/ou apresentação do tema em estudo foi importante para conhecer o que os adolescentes sabiam e vivenciavam sobre a violência contra a mulher. Não propusemos uma leitura mais aprofundada dos textos nesse momento, apenas os utilizamos para garantir o encontro entre o aluno, a temática e o texto literário que seria trabalhado na sequência, pois, como destaca Cosson (2016), no momento da motivação é possível preparar o alunado para confrontar ou reiterar os efeitos de sentidos do texto.

Ao desenvolver as atividades, percebemos que os alunos gostavam muito de músicas e que possuíam gostos variados quanto aos gêneros musicais. Por esta razão, com foco na leitura do conto **Para que ninguém a quisesse**, de Marina Colasanti, concluímos a etapa de motivação apresentando na **oficina 3** a música sertaneja **Propaganda**, de Jorge e Mateus. A escolha da canção se justificou pela relação de sentido que ela tem com o conto lido pelos alunos.

Figura 7- Letra da música *Propaganda*, de Jorge e Mateus

Propaganda

Jorge e Mateus

Ela queima o arroz
 Quebra copo na pia
 Tropeça no sofá
 Machuca o dedinho e a culpa ainda é minha
 Ela ronca demais
 Mancha as minhas camisas
 Dá até medo de olhar quando ela tá naqueles dias

É isso que eu falo pros outros
 Mas você sabe que o esquema é outro
 Só faço isso pra malandro não querer crescer o olho
 Tá doido que eu vou fazer propaganda de você
 Isso não é medo de te perder, amor
 É pavor, é pavor
 É minha, cuido mesmo, pronto e acabou

Disponível em

https://www.youtube.com/watch?v=mQr7XemLs8s&list=PLous2_zFROGIUbrSYvi07VYO9oyz9WPtp. Acesso em 17 out. 2018.

A atividade com a música foi uma preparação mais direcionada para a leitura do conto de Marina Colasanti, visto que tanto o eu-lírico da canção como o narrador do conto tecem uma visão do papel social da mulher com relação ao homem no ambiente familiar, partindo da perspectiva do olhar machista e patriarcal. Levamos para a sala de aula, a letra da música e a melodia, estabelecemos reflexões referentes à ideia de amor apresentada pelo eu-lírico. Explicamos o conceito de violência velada, ou seja, aquela que não se evidencia de maneira clara, sendo confundida, muitas vezes, como uma forma de carinho. Como proposta de reflexão, elencamos dez questões que foram respondidas em duplas e depois compartilhadas oralmente com a turma.

É pertinente enfatizar que o posicionamento dos estudantes, com relação aos efeitos de sentido do texto, que, por sua vez, também é literário, permitiu a transposição da leitura para cenas do cotidiano, e isso representa o percurso para se chegar ao letramento literário. O quadro seguinte permite uma leitura das respostas dadas por meninas e meninos. Tal divisão tem apenas o intuito de avaliar que, independentemente do gênero masculino ou feminino, a concepção de

igualdade, direitos e respeito é a mesma. Os estudantes demonstraram que, embora em sala de aula ainda haja comentários e brincadeiras desagradáveis por parte de alguns, reconhecem que as mulheres devem ser respeitadas.

Quadro 3- Exemplo das respostas dos alunos sobre a música Propaganda, de Jorge e Mateus”.

QUESTÕES	MENINAS	MENINOS
1- Por que o título da música é “Propaganda”?	<ul style="list-style-type: none"> • Porque ele está oferecendo a mulher. • Porque ele não falar dele, fazer propaganda. • Porque ele fala uma coisa ao contrário da mulher. 	<ul style="list-style-type: none"> • Porque ele retrata uma propagada da mulher dele. • Porque ele está anunciando um produto.
2- Na música, algum produto é anunciado?	<ul style="list-style-type: none"> • Não. 	<ul style="list-style-type: none"> • A mulher dele/esposa.
3- Quem, provavelmente, faz o anúncio?	<ul style="list-style-type: none"> • O marido. • O Cantor. • O homem. • O namorado. 	<ul style="list-style-type: none"> • O homem. • O suposto namorado. • O marido.
4- A propaganda é feita com qual intenção? Explique.	<ul style="list-style-type: none"> • Mostrar como é a mulher. • Para magoar a mulher. • Para ninguém querer. • Deixar claro que a mulher é dele. 	<ul style="list-style-type: none"> • Para que ninguém queira a mulher. • Deixar claro que a mulher é dele.
5- Na primeira estrofe, são apresentadas quais características do “produto”?	<ul style="list-style-type: none"> • Que a mulher não presta, queima o arroz, quebra o copo na pia, mancha a camisa e outras coisas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Queima o arroz, quebra o copo na pia, mancha a camisa.
6- A intenção do anunciante é vender o “produto”? Explique.	<ul style="list-style-type: none"> • Não deixar ninguém encostar nela. • Não porque mulher não se vende. • Não porque ela é só dele. • Não, é para ninguém querer o produto. • Não, a intenção é fazer uma propaganda contrária. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não e sim alertar as pessoas. • Não, ele quer que ninguém olhe para ela. • Não. Porque ele quer só para ele.
7- O que você pensa sobre tratar as pessoas como objeto, ou seja, produtos a serem expostos/vendidos?	<ul style="list-style-type: none"> • Uma idiotice. • Não é certo porque ninguém é propriedade de ninguém. • Eu acho errado porque ninguém merece ser tratado como objeto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Errado. • É errado, cada um é dono do seu ser. • Acho horrível, um absurdo.
8- No último verso, o eu-lírico usa um pronome possessivo “ minha ”. O que ele afirma com isso?	<ul style="list-style-type: none"> • Que ele é dono dela e pronto. • Que a mulher é dele e demais ninguém. 	<ul style="list-style-type: none"> • Que a mulher é dele e demais ninguém.

9- Você já ouviu a expressão “ ele é possessivo demais ”? O que ela quer dizer?	<ul style="list-style-type: none"> • Que a pessoa é muito ciumenta. • “Que ele é muito ciumento e controlador. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sim, é muito ciumento.
10- O que o eu-lírico afirma com a expressão “Só faço isso para malandro não querer crescer o olho”.	<ul style="list-style-type: none"> • Ele quer “proteger” ela de outros homens, outros olhares ou comentários. • Que é para ninguém mais querer ou desejar a mulher dele. • Que ele tem ciúmes e quer ela só para ele. 	<ul style="list-style-type: none"> • Para que ninguém queira a mulher.

Fonte: Autor, 2020.

Elaborado pelo autor, a partir das respostas dos alunos ao questionário aplicado na segunda oficina.

A transcrição das respostas evidencia o olhar dos alunos em relação à violência mascarada, muitas vezes confundida com a ideia de amor. Não houve a intenção de discorrer sobre o nível de leitura apresentado em cada questão, pois, logo em seguida, buscamos encaminhar a proposta do conto a ser lido. Inclusive, a justificativa dada por boa parte dos alunos a respeito da pergunta 10 já antecipa o título do conto **Para que ninguém a quisesse**, ou seja, a propaganda da mulher é feita pelo homem para que ninguém a queira.

Ao estabelecer essa reflexão do papel social que a mulher ocupa, buscamos como professores de literatura, possibilidades de propor um letramento diferente, que ocupe um lugar único com relação à linguagem, pois cabe à literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (Cosson, 2016, p.17), porque é na escola que o texto literário contribui para que valores pautados em injustiças e desigualdades sejam combatidos.

Ao concluirmos o momento de motivação, pensamos que talvez pudéssemos ter diminuído a quantidade de atividades, pois os alunos, no geral, demonstraram estar familiarizados com o tema **Violência doméstica** já na **oficina 2**. No entanto, a inserção de outros textos ampliaram a discussão e colaboraram para que os estudantes se posicionassem de maneira crítica diante do assunto.

Dando continuidade às atividades, os estudantes foram preparados para a próxima etapa da sequência expandida: a introdução.

4.1.5 INTRODUÇÃO

A leitura de um texto literário exige que o leitor acione alguns conhecimentos prévios que podem ajudá-lo a se sentir mais seguro e autônomo diante da materialidade linguística. Cosson (2016) considera a introdução como um momento significativo para o aluno, pois a maneira como a apresentação do que será lido é feita pode tanto aguçar o universo de expectativa do leitor como também provocar o desinteresse pelo texto. O autor ainda acrescenta que

[...] a seleção dos elementos que serão explorados, a ênfase em determinados aspectos dos paratextos e a necessidade de deixar que o aluno faça por si próprio, até como uma possível demanda da leitura, outras incursões na materialidade da obra, são as características de uma boa introdução (COSSON, 2016, p.61).

Como destaca Cosson (2016), na introdução, elementos simples devem ser apresentados aos estudantes, tais como: informações acerca do autor, livro onde o texto está inserido, possíveis ilustrações, dentre outros elementos paratextuais que, estimulam a curiosidade antes da leitura literária.

O momento da introdução coloca o leitor em contato com os diferentes elementos do texto que ajudarão na prática de leitura. Como observa, Kleiman (2013, p.12), “a leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”. Partindo da reflexão da autora, conhecer um pouco sobre o autor de um determinado texto é uma das estratégias de leitura, uma vez que o ato de ler é um processo de construção de sentidos, pois, ao escrever, o autor traz para a escrita suas experiências de mundo e percepções da realidade, buscando aproximá-las do leitor.

A introdução foi realizada na **oficina 4**. Imprimimos a imagem de Marina Colasanti junto com uma breve biografia e, na sequência, a ilustração da capa do livro e algumas informações importantes sobre ele. Embora o gênero biografia tenha sido utilizado na atividade, como o foco da proposta foi apenas utilizar estratégias de leitura, não ampliamos discussões acerca desse gênero. O intuito era levar o aluno a perceber as marcas próprias de Mariana Colasanti na escrita do conto, assim como o seu papel social na defesa da identidade da mulher.

Figura 8- Informações sobre Marina Colasanti.



Olá! Meu nome é Marina Colasanti. Nasci em 1937 na cidade de Asmara, capital da Eritreia, depois me mudei para Trípoli, na Líbia. Já residi na Itália e vim para o Brasil em 1948 com minha família, onde vivo até hoje na cidade do Rio de Janeiro. Sou casada com o também escritor Affonso Romano de Sant'Anna e tenho duas filhas, Fabiana e Alessandra Colasanti.

Sou formada em Artes Plásticas, desenvolvi atividades em televisão, editando e apresentando programas culturais. Fui publicitária e tradutora de importantes autores da literatura universal.

Meu primeiro livro foi publicado em 1968. Hoje são mais de cinquenta títulos lançados no Brasil e no exterior, entre os quais, livros de poesia, contos, crônicas, livros para crianças e jovens, além de ensaios sobre os temas: **literatura, feminino, arte, problemas sociais e amor**. Por meio da literatura, tive a oportunidade de retomar minha atividade de artista plástica. Agora, eu mesma faço as ilustrações dos meus livros.

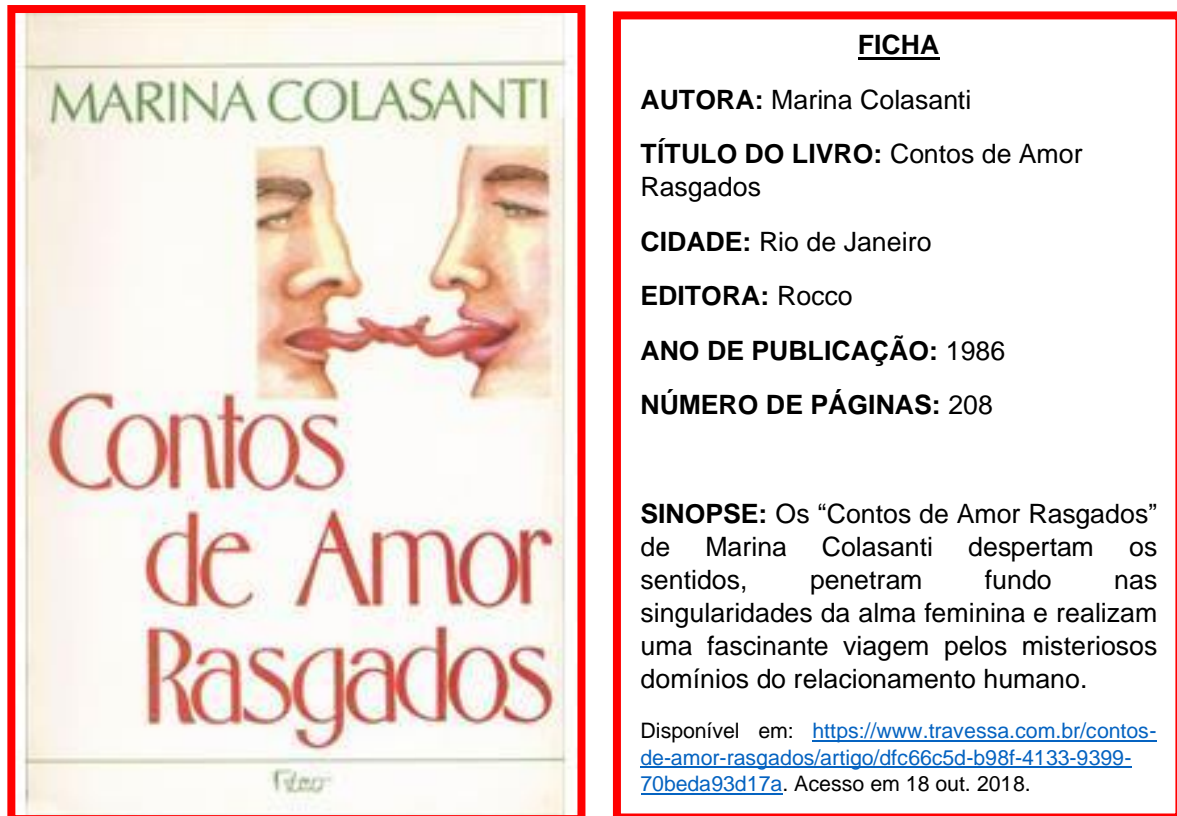
Leia um dos contos que escrevi, **Para que ninguém a quisesse** e se divirta! Boa leitura!

Disponível em: <https://www.marinacolasanti.com/p/biografia.html>. Acesso em 18 out. 2018.

Fonte: Adaptado pelo autor, 2018.

Com respaldo nas orientações das estratégias de leitura propostas por Cosson (2016), as etapas desse momento foram organizadas por meio da seguinte ordem: apresentação da autora Marina Colasanti por meio do vídeo “Marina Colasanti 80 anos”, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-iOg3WLEWkk>>, leitura da capa e da contracapa do livro e um breve resumo da ideia central do livro de contos. Levamos o livro “Contos de amor rasgados” para a sala de aula e fizemos a leitura aleatória de duas histórias curtas para que os estudantes percebessem qual é a temática trabalhada pela autora.

Figura 9- Apresentação da obra *Contos de Amor Rasgados*.



FICHA

AUTORA: Marina Colasanti

TÍTULO DO LIVRO: Contos de Amor Rasgados

CIDADE: Rio de Janeiro

EDITORA: Rocco

ANO DE PUBLICAÇÃO: 1986

NÚMERO DE PÁGINAS: 208

SINOPSE: Os “Contos de Amor Rasgados” de Marina Colasanti despertam os sentidos, penetram fundo nas singularidades da alma feminina e realizam uma fascinante viagem pelos misteriosos domínios do relacionamento humano.

Disponível em: <https://www.travessa.com.br/contos-de-amor-rasgados/artigo/dfc66c5d-b98f-4133-9399-70beda93d17a>. Acesso em 18 out. 2018.

Fonte: adaptado pelo autor, 2018.

Para Cosson (2016), é importante que, ao apresentar o autor e a obra, o professor explique e justifique porque aquele livro foi escolhido. Portanto, depois da motivação e da leitura aleatória de dois contos, os estudantes compreenderam que as narrativas retratavam a relação amorosa entre casais e que nessa relação existia marcas de violência doméstica. Em um primeiro momento, justificamos que a escolha do livro se deu por se tratar de histórias curtas, com uma linguagem simples e que retrata cenas do cotidiano.

Na sequência, apresentamos o título do conto que leríamos **Para que ninguém a quisesse**. Elencamos com questionamentos orais qual seria a ideia principal da história. Esse foi um momento muito importante do trabalho, pois vários alunos fizeram a comparação do título do conto com a música **Propaganda**, dos cantores sertanejos Jorge e Mateus. Eles apontaram o fato de o eu-lírico da canção tecer características negativas da esposa/namorada para que os outros homens não a quisessem. As atividades aplicadas na introdução duraram 1 aula, pois, de acordo com Cosson (2016), elas têm a função apenas de permitir que o aluno recepcione a

obra de modo a aguçar a curiosidade em saber o que encontrará ao longo da leitura do texto.

4.1.6 LEITURA

Das estratégias de leitura, este é um dos momentos importantes do contato do aluno com o texto a ser lido. Quem estabelece a ponte entre a materialidade e o aluno em sala de aula é o professor. O papel do educador, no processo de ensino e aprendizagem, é mediar as atividades pedagógicas de modo que o estudante se sinta seguro para desenvolvê-las.

Sendo assim, Cosson (2016) considera que é preciso que o professor estabeleça objetivos claros a serem atingidos no decorrer da prática de leitura e acompanhe de perto o aluno, não para policiá-lo, mas no intuito de ajudá-lo diante de possíveis dificuldades. Segundo o autor,

[...] lemos o mesmo livro de maneira diferente em diferentes etapas de nossas vidas. Tudo isso fica ainda mais evidente quando percebemos que o que expressamos ao final da leitura de um livro não são sentimentos, mas sim os sentidos do texto. E é esse compartilhamento que faz a leitura literária ser tão significativa em uma comunidade de leitores (COSSON, 2016, p.28).

Ao sondar a maneira como o aluno lê, o professor pode solicitar a ele o resultado da leitura por meio de impressões e hipóteses que ele teve no primeiro contato com o texto. O objetivo do acompanhamento do estudante se justifica, de acordo com Cosson (2016), porque ajudar os estudantes a dirimirem algumas dificuldades relacionadas à compreensão de palavras ou ideias presentes no texto. A relevância está em estimular o leitor para que ele não perca o interesse pela leitura.

A leitura do texto literário, no entanto, é muito mais do que decodificar códigos. Conhecer o significado das palavras nos diferentes contextos é importante para a autonomia do leitor, porém só a definição de termos não torna a leitura eficaz, pois é na construção de sentidos que a prática de letramento de fato acontece. Isto porque

[...] a leitura guarda em si o presente, o passado e o futuro das palavras; que na leitura e na escrita dos textos literários encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar dessa experiência. O processo formativo do leitor e do escritor acontece por meio das palavras fictícias. É por possuir essa função de transformar sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas a que a literatura tem e precisa manter um lugar especial na escola (COSSON, 2014, p.17).

Com base nas reflexões do autor, compreendemos que a leitura precisa fazer sentido, aguçar a imaginação e a curiosidade, promovendo um aprendizado significativo, que desafie o aluno a compreender os sentidos do texto e, ao mesmo tempo possibilite a ele a humanização, a capacidade de perceber o mundo, as pessoas e de desenvolver a empatia, além de capacitá-lo a expressar sua opinião tanto na oralidade como na escrita de maneira segura e crítica.

Sobre a leitura, Brandão e Micheletti (2002, p.9) acrescentam ainda que ela

[...] é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de intelecção de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva.

Evidencia-se, nas palavras das autoras, que o ato de ler vai além da capacidade de expressar sentimentos, emoções ou pensamentos por meio das palavras. A leitura é a arte de revelar as emoções mais profundas do leitor, colaborando para que ele conheça a própria realidade em que vive, amplie as relações sociais, leia o mundo e busque possibilidades para mudá-lo.

Para Silva (2011, p.49-50),

[...] ao experienciar a leitura, o leitor executa um ato de compreender o mundo. De fato, o propósito básico de qualquer leitura é a apreensão dos significados mediatizados ou fixados pelo discurso escrito, ou seja, a compreensão dos horizontes inscritos por um determinado autor, numa determinada obra. O “compreender” deve ser visto como uma forma de ser, emergindo através das atitudes do leitor diante do texto, assim como através do seu conteúdo, ou seja, o texto como uma percepção ou panorama dentro do qual os significados são atribuídos. Nesse sentido, não basta decodificar as representações indiciadas por sinais e signos; o leitor (que assume o

modo da compreensão) porta-se diante do texto, transformando-o e transformando-se.

Na concepção de Silva (2011), a leitura precisa estimular no leitor a criatividade, a capacidade de transformar o texto, inserir nele o conhecimento de mundo e permitir que ele o transforme, dando-lhe autonomia para compreender e interpretar os sentidos do texto de maneira segura, pois, no momento da leitura, o sujeito não apenas abstrai os sentidos presentes no texto, mas interage com este por meio de seus conhecimentos e experiências adquiridas nas relações sociais.

Na **oficina 5**, antes de iniciarmos a leitura do conto, disponibilizamos cópias do texto para os alunos que, em um primeiro momento, realizaram a leitura individual da narrativa. Na sequência, fizemos uma segunda leitura, colocando um fundo musical, tom de meditação (Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6E-Tw1074B0>> Acesso em 22 set.2019) e fizemos a leitura do conto em voz alta, inserindo as pausas necessárias para a fruição do texto, buscando sensibilizar e chamar a atenção dos estudantes para as etapas em que a personagem sofre o processo de transformação psicológica e perda da identidade feminina, no que se refere à ideia de beleza.

Na sequência, a discussão acerca da narrativa se deu por meio de uma roda de conversas feita com os alunos, observando o que eles sentiram durante a leitura, se encontraram palavras difíceis e o momento que eles mais se surpreenderam com o texto. De modo geral, os estudantes relataram que, na segunda leitura, acompanhada do fundo musical e feita pelo professor, eles tiveram uma sensação de tristeza e perceberam o quanto a mulher estava sofrendo. Para eles, a parte que mais lhes chamou à atenção foi o desfecho, quando a mulher é comparada a um móvel dentro de casa. Essas primeiras impressões permitiram aos alunos se posicionarem diante do texto e começarem a interpretar os sentidos que subjazem a narrativa.

4.1.7 PRIMEIRA INTERPRETAÇÃO

Interpretar um texto não é uma tarefa fácil, pois é preciso que o leitor vá além do que está materializado. No que tange ao processo de leitura literária,

Cosson (2016) classifica a interpretação em dois momentos: o interior e o exterior. O interior corresponde à capacidade que o aluno tem de decifrar, ou seja, as letras são dispostas de modo a organizarem as palavras e, por fim, sistematizam o texto, facilitando assim a decifração, que culmina na compreensão global por parte do aluno. O exterior está relacionado à concretização da interpretação feita, ou seja, nessa etapa, o estudante constrói sentidos para o que leu. Por isso, é importante que se estabeleçam momentos para que os alunos compartilhem suas ideias e perpassem a leitura do individual ao coletivo.

Nessa etapa da sequência, foram propostos exercícios sobre o conto, tanto de caráter compreensível e interpretativo, os quais possibilitaram a apresentação da temática e o diálogo com outros textos que discutem o mesmo assunto. Vale ressaltar também, de acordo com Kleiman (2011, p. 13), que

[...] é mediante a interseção de diversos níveis de conhecimentos, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo iterativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão.

Sendo assim, fica evidente que o papel mediador do professor nas estratégias de leitura é fator crucial para que o aluno interprete os diferentes tipos de textos de maneira segura, alcançando assim, os efeitos de sentido desejados, pois ao ler ele aciona um universo de conhecimento de mundo e escolhe as próprias “ferramentas” para dialogar com o texto.

A interpretação é o momento da construção dos sentidos do texto por meio das inferências feitas pelo leitor. Para Cosson (2016, p.64), ela envolve inúmeras práticas. Portanto as atividades de interpretação devem ter como princípio a externalização da leitura, isto é, seu registro. Logo, para que os alunos pudessem exteriorizar o que aprenderam por meio da produção de outros diferentes tipos de textos.

As atividades que foram realizadas nessa etapa da leitura tiveram como objetivo possibilitar que os alunos materializassem suas impressões com relação ao texto lido. Para isso, propusemos que respondessem a 8 questões de compreensão e de interpretação.

A **oficina 6** foi utilizada para que os estudantes materializassem suas impressões sobre o texto lido, desde a análise de elementos estruturais do texto aos efeitos de sentidos identificados por meio da leitura. Propomos a resolução de 8 questões, de modo que os alunos perpassassem os quatros pilares: decodificação, compreensão, interpretação e retenção, de acordo com Menegassi (1995).

A **decodificação** corresponde à capacidade que o leitor desenvolve para entender os símbolos escritos e seus significados. Na **compreensão**, após o primeiro processo, que é a decodificação, o leitor caminha para o momento de compreender o texto, no que tange os sentidos, a estrutura, gênero e o contexto em que a história está inserida. Nesse momento, o leitor passa a entender a relação do autor com as ideias do texto. Além do mais, o leitor precisa ser capaz de resumir em poucas palavras ou a intenção principal da materialidade, a mensagem que perpassa o texto na superficialidade.

A **interpretação** diz respeito à uma leitura mais aprofundada, pois, além de compreender o que está explícito, o leitor terá que interagir com o texto. Além disso, é nessa fase que se apreende as informações que estão implícitas. Esse momento exige do leitor uma postura mais crítica diante do texto, um posicionamento crítico que estimula a organização de argumentos sejam eles favoráveis ou não quanto ao tema abordado.

Por fim, não menos importante, a **retenção** é a fase da leitura que exige do leitor a capacidade de guardar para informações, conhecimentos ou ensinamentos materializados no texto. Logo, ao assimilar, relacionar, comparar e analisar os diferentes contextos, o leitor se torna capaz de aplicar o que apreendeu no seu cotidiano, buscando refletir sobre a realidade que o cerca.

A **questão 1** tinha como intuito verificar a leitura dos estudantes sobre o papel social da autora ao escrever o conto lido. Das respostas analisadas, todos os alunos responderam que Marina Colasanti assume o posicionamento de criticidade diante da perda de identidade da mulher.

Figura 10- Questão 1.

- 1)** Marina Colasanti é uma escritora contemporânea que escreve sobre a identidade da mulher na sociedade. No conto acima ela assume qual posicionamento social?
- a. () o posicionamento de que a mulher deve ser submissa ao homem.
- b. () o posicionamento de criticidade diante da perda de identidade da mulher.
- c. () o posicionamento do não comprometimento da escritora com relação ao assunto da vida familiar.

Fonte: Autor, 2020.

A **questão número 2** tinha como foco a organização do texto, no que se refere à estrutura, ou seja, as ideias principais dos parágrafos, pois, ao conseguir compreender a gradação da narrativa, o aluno teria maior facilidade em atribuir a ela os efeitos de sentidos necessários à interpretação. Sendo assim, dos 10 textos avaliados, apenas 1 aluno conseguiu identificar de maneira adequada a ordem cronológica dos fatos. Por isso, a atividade foi retomada com toda a turma e corrigida. Durante a correção, os estudantes foram percebendo as etapas em que o narrador apresentava as marcas de violência doméstica sofrida pela personagem principal. A ordem coerente para a questão 2, no que se refere à organização dos parágrafos no conto “Para que ninguém a quisesse” é 6, 1, 4 e 2.

Figura 11-Questão 2.

- 2)** Em quais parágrafos do conto é possível identificar as ideias abaixo?
- a. () A mulher desacostumou-se em viver uma vida de luxos: vestidos de seda e maquiagens.
- b. () Com medo de perder a esposa, o marido tirou-lhe toda vaidade.
- c. () Depois de um tempo, o marido percebeu que a mulher se arrumava para ele, então, passou a ter saudade de como ela era antes.
- d. () Com o passar dos dias, a mulher não tinha mais vontade de sair de casa.

Fonte: Autor, 2020.

Ainda com foco na etapa de compreensão, a **questão 3** visava levar o aluno à leitura do propósito que perpassa a característica do gênero conto. No entanto, das dez atividades analisadas, apenas em duas os alunos entenderam que, por se tratar de uma narrativa, a intenção era narrar os fatos. Isso nos permitiu perceber, embora o foco da pesquisa não seja o trabalho com gêneros textuais, a necessidade de retomar com estudantes a intencionalidade comunicativa que cada tipo de texto propõe. Assim, fizemos a retomada com eles e fomos apontando em qual característica o conto poderia estar.

Figura 12- Questão 3.

<p>3) A intenção de Marina Colasanti no conto <i>Para que ninguém a quisesse</i> é:</p> <p>a. () instruir o leitor.</p> <p>b. () descrever ações do homem.</p> <p>c. () narrar uma história</p> <p>d. () argumentar sobre um assunto.</p> <p>Explique sua escolha: _____</p>

Fonte: Autor, 2020.

A alternativa mais assinalada pelos 10 alunos foi a letra **b**, evidenciando a necessidade de se retomar o que é uma narrativa e sua função. Embora se entenda também que, no campo de uma leitura mais ampla, o texto cumpre o papel de instruir, descrever e argumentar sobre um determinado assunto.

Figura 13- Questão 4.

<p>4) Observe o trecho abaixo:</p> <p>“Porque os homens olhavam demais para a sua mulher, mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar”.</p> <p>a. Qual é a explicação do narrador para o ciúme que o marido tinha da esposa?</p> <hr/> <p>b. O narrador utiliza no 1º parágrafo o verbo “mandar”. Essa palavra expressa que tipo de relacionamento entre o homem e a mulher?</p> <hr/> <p>c. A atitude do homem para com a mulher pode ser considerada uma forma de violência? Explique sua resposta.</p> <hr/> <p>d. Qual foi a atitude da mulher diante das imposições do homem? Para você, como ela deveria agir?</p>

Fonte: Autor, 2020.

A **questão 4** (letras a, b, c e d) tinha como proposta levar o aluno a transitar da compreensão para a interpretação, dando a ele a condição de ler o que estava explícito e fazer inferência. Sendo assim, as letras **a** e **b** eram de decodificação e compreensão. Para tanto, das respostas verificadas, no que diz respeito à interpretação, foi satisfatório percebermos que todos conseguiram compreender a proposta da atividade. Na **letra c**, os alunos se posicionaram criticamente de que a

postura do homem com relação à mulher era uma forma de violência doméstica.

Na **questão 4, letra d**, os estudantes tinham que expressar o que a mulher deveria ter feito diante das imposições do marido. As principais respostas nos permitiram refletir sobre a importância de uma leitura direcionada e mediada pelo professor, pois, ao se posicionarem, os alunos transladaram o enredo ficcional para a realidade e entenderam que as personagens estão muito próximas do cotidiano deles. O quadro abaixo apresenta as respostas dadas pelos estudantes.

Quadro 4- Resposta dos alunos à questão 4 (letra d).

ALUNOS	RESPOSTAS
ALUNO 1	Ela aceitou. Deveria ter terminado.
ALUNO 2	Ela aceitou ser submissa. Ela deveria ter se separado.
ALUNO 3	Ela obedecia e ficava calada. Para mim, ela tinha que ter se separado, porque ela não estava feliz ao lado dele.
ALUNO 4	Ela deixou de se cuidar. Na minha opinião, ela deveria denunciá-lo.
ALUNO 5	Obedecia. Largar dele.
ALUNO 6	Aceitar o que ele estava fazendo. Ela deveria ter se imposto a ele e ter falado que “as roupas eram dela”.
ALUNO 7	Ela não fez nada, não falou nada. Para mim, ela precisava tomar alguma atitude.
ALUNO 8	Ela apenas aceitou. Se ela gostava de quem ela era, não teria homem que mandasse nela.
ALUNO 9	Ela aceitou. Para mim, ela deveria falar que não iria fazer o que ele mandou.
ALUNO 10	Ela ficava quieta e foi parando de fazer as coisas. Ela deveria se impulsionar sobre a relação e às vezes até se separar.

Fonte: Autor, 2020.

Elaborado pelo autor, a partir das respostas dos alunos ao questionário aplicado na sexta oficina.

Figura 14- Questão 5

<p>5) A atitude do homem para com a mulher pode ser considerada uma forma de violência? Explique sua resposta.</p> <hr/> <hr/> <hr/>
--

Fonte: Autor, 2020

A **questão 5** tinha como objetivo levar os alunos a se posicionarem de maneira crítica com relação ao tema. Percebemos que das atividades analisadas, as respostas foram parecidas. Isso permitiu que verificássemos que houve por parte dos estudantes compreensão e interpretação das ações das personagens diante da violência doméstica.

Quadro 5- Síntese das respostas dos alunos à questão 5.

Questão 5	Síntese das respostas apresentadas pelos alunos
A atitude do homem para com a mulher pode ser considerada uma forma de violência? Explique sua resposta.	As atitudes do homem são uma forma de violência porque ele tira a beleza da mulher, a autoestima e faz dela um objeto.

Fonte: Autor, 2020.

Elaborado pelo autor, a partir das respostas dos alunos ao questionário aplicado na sexta oficina.

A leitura feita pelos estudantes à questão evidencia que eles conseguiram interpretar que as atitudes do marido com relação à esposa são uma forma de violência, pois ele anula sua identidade feminina e a torna um objeto manipulado por ele.

Partindo das respostas dadas pelos alunos anteriormente, as **questões 6, 7 e 8** propuseram uma inferência mais direcionada para que as marcas de violência doméstica, muitas vezes velada, pudessem ser percebidas pelos estudantes, dando a eles a oportunidade de se posicionarem diante da situação. Como podemos observar, a **questão 6** retoma ideias no aspecto da compreensão.

Figura 15- Questão 6.

<p>6) Releia este trecho:</p> <p>“Mas ela tinha desaprendido a gostar dessas coisas, nem pensava mais em lhe agradar”.</p> <p>a) O que a mulher tinha desaprendido a gostar?</p> <p>b) De acordo com o narrador, de que maneira a mulher agradava o marido?</p>

Fonte: Autor, 2020.

As respostas a essas perguntas podem ser facilmente identificadas no texto, porém, elas retomam o foco principal da discussão sobre a violência contra a personagem para que, assim, na **questão 7**, o estudante pudesse se posicionar mais criticamente. No **quadro 6**, encontram-se as respostas dos alunos à **questão 6**.

Quadro 6- Respostas dos alunos à questão 6.

ALUNOS	LETRA A	LETRA B
ALUNO 1	“Não se gostava mais”.	“Se arrumando, ficando bonita para ele”.
ALUNO 2	“De se arrumar”.	“Se arrumando”.
ALUNO 3	“De se vestir bem, de se arrumar, de ser vaidosa”.	“Satisfazer a vontade dele”.
ALUNO 4	“Ela desaprendeu a se maquiar e fazer de tudo que ela fazia antes”.	“Não respondeu”.
ALUNO 5	“De como ela se vestia e como ela se maquiava”.	“De como ela era bonita”.
ALUNO 6	De se maquiar, de se arrumar para sair de casa.	“Se arrumando para ele”.
ALUNO 7	“Das roupas, maquiagens e cuidados pessoais”.	“Se arrumando, usando maquiagem e sendo vaidosa”.
ALUNO 8	“Se arrumar e se arrumar novamente”.	“Ficava bonita para ele, se arrumava toda para ele”.
ALUNO 9	“De se arrumar”.	“Se arrumando para ele”.
ALUNO 10	“De ser vaidosa, de se cuidar”.	“Se arrumando, sendo bonita”.

Fonte: Autor, 2020.

Elaborado pelo autor, a partir das respostas dos alunos ao questionário aplicado na sexta oficina.

Percebemos que os estudantes conseguiram resumir em poucas palavras a ideia principal do conto, que é a perda da identidade feminina da personagem ao ceder aos caprichos do marido. Ao mesmo tempo, eles também compreenderam que o fato de a mulher se arrumar era uma atitude para agradar o esposo. Nesse sentido, a literatura cumpre a função humanizadora de estabelecer um encontro entre o leitor e o texto. Candido (1995) destaca que, ao ler, o sujeito não só mantém seu "equilíbrio psíquico", como também, a partir de suas leituras, passe a relacionar-se com o mundo de maneira diferente, modificando a si mesmo e agindo sobre a realidade que o cerca. Sendo assim, a literatura resgata a sensibilidade e permite ao leitor se reconhecer no outro.

Na sequência, as **questões 7 e 8** estabelecem a leitura no nível de interpretação implícita, que, segundo Araújo (2014), corresponde ao ato de interpretar aquilo que não está posto linguisticamente no texto, mas que pode ser inferido a partir das informações textuais dadas. No momento, o leitor traz suas experiências e conhecimento de mundo para a produção de sentido no texto.

Figura 16- Questões 7 e 8.

- 7)** Você sabia que o verbo “tosquiar” é uma expressão muito usada para se referir ao corte da lã da ovelha? Então, por que o narrador utiliza no conto a palavra “tosquiar” ao invés de “cortar”?
- 8)** Identifique no texto, um momento em que a mulher é vítima de “violência doméstica”. Para você, o que ela deveria fazer para acabar com esse ciclo de violência?

Fonte: Autor, 2020.

Ao responderem à **questão 7**, os alunos precisavam compreender o sentido do verbo “tosquiar”, retirado do conto, e relacioná-lo ao verbo “cortar”. A ideia era que os estudantes identificassem a relação de passividade, pertencimento e de objeto que a mulher exerce tal qual a ovelha. O quadro que segue apresenta as repostas dadas pelos estudantes.

Quadro 7-Respostas dos alunos às questões 7 e 8.

ALUNOS	QUESTÃO 7	QUESTÃO 8
ALUNO 1	“Porque ele é um otário e tratava ela mal”.	“Acho que o conto todo fala da violência contra a mulher”.
ALUNO 2	“Porque ele a tratava como algo que o pertencia”.	“Quando ele corta o cabelo dela. Ela deveria ter se separado dele”.
ALUNO 3	“Para cortar o cabelo dela como o bem precioso da mulher”.	“Delegacia da Mulher ou ligar no 180”.
ALUNO 4	“Porque ele cortou muito o cabelo dela e à força ainda”.	“Na minha opinião ela deveria denunciar ele. Nenhuma mulher deve sofrer assim”.
ALUNO 5	“Porque ele picotou o cabelo dela”.	“Contar para a polícia da mulher para se livrar dele e voltar para a vida normal dela”.
ALUNO 6	“Sim, ele usa porque ele corta igual o cabelo da mulher”.	“Acho que p conto todo fala da violência contra a mulher”.
ALUNO 7	“Eu não sabia. Eu acho que ele cortou o cabelo todo torto e um corte feio”.	“Mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar. Eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de salto e joias”. Ela deveria ir embora e denunciar”.
ALUNO 8	“Porque o marido dela a tratou como se fosse nada e cortou o cabelo dela”.	“Sua beleza chamava a atenção e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de salto-alto”.
ALUNO 9	“Porque ele cortou o cabelo dela sem ela querer”.	“Quando ele tirou suas joias, roupas bonitas e cortou o cabelo dela. Eu acho que ela deveria dizer: Não, eu sou assim e eu quero ser assim e você não vai me mudar”.
ALUNO 10	Para cortar o cabelo dela como um bem precioso da mulher.	“Separar, não aceitar mais, pois isso não é amor, isso não é vida”.

Fonte: Autor, 2020.

Elaborado pelo autor, a partir das repostas dos alunos ao questionário aplicado na sexta oficina.

As respostas dadas pelos estudantes foram transcritas tal qual eles responderam na atividade. Como pudemos observar na **questão 7**, foram poucos que conseguiram relacionar os verbos tosquiar e cortar na comparação da mulher com a ovelha, no que se refere tanto à ideia de fragilidade como de beleza, pois tanto o animal como a personagem sofrem o processo de perder o que lhes atribui beleza física, a lã e o cabelo. Retomamos essa discussão em sala de aula para que os estudantes compreendessem a intencionalidade da autora ao empregar a palavra “tosquiar” ao invés de “cortar”. A reação foi positiva, pois os alunos, na oralidade, foram apontando características da ovelha, tais como linda, sensível, doce, meiga e frágil, que remetiam à mulher do conto.

Na **questão 8**, somente os alunos 7, 8 e 9 atenderam à proposta de identificar momentos no texto que apresentavam marcas de violência doméstica e dar uma solução para o problema. Embora a maioria não trouxe para a resposta trechos do conto para justificar, quase todos deram sugestões de como a mulher poderia se desvencilhar do ciclo de violência que ela estava sofrendo.

Ao concluirmos as atividades relacionadas à primeira interpretação, observamos que os objetivos traçados foram atingidos com ressalvas, pois ainda é necessário desenvolver propostas de intervenção no campo da decifração e da compreensão para que os alunos desenvolvam uma leitura literária mais dinâmica, pois, ao compreenderem os significados de algumas palavras, eles se sentiram mais seguros para explorar os sentidos que estão dentro e fora do texto literário.

4.1.8 CONTEXTUALIZAÇÃO

De modo breve, nos propomos nesta seção, com base em Cosson (2016), estabelecer alguns apontamentos sobre a ideia de contextualização e a importância dessa etapa na organização das estratégias de leitura. Apresentamos também as atividades utilizadas para que os alunos pudessem percorrer esse momento de interação com o conto “Para que ninguém a quisesse”, de Marina Colasanti. É pertinente destacar que, embora apresente intenções diferentes, a contextualização está muito próxima às atividades de interpretação.

Como o próprio termo sugere, a contextualização é um trabalho, como propõe Cosson (2016), de movimento entre o texto e suas condições de produção, pois, ao

conhecer e aprender as situações nas quais o texto foi produzido, o leitor poderá transitar pela narrativa de maneira mais segura no que se refere a como compreendê-la e interpretá-la de forma mais aprofundada.

Para ilustrar a contextualização, Cosson (2016) apresenta sete momentos que podem ser encontrados em qualquer texto literário. O autor também destaca que o número de contextos explorados na leitura é teoricamente ilimitado, pois há sempre a possibilidade de se acrescentar ou ampliar um contexto já apresentado na materialidade textual. Tal sistematização, de acordo com autor, visa apenas a apontar caminhos para o professor ao mediar a prática de leitura em sala de aula. A figura 16 busca trazer uma síntese das sete contextualizações propostas por Cosson (2016, p.86)

Figura 17- Tipos de contextualizações propostas por Cosson.

Cosson, como você sistematizou a contextualização do texto literário?

Candido, eu trago no meu livro **Letramento Literário- Teoria e Prática**, a seguinte reflexão sobre tipos de contextualização:

- **Contextualização teórica:** corresponde às ideias que caracterizam o texto, ou seja, a fundamentação teórica que torna explícito aquilo que o texto quer defender.
- **Contextualização histórica:** é a relação do texto com seu momento de produção, a organização e visão de sociedade.
- **Contextualização estilística:** relaciona-se ao estilo da época em que o texto foi produzido, interação entre a obra e o momento histórico.
- **Contextualização poética:** a sistematização da obra, como ela foi composta, organizada.
- **Contextualização crítica:** é momento de recepção da obra pelo leitor, levando em consideração as possibilidades de diálogos com outros textos de campos diversificados.
- **Contextualização presentificadora:** é aquela que exige que o leitor estabeleça relações de sentido do texto com o convívio social e verifique se as ideias presentes na obra são contemporâneas ou atuais.
- **Contextualização temática:** como o próprio termo diz, observa-se nessa etapa o tema da obra e sua repercussão para o desenvolvimento do enredo.

Fonte: Estudos baseados em Cosson (2016).

Como destaca Cosson (2016), nem todas as contextualizações estão explícitas no texto literário, portanto, como a narrativa, **Para que ninguém a quisesse**, de Marina Colasanti, é um conto curto, optamos por desenvolver as atividades dando ênfase à contextualização presentificadora e à contextualização

temática.

Para direcionarmos as atividades, organizamos em duas aulas as **oficinas 7 e 8**. O objetivo era explorar os efeitos de sentido permitidos pela leitura do conto, estabelecendo um diálogo com outros gêneros textuais, conduzindo os alunos a uma reflexão ampliada sobre o tema **Violência doméstica**. Para isso, levamos para a sala de aula o cordel escrito por Tião Simpatia, que traz em sua poesia a Lei Maria da Penha de maneira poética e didática. Quanto à explanação do gênero, apresentamos uma breve abordagem do que é e onde circula o cordel. Ademais, explicamos aos estudantes algumas características da Lei Maria da Penha, ou seja, quando foi criada, por quem e por qual razão, de acordo com o material disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm.

Como encaminhamento metodológico, separamos as estrofes do cordel e distribuimos aleatoriamente aos alunos para que lessem em voz alta, dessem ênfase às rimas e sentissem o que o texto se propunha dizer. Na sequência, fizemos uma roda de conversa e os alunos relacionaram o tema do cordel com o conto **Para que ninguém a quisesse**. Durante a exposição das ideias, foram mediadas questões como:

- 1) Quem foi Maria da Penha?
- 2) A quem a Lei Maria da Penha protege?
- 3) Quais são os direitos da mulher diante da Lei?
- 4) Quais são os tipos de violência doméstica apresentadas no cordel?
- 5) Quem pode ser enquadrado como agente agressor de acordo com a Lei Maria da Penha?
- 6) O que há em comum entre a personagem do conto e Maria da Penha?

A participação dos alunos foi satisfatória, eles demonstraram que compreenderam a temática e a necessidade de intervenção diante da violência contra a mulher. **A questão 6** dessa oficina possibilitou que eles refletissem e colocassem em prática a contextualização presentificadora, uma vez que a narrativa escrita em um momento da ditadura militar, meados dos anos 1980, trazia um assunto tão atual. Ademais, abordamos de maneira breve o que foi Regime Militar e como as mulheres da época se comportavam com relação aos maridos. Após a explicação, muitos alunos começaram a justificar o porquê de a personagem do conto aceitar calada a imposição do marido. Segundo os estudantes, ela tinha medo

dele.


Para sistematizar esse momento, direcionamos uma atividade escrita (apêndice) para que os alunos preenchessem um quadro comparativo relacionando momentos do conto em que há marcas de violência doméstica com trechos do cordel que traz artigos que punem o homem e protegem a mulher. Infelizmente, como essa atividade foi direcionada para ser feita em casa, nem todos os alunos entregaram. As que foram entregues nos permitiram analisar que houve uma apropriação do conhecimento produzido, pois as 10 atividades escolhidas para a referida análise apontaram que os estudantes perceberam a violência sofrida pela personagem do conto e identificaram no cordel Maria da Penha quais tipos de violência doméstica podem ocorrer no ambiente familiar. Na figura 18, transcrevemos um dos quadros respondidos por um aluno.

Figura 18- Resposta de um dos estudantes.

ATIVIDADE DE LEITURA- QUADRO COMPARATIVO

1) No conto “Para que ninguém a quisesse”, de Marina Colasanti, é possível perceber marcas de violência sofrida pela personagem da narrativa. Já o cordel traz os artigos da lei que podem protegê-la. Complete o quadro abaixo relacionando as informações necessárias.

Antes da atividade, vamos conhecer um pouco sobre a história da Mulher que motivou a criação da Lei no Brasil.



De acordo com o art. 5º da Lei Maria da Penha, violência doméstica e familiar contra a mulher é “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”.

VIOLÊNCIA SOFRIDA PELA MULHER DO CONTO	ARTIGO DA LEI MARIA DA PENHA QUE PROTEGE A MULHER (CORDEL)
“Mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar”.	A quarta categoria é a patrimonial, retenção subtração, destruição parcial ou total de seus pertences culmina em ação penal.
“[...] ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos”.	A quinta categoria é a violência moral São os crimes contra a honra está no código penal, injúria, difamação, calúnia, etc e tal.
“Dos armários tirou as roupas de seda, da gaveta tirou todas as joias”.	A quinta categoria é a violência moral São os crimes contra a honra está no código penal, injúria, difamação, calúnia, etc e tal.
“[...] pegou a tesoura e tosquiou-lhe os longos cabelos”.	A primeira é a física entendendo como tal: qualquer conduta ofensiva de modo irracional que fira a integridade e a saúde corporal.

Fonte: Autor,2020.

Elaborado pelo autor, a partir das respostas dos alunos à atividade aplicada nas oficinas sétima e oitava.

Vimos, pela atividade realizada pelos estudantes, que houve apropriação da discussão sobre a temática violência contra a mulher e, ao mesmo tempo, a contextualização presentificadora, visto que eles puderam atualizar na comparação do quadro a realidade da mulher do conto com as marcas do que são atos violentos expostos no cordel de Tião Simpatia. Portanto, mais do que comparar ou confrontar ideias, o que amplificou a intenção da atividade foi o fato de os estudantes conhecerem a Lei Maria da Penha e saberem como recorrer a ela em situações de vulnerabilidade.

4.1.9 SEGUNDA INTERPRETAÇÃO

No que se refere à segunda interpretação, realizamos em duas aulas as **oficinas 9 e 10** para mediar a prática de leitura dos alunos. De acordo com Cosson (2016), esse momento tem uma característica mais aprofundada com relação à interpretação. A segunda interpretação pode se fundir com a ideia da contextualização. Por isso, retomamos o quadro elaborado nas **oficinas 7 e 8** e discutimos com os alunos o perfil da protagonista do conto e a relação dela com o marido. Nessa perspectiva de contextualização presentificadora e temática, como o conto é curto e poderia ser explorado de maneira breve, a proposta de interpretação buscou, na oralidade, que os alunos corrigissem a atividade e se atentassem à construção do perfil físico e psicológico das personagens esposa e marido.

Na lousa da sala de aula, organizamos uma tabela para que os estudantes pudessem, coletivamente, construir um perfil para o homem e para a mulher com base nas ideias apresentadas no conto. O **quadro 8** apresenta as respostas dadas pelos alunos.

Quadro 8- Perfil das características físicas e psicológicas das personagens do conto Para que ninguém a quisesse, de Marina Colasanti, elaborado pelos alunos.

PERSONAGENS DO CONTO	CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS
MULHER	Morena, baixa, cabelos longos e pretos, olhos verdes, magra e dentes brancos.	Educada, quieta, responsável, obediente, caprichosa.
HOMEM	Moreno, alto, careca, olhos castanhos, braços fortes, gordo e sorriso amarelado.	Agressivo, ciumento, egoísta, mandão, inseguro.

Fonte: Autor, 2020.

Elaborado pelo autor, a partir das respostas dos alunos ao questionário aplicado nas oficinas sétima e oitava.

Ao elaborar o quadro com os alunos, foi possível perceber, de acordo com Cosson (2016), que a contextualização e a segunda interpretação são indissociáveis e podem acontecer de maneira direta ou indireta:

[...] a indireta é aquela em que o aluno realiza a contextualização separadamente, ou seja, a pesquisa é feita sem que se estabeleça uma relação prospectiva e imediata com a atividade seguinte. Articulam, assim, duas atividades distintas, o estudo do contexto e a leitura da obra, ainda que relacionadas de forma íntima. [...] A ligação direta consiste na integração entre duas etapas sem que se estabeleça uma quebra entre elas, isto é, a contextualização e a segunda interpretação são realizadas como se fosse uma única atividade (COSSON, 2016, p. 92).

Partindo das reflexões apontadas por Cosson (2016), optamos por desenvolver a ligação direta, uma vez que a contextualização foi ampliada para a segunda interpretação, pois os estudantes compartilharam suas impressões acerca do perfil das personagens, justificando, inclusive porque o homem deveria ter características negativas e a mulher positivas para se explicar a violência doméstica.

Cosson (2016) também observa que a segunda interpretação é um momento importante para o letramento literário, devendo resultar de um compartilhamento de leitura, da produção de um saber coletivo que possa unir os estudantes em um mesmo horizonte de leitura e expectativas. Por esta razão, a mediação do professor é imprescindível para que os alunos compreendam que uma obra literária não se esgota, mas se amplia e se renova à medida que outras discussões vão surgindo.

Sendo assim, a atividade coletiva, direcionada à segunda interpretação, permitiu aos alunos aprofundarem a leitura das características físicas e psicológicas das personagens do conto e traçassem um perfil do agressor no ambiente familiar, pois tanto os aspectos físicos quanto os emocionais justificaram a agressividade do homem e a fragilidade da mulher diante da violência doméstica mascarada em uma falsa ideia de amor e carinho. Podemos, então, afirmar que o texto literário, quando estrategicamente apresentado ao aluno, produz leitores críticos e ativos diante da leitura.

4.2 EXPANSÃO

De acordo com Cosson (2016), a expansão é a última etapa das estratégias de leitura. Ela corresponde aos diálogos que o texto principal estabelece com outros textos. No entanto, cabe ao professor a seleção de outras produções textuais que conversem tematicamente com o já conhecido e lido pelo aluno. Por isso, o trabalho de expansão é comparativo e, para Cosson (2016, p.95),

[...] trata-se de colocar as duas obras em contraste e confronto a partir de seus pontos de ligação. Isso pode ser feito com a comparação imediata entre as duas obras ou ser desenvolvido de maneira semelhante à sequência básica. Na primeira opção, a obra segunda é rapidamente introduzida e sua leitura é condicionada à relação a ser estabelecida com a obra primeira. O professor já encaminha a atividade a ser feita antes da leitura da obra ou logo depois. Na segunda opção, a sequência básica pode ser reduzida, eliminando-se a etapa de motivação, uma vez que a leitura da obra primeira já funcionou como tal.

Uma vez preparada a leitura por meio de estratégias básicas de motivação, o aluno se sentirá mais familiarizado com a temática, podendo ampliar o universo de interpretação e preencher os possíveis espaços da leitura de sentido com seu conhecimento de mundo. Assim, como compartilha Cosson (2016, p.30), a literatura nos espaços escolares cumpre uma função primordial em ensinar a ler melhor, e isso ocorre "não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa", mas por permitir ao leitor interagir com o mundo por meio dos diferentes tipos de linguagem.

É importante refletirmos também que, mesmo organizando estratégias para que o estudante desenvolva a ação de ler de modo proficiente, o professor precisa discutir a leitura do aluno, questioná-la, analisá-la e defendê-la para então se construir uma proposta pedagógica voltada para o Letramento Literário. Entendemos como Letramento Literário, grosso modo, como a capacidade do leitor de ser um agente transformador, aquele lê, pensa, reflete e aplica na sua realidade as experiências e conhecimentos adquiridos com a prática de leitura.

Retomado a discussão acerca da temática **Violência contra a mulher**, percebemos no conto **Para que ninguém a quisesse**, de Marina Colasanti, uma personagem fragilizada, amedrontada, aterrorizada, submissa e refém dos desejos e

caprichos do marido controlador, possessivo e ciumento. Conseqüentemente, não poderíamos concluir essa proposta sem expandirmos a discussão e apresentarmos um olhar da mulher do século XXI, que tem conquistado seu espaço e definido como quer ser tratada e respeitada nos diferentes segmentos sociais. Por isso, sistematizamos a retomada do tema nas **oficinas 9 e 10**. Utilizamos para isso duas aulas. Em um primeiro momento, como a motivação já tinha sido feita nas atividades anteriores, decidimos trabalhar com a música **Respeita as Minas**, da cantora Kell Smith. O texto, também de caráter poético, expande a reflexão sobre o assunto ao trazer e contrapor a representação de uma mulher diferente daquela que está no conto de Marina Colasanti.

A atividade foi realizada, primeiramente, por meio da entrega da letra da música impressa para os alunos. Orientamos para que fizessem a leitura e identificassem quais palavras faziam referência ao conto. A partir disso, fomos anotando na lousa as impressões dos alunos. Eles retiram da canção palavras como: short, saia, miniblusa, brinco, bota de camurça, batom, aprovação, chamar atenção, direito, respeito, submissa, corpo, igualdade.

Para que pudessem compartilhar o porquê da escolha das palavras, fizemos uma roda de conversa. Um aluno era sorteado pelo número da chamada para começar a explicação do significado de um dos termos anotados no quadro, fazendo referência ao tema **Violência contra a mulher**. O estudante que respondia podia escolher outro colega aleatoriamente. Mesmo diante da timidez por parte de alguns, a participação foi prazerosa e significativa, principalmente no que se refere às meninas, que aproveitaram a dinâmica para destacarem o respeito que os meninos deveriam ter com o corpo delas, inclusive, em um dado momento, uma aluna se levanta e diz em alto e bom tom: “Meu corpo, minhas regras!”, quando um menino argumentou que as meninas usam “saia curta” para chamar a atenção.

Na sequência, disponibilizamos duas questões para eles responderem de acordo com a letra da música, as quais estão na figura 19.

Figura 19- Questões 1 e 2 sobre ampliação da temática.

- 1)** Analise a letra da música e escreva quais são as situações de violência que muitas mulheres enfrentam no dia a dia. O que elas devem fazer diante desses abusos
- 2)** Compare o perfil da mulher apresentada na letra da música “Respeita as minas, da cantora Kell Smith com a personagem do conto “Para que ninguém a quisesse”, de Marina Colasanti e explique as principais diferenças entre elas.

Fonte: Autor, 2020.

Ao analisarmos as atividades respondidas pelos alunos, referentes às questões **1 e 2**, foi possível fazermos uma síntese das reflexões levantadas por eles. Na primeira pergunta, a maioria respondeu que as situações de violência contra a mulher estão relacionadas a assédio, desrespeito, julgamentos e ofensas. Os estudantes apontaram como sugestão que as mulheres deveriam reagir, denunciar os agressores e buscarem seus direitos com base na Lei Maria da Penha.

Na pergunta **2**, a principal comparação entre as mulheres presentes na música e no conto se justificou pela ideia de que a do conto não reagia às coisas ruins que o marido fazia com ela. Enquanto a mulher apresentada na letra da música demonstrava ser livre e empoderada. Retomamos essas duas questões com a turma em uma discussão oral e, na sequência, disponibilizamos o áudio da canção para eles ouvirem a melodia.

Essa etapa da expansão, embora curta, colaborou para o diálogo que Cosson (2016) propõe na organização das estratégias de leitura do texto literário. Toda discussão em sala de aula culminou em uma reflexão importante por parte dos alunos de que a mulher não pode e não deve ser submissa a ninguém, que ela tem a liberdade de ser e estar em qualquer lugar que quiser. Respeito é a palavra de ordem. E outro aspecto pertinente desse momento está na contraposição, no confronto entre as ideias apresentadas no conto (submissão, medo, silêncio, tristeza e angústia) e nos valores trazidos pela canção, tais como empoderamento feminino, autoestima, valorização da mulher e liberdade de existir. Por isso, a narrativa serviu como ponto de partida para que outros textos pudessem ser inseridos e dialogassem com uma temática tão pertinente para a mediação do trabalho pedagógico em sala de aula.

Por fim, para responder à proposta de combate à violência doméstica por meio das estratégias de leitura, orientamos para que os alunos se organizassem em grupos de 5 integrantes e, com base em todas as atividades realizadas, reescrevessem o conto “Para que ninguém a quisesse”, de Marina Colasanti, e dessem à protagonista um desfecho coerente ao contexto em que estamos vivendo. Vale ressaltar que a escrita não é objeto desta pesquisa; por isso não focamos em analisar questões voltadas à materialidade linguística, mas sim em como os estudantes decodificaram, compreenderam, interpretaram e se posicionaram diante do tema.

Cada equipe reescreveu o texto, gravou a história em formato de “podcast” (gravação utilizada para contar uma história única, trazer debates ou simplesmente conversas sobre os mais diversos assuntos) para compartilhar com os demais colegas. Depois dos textos escritos e gravados, foi feita uma seleção pelos próprios alunos do áudio que melhor recontou o conto de Marina Colasanti e proporcionou à personagem principal uma mudança de comportamento no que se refere à violência doméstica. Esse podcast foi compartilhado nos grupos de WhatsApp de algumas turmas do Colégio, dando, assim, visibilidade ao trabalho desenvolvido, e, o mais importante, trouxe reflexões sobre respeito e valorização da mulher nos mais distintos espaços sociais. Além do mais, muitos alunos puderam ver na representação da narrativa um desfecho que orienta muitas mulheres a saírem do ciclo de agressões, de caráter físico, psicológico, patrimonial, dentre outros, a que são submetidas no ambiente familiar.

A **figura 20** representa o encontro entre a ficção e a realidade.

Figura 20- Podcast Memória de Mulher.

RELEITURA DO CONTO **PARA QUE NINGUÉM A QUISESSE**, DE MARINA COLASANTI.



MEMÓRIAS DE MULHER

ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM SALA DE AULA NO "COMBATE" À VULNERABILIDADE SOCIAL: UM OLHAR À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM CONTO DE MARINA COLASANTI

PROF. MARCOS DE OLIVEIRA

Não À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

ALUNOS DO 8º ANO



Fonte: Autor, 2020.

Para acessar o podcast- **MEMÓRIAS DE MULHER**, basta apontar a câmera do celular para o QR-CODE que se encontra do lado direito na figura acima. Segue o link do vídeo no Youtube: (<https://www.youtube.com/watch?v=Qjk2PCjf6mY>). A mensagem organizada pelos alunos nos faz acreditar na importância da função humanizadora da literatura e no papel imprescindível do professor na mediação de propostas pedagógicas voltadas à leitura em sala de aula para promover a formação de um sujeito crítico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós nunca mais seremos os mesmos depois de um encontro com Literatura. Ela nos toma numa proporção, nos vira do avesso e permite que o nosso eu se reconheça no eu do outro. Às vezes, não sabemos ao certo até que ponto o real é ficção ou a ficção é real. Ou ainda se “a vida imita a arte ou arte imita a vida”. O que se sabe é que a nossa sensibilidade aflora, e as alegrias e angústias de uma personagem se misturam com as nossas. Quando nos damos conta, estamos levando para casa aquele ser marginalizado, esquecido, amedrontado, que luta incansavelmente para alcançar “os felizes para sempre”.

Esse olhar para o texto literário adveio dos estudos proporcionados pelas disciplinas ministradas no Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - no *campus* da Universidade Estadual de Maringá (UEM), principalmente nas disciplinas relacionadas aos estudos literários. Assim, ao acreditarmos que uma prática de leitura estrategicamente organizada poderia levar os alunos de uma turma de 8.º ano de uma escola pública a resgatarem a sensibilidade e se colocarem no lugar do outro, ousamos escolher uma temática densa, atual e marcada por relações de poder para propor uma sequência didática expandida com foco na **Violência contra a mulher**.

Para tornar a prática de leitura significativa e respaldada no Letramento literário, utilizamos como referência o conto “Para que ninguém a quisesse”, de Marina Colasanti (1986), e as estratégias de leitura do texto literário propostas por Cosson (2016). O objetivo deste encaminhamento didático-pedagógico foi poder auxiliar os professores de Língua Portuguesa no trabalho com a prática de leitura literária em sala de aula; não uma leitura estanque, utilizada para preencher lacunas ou cumprir protocolos de ensino, mas aquela que aguça a imaginação, que cria no leitor a sensação de liberdade e que permite a ele transformar a si mesmo e a realidade que o cerca. Não é uma tarefa fácil diante do desmonte da educação brasileira, porém não é impossível, pois o professor é o agente transformador, o mediador de possibilidades.

Por isso, nesta pesquisa, buscamos levar para a sala de aula atividades que proporcionassem aos alunos momentos de reflexão, de ludicidade e reconhecimento do papel que eles ocupam na promoção de uma sociedade mais justa, humana e preocupada com o outro.

Os objetivos elencados no projeto de pesquisa foram alcançados por meio da aplicação de dez oficinas sistematizadas com base nas etapas de leitura do texto literário organizadas por Cosson (2016). Toda intervenção em sala de aula estava ancorada pela ideia do letramento literário para que, ao ter acesso aos textos trabalhados, os estudantes pudessem aplicá-los em suas relações sociais, no cotidiano, principalmente porque o tema “Violência contra a mulher” está presente na vida de muitos deles.

Foi um trabalho árduo, cansativo, que, em vários momentos, causou dores no pesquisador, pois a memória da violência não estava apenas travestida na personagem de Colasanti, mas impregnada nas lembranças de quem viu, viveu e experimentou a fúria da violência doméstica. Isso colocou professor e aluno em um mesmo universo de sentimentos, com uma diferença: os textos compartilhados permitiram que os estudantes pudessem identificar e reconhecer atos violentos no ambiente familiar, os quais, muitas vezes, são confundidos com amor, carinho e cuidado. Eles e elas não serão mais os mesmos, estão munidos de um conhecimento que pode combater todo e qualquer tipo comportamento violento dentro ou fora de suas casas.

Vale lembrar que a escolha do tema se deu porque os alunos tinham uma postura agressiva em sala de aula em que meninos e meninas se ofendiam mutuamente com palavrões, empurrões e provocações contínuas. Ao iniciar a proposta, observamos que o ambiente da sala de aula foi ficando mais tranquilo, pois as atividades sempre propunham um diálogo, uma retomada de reflexões em que podiam compartilhar suas histórias de vida, e, assim, os alunos começaram a ter espaço para conhecer mais uns aos outros. Destacamos também que nem todas as atividades foram concluídas por todos os alunos, pois tivemos problemas com faltas por parte deles, paralisação das aulas, exercícios de leitura não entregues e outras situações corriqueiras ao dia a dia da escola pública.

Acreditamos que as estratégias de leitura e a concepção de Letramento Literário abordados por Cosson (2016) foram essenciais para o sucesso das atividades realizadas. Sabemos também que esse é um trabalho contínuo e que foi apenas uma sementinha plantada, mas que evidenciou o quanto a literatura pode assumir um papel muito mais amplo do que entreter e divertir, pois ela transforma, significa e contribui para a formação de um indivíduo mais humanizado.

A produção do Podcast Memórias de Mulher foi uma síntese de todas as

atividades realizadas, destacando, assim, o eco que a Literatura produz quando rompe os limites do preconceito, da segregação, do sexismo, mostrando como se pode combater todo e qualquer tipo de violência por meio da arte.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1975.

BRANDÃO, Helena; MICHELETTI, Guaraciaba. **Teoria e prática da leitura**. In: Ensinar e aprender com textos didáticos e paradidáticos. São Paulo: Cortez, 1997.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 4.^a ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

CHARTIER, Roger (Org.) **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Ed. Liberdade, 1996.

COLASANTI, Marina. **Contos de amor rasgados**. Rio de Janeiro: Rocco, p.111, 1986.

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2009).

CORTÁZAR, Julio. **Alguns aspectos do conto e do conto breve e seus arredores**. In Valise de cronópio. Trad. Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CÔRTEZ, Gisele Rocha. **Violência Doméstica contra Mulheres: Centro de Referência da Mulher**. 2008. Dissertação. Araraquara.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Educação e Pesquisa**: São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

GERALDI, João Wanderley. **Prática da Leitura na Escola**. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). O texto na sala de aula. São Paulo: Anglo, 2012.

GOMES, Anderson. **“A quem interessar possa”**: Entrevista com Marina Colasanti. UNILETRAS 29, dezembro de 2007, p. 161-169. CDD 070. Disponível em: www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/download/179/178.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

KLEIMAN, Angela. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas: Pontes, 1999.

KLEIMAN, Angela. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado das Letras. 2011.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil brasileira: História e histórias**. São Paulo: Ática, 1985.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

MENEGASSI, Renilson José. **Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor**. Revista UNIMAR. Maringá: 17 (1): 85-94, 1995.

MICHELETTI, Guaraciaba. **Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença: O feminino emergente**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PAULINO, Graça. **Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares**. Caxambu: ANPED, 1998 (Anais em CD ROM).

REIS, Simone. **Reflexões sobre uma jornada com destino à pesquisa**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, BELO HORIZONTE: v. 6, p.101-118, 2006.

SARMENTO, Leila Lauar. **Português: literatura, gramática, produção de texto: volume único/Douglas Tufano**. São Paulo: editora Moderna, 2004.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 2011.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 25, p. 45-46. Jan./Abr. 2004.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. **Imagens sociais de leitura e ensino de literatura no nível médio**. In: MELO, Márcio Araújo de. PINTO, Francisco Neto Pereira. *Panoramas contemporâneos das pesquisas em ensino de literatura*. Campina Grande: EDUFCG, 2016 (p.119-145).

ZILBERMAN, Regina (Org.) **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 9ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ZILBERMAN, Regina (org.) **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. São Paulo: Mercado Aberto, 1984



APÊNDICES



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

MARCOS DE OLIVEIRA

**ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM SALA DE AULA NO “COMBATE” À
VULNERABILIDADE SOCIAL: UM OLHAR À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO
CONTO “PARA QUE NINGUÉM A QUISESSE”, DE MARINA COLASANTI**

Material Didático apresentado ao Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Área de concentração em Literatura e Letramento Literário, Linha de Pesquisa 1: Teorias da Linguagem e Ensino, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN em unidade com a Universidade Estadual de Maringá – UEM, como requisito à obtenção do título de Mestre Profissional. Orientadora: Professora Doutora Aparecida de Fatima Peres.

MARINGÁ
2020

MATERIAL DIDÁTICO

A escola é um espaço de transformação social, uma vez que permite o encontro entre sujeitos que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem, que buscam na construção do conhecimento a oportunidade de transformar a si mesmos e a realidade onde estão inseridos. Portanto, a escola, além dos saberes científicos, também precisa promover o resgate de valores tão importantes nas relações humanas, tais como: respeito, amor, dignidade, equidade e empatia. Sendo assim, a proposta desse material didático é colaborar com o professor em sala de aula, por meio de oficinas, no desenvolvimento de uma prática de leitura do texto literário que possa resgatar a identidade da mulher e, indubitavelmente, combater discursos sexistas, machistas, patriarcais que, na maioria das vezes, estimulam a **violência doméstica**. Então, faz-se necessário empoderar meninos e meninas no combate a todo tipo de comportamento agressivo dentro e fora do ambiente escolar.

Vale ressaltar também que as mais distintas formas de violência presentes nas instituições de ensino de todo o mundo pode estar, direta ou indiretamente, relacionada aos conflitos e abusos sofridos por crianças, adolescentes e seus familiares no interior de suas residências. Por isso, com base na leitura de um contexto social marcado por relações de poder, em que os ditos “mais fortes” amedrontam os “mais vulneráveis, escolhemos a temática **Violência Doméstica**, necessariamente relacionada à mulher, como proposta para se trabalhar estratégias de leitura de diferentes gêneros textuais tendo como suporte norteador para a discussão do tema, o gênero conto.

A narrativa escolhida para dialogar com os diferentes textos desta intervenção pedagógica é o conto ***Para que ninguém a quisesse***, de Marina Colasanti, cuja intencionalidade é revelar as marcas da violência psicológica e patrimonial sofrida pela personagem principal.

As atividades foram sistematizadas e realizadas em dez oficinas para uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Pública do Norte do Paraná. No entanto, caro professor, você poderá adaptá-las de acordo com a realidade da turma onde você leciona. Sendo assim, que o texto literário possa estimular a imaginação dos estudantes, mudança de comportamento e posicionamento crítico diante dos mais diversos problemas sociais.

Marcos de Oliveira



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



OFICINA 01- APRESENTAÇÃO DO TEMA E QUESTIONÁRIO SOBRE *VIOLÊNCIA DOMÉSTICA*

Duração: 01 aula (50 min.)

Objetivo: Verificar o conhecimento e posicionamento dos alunos com relação ao tema **Violência Doméstica**.

Observação: Professor, para a apresentação do tema, exibir o vídeo **Não é Sua Culpa - Combate à violência contra a Mulher**, na sequência, aplicar o questionário. Por meio das respostas dos estudantes será possível ao professor mediar atividades que busquem sanar as dúvidas e/ou as leituras equivocadas dos alunos com relação à violência no ambiente familiar, necessariamente contra a mulher. É importante confeccionar um gráfico e apresentar aos alunos, estabelecendo reflexões sobre as principais respostas dadas por eles gráfico pode ser apresentado aos estudantes no final das oficinas. **Segue o link para acesso ao vídeo:**

<https://www.youtube.com/watch?v=IPhiM3R5SO4>

QUESTIONÁRIO SOBRE VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA

Turma: 8º

Sexo: () feminino () masculino

Idade: _____

1) Para você, o que é violência doméstica?

2) Assinale abaixo quem pode ser vítima de violência doméstica.

- a. () crianças. b. () idosos.
c. () esposa. d. () marido.

3) Para você, das alternativas abaixo, quem é mais vítima de violência doméstica?

- a. () crianças.
b. () idosos.
c. () esposa.
d. () marido.

4) Explique sua escolha na questão 3.

5) Você já sofreu algum tipo de violência doméstica?

- a. Sim ()
b. Não ()

6) Você já presenciou alguém sofrendo violência doméstica? Se sim, quem?

- a. () Avó.
b. () Mãe.
c. () Irmã.
d. () Tia.

- e. () Prima.
f. () Vizinha.
g. () Outra pessoa:

7) Marque o que pode ser considerado violência doméstica contra a mulher:

- a. () Humilhar, xingar e diminuir a autoestima.
b. () Tirar a liberdade de crença
c. () Fazer a mulher achar que está ficando louca.
d. () Controlar e oprimir a mulher.
e. () Expor a vida íntima.
f. () Atirar objetos, sacudir e apertar os braços.
g. () Forçar atos sexuais.
h. () Impedir a mulher de prevenir a gravidez ou obrigá-la a abortar.
i. () Controlar o dinheiro ou reter documentos.
j. () Quebrar objetos da mulher.

8) Você sabe onde e como a vítima de violência doméstica deve procurar ajuda?

9) Por que muitas vítimas de violência doméstica têm medo de denunciar o agressor? Explique.

10) Quais são os tipos de violência doméstica que acredita que mais acontece no ambiente familiar? Cite três.

1 _____

2 _____

3 _____



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LÉTRAS



OFICINA 02- MOTIVAÇÃO- DIALOGANDO SOBRE O TEMA *VIOLÊNCIA DOMÉSTICA*

Duração: 02 aulas (50 minutos cada)

Objetivo: Propor uma roda de conversa sobre o tema **Violência Doméstica** por meio da imagem abaixo, possibilitando que os estudantes analisem os efeitos de sentidos propostos pelo gênero textual Pôster e pela letra da música “Coração pede socorro”, da cantora sertaneja Naiara Azevedo.

Materiais: Texto impresso (pôster, letra da música e questionário), aparelho de som.

Observação ao professor: Não há necessidade de aprofundamento com relação às características dos gêneros textuais apresentados, apenas discuta a intencionalidade dos textos no que se refere ao tema “Violência Doméstica” proposta pela imagem. É importante mediar a discussão para que os alunos percebam as marcas da violência velada, mascarada em conceitos de amor.

Leitura do Pôster: Entregar a imagem do pôster para os alunos e por meio de quatro questões orientar as reflexões com relação ao tema. Apontar que se trata de um texto publicitário produzido pela APAV, uma organização de apoio à vítima. Para conhecer um pouco mais sobre essa Instituição particular, localizada em Portugal, acesse o site abaixo: (https://apav.pt/apav_v3/index.php/pt/)

PÔSTER- Dialogando sobre o tema “Violência Doméstica”.



Disponível em: <https://tendimag.com/2012/12/19/ate-que-a-morte-nos-separe>. Acesso em 15 jul. 2018

1) Qual é a diferença entre violência física e a violência verbal?

2) Qual é o papel social das mulheres acima? Como elas estão vestidas e o que isso representa?

3) O que você entende pela expressão “Até que a morte nos se pare”? De onde surgiu essa expressão?

4) Você acredita que um casamento deve ser para sempre? Explique.

Leitura da Letra da música: Professor, trazer impressa a letra da música **Coração pede Socorro**, da cantora Naiara Azevedo, e pedir para que os alunos façam uma leitura silenciosa e destaquem os versos em que é possível perceber marcas de violência contra a mulher. Após a leitura, pedir para que os estudantes expliquem os seguintes versos.

**Coração Pede Socorro
Naiara Azevedo**

Um amor desse era 24 horas lado a lado
Um radar na pele
Aquele sentimento alucinado
Coração batia acelerado

Bastava um olhar pra eu entender
Que era hora de me entregar pra você
Palavras não faziam falta mais
Ah só de lembrar do seu perfume

Que arrepio
Que calafrio
Que o meu corpo sente
Nem que eu queira eu te apago da minha mente

Ah esse amor
Deixou marcas no meu corpo
Ah esse amor
Só de pensar eu grito, eu quase morro

<https://www.vagalume.com.br/naiara-azevedo/coracao-pede-socorro.html>

Reflexões sobre a letra da música

1) Quem é o eu-lírico da música? Quem ele representa?

2) Explique o que o eu-lírico nos faz pensar por meio dos versos:

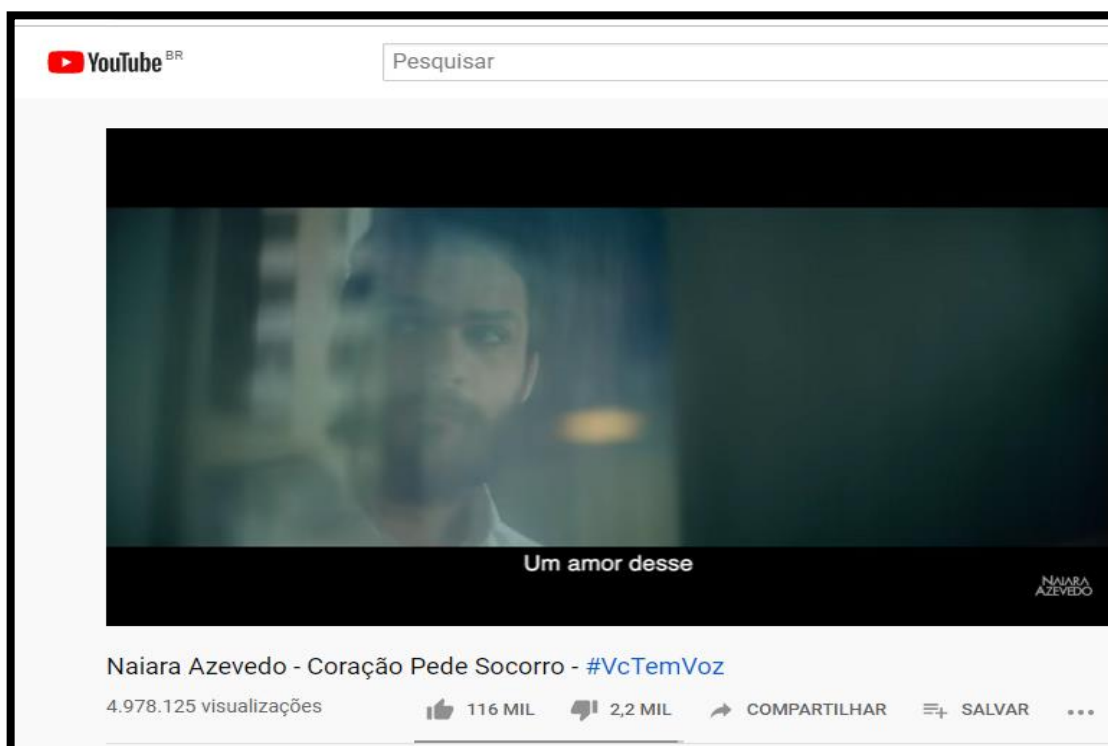
a) “Aquele sentimento alucinado”.

b) “Bastava um olhar pra eu entender”

c) “Nem que eu queira eu te apago da minha mente”.

3) Explique a relação de sentido entre o poster da APAV com a letra da música “Coração pede socorro”.

Observação: professor, após a atividade, propor que os alunos façam uma roda de conversa e compartilhem suas respostas e reflexões. Para finalizar, exibir o clipe da música que pode ser acessado no link abaixo:



Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=i0Ae-5kkzEq>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



OFICINA 03- MOTIVAÇÃO PARA AMPLIAR A DISCUSSÃO SOBRE O TEMA

Duração: 01 aula (50 minutos)

Objetivo: Desenvolver atividade de leitura e interpretação com base na letra da música “Propaganda, de Jorge e Matheus, mediando a análise para que os estudantes possam perceber marcas da violência velada, ou seja, camuflada na ideia do amor romântico.

Materiais: atividade impressa e aparelho de som.

Observação: Professor, após a apresentação do tema, por meio do questionário e das oficinas 01 e 02, que também fazem parte da etapa de motivação para a discussão do assunto “Violência Doméstica”, a atividade abaixo é uma preparação para a leitura do conto “Para que ninguém a quisesse”, de Marina Colasanti, visto que tanto o eu-lírico da música como o narrador do conto desenvolvem uma mesma intencionalidade ao tecer o papel social da mulher na relação com o homem no ambiente familiar, partindo da perspectiva do olhar machista e patriarcal. Leve para a sala de aula, a letra da música e a melodia, estabelecendo reflexões referentes à ideia de amor apresentada pelo eu-lírico. Explicar o conceito de violência velada, ou seja, aquela que não se evidencia de maneira clara, sendo confundida, muitas vezes, como uma forma de carinho. Não há necessidade de aprofundamento sobre as características do gênero poético nesse momento.

VAMOS FALAR UM POUCO MAIS SOBRE AMOR

“Quem canta os males espanta”. A música é a arte de manifestar os diversos afetos da nossa alma através do som. Muitas canções podem ser consideradas **LITERATURA**. Você vai ler e ouvir

A propaganda é um meio de anunciar um determinado produto. É tentar convencer o cliente, estimulando-o a desejar para depois comprar o que é anunciado. Como diz o ditado popular: “A propaganda é a alma do negócio”.



Propaganda

Jorge e Mateus

Ela queima o arroz
Quebra copo na pia
Tropeça no sofá
Machuca o dedinho e a culpa
ainda é minha
Ela ronca demais
Mancha as minhas camisas
Dá até medo de olhar quando ela
tá naqueles dias

É isso que eu falo pros outros
Mas você sabe que o esquema é
outro
Só faço isso pra malandro não
querer crescer o olho
Tá doido que eu vou fazer
propaganda de você
Isso não é medo de te perder,
amor
É pavor, é pavor
É minha, cuida mesmo, pronto e
acabou

Disponível em

https://www.youtube.com/watch?v=mQr7XemLs8s&list=PLous2_zFROGIUbrSYvi07VYO9oyz9WPtp.

Acesso em 17 out. 2018.

Com base na letra da música “Propaganda”, responda as perguntas que seguem:

1) Por que o título da música é “Propaganda”?

2) Na música, algum produto é anunciado?

3) Quem, provavelmente, faz o anúncio?

4) A propaganda é feita com qual intenção? Explique.

5) Na primeira estrofe, são apresentadas quais características do “produto”?

6) A intenção do anunciante é vender o “produto”? Explique.

7) O que você pensa sobre tratar as pessoas como objeto, ou seja, produtos a serem expostos/vendidos?

8) No último verso, o eu-lírico usa um pronome possessivo “**minha**”. O que ele afirma com isso?

9) Você já ouviu a expressão “**ele é possessivo demais**”? O que ela quer dizer?

10) O que o eu-lírico afirma com a expressão “Só faço isso para malandro não querer crescer o olho”.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LÉTRAS



OFICINA 04- INTRODUÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO NA PERSPECTIVA DE COSSON

Duração: 01 aula (50 minutos)

Objetivo: Realizar uma breve apresentação da autora do conto, a capa do livro, informações catalográficas e exibição de entrevista com Mariana Colasanti.

Materiais: Texto impresso, livro, multimídia (data show ou tv pendrive).

Observação ao professor: Levar o livro da autora para a sala de aula e apresentá-lo aos alunos. O texto abaixo trata-se de uma biografia, no entanto, como o foco da proposta é a prática de leitura, não há necessidade de ampliar discussões acerca do gênero. O intuito é levar o aluno a perceber as marcas próprias de Mariana Colasanti na escrita do conto, assim como o papel social dela na defesa da identidade da mulher.

Na sequência, o link <https://www.youtube.com/watch?v=-iOg3WLEWkk> direciona o leitor a uma entrevista com a autora. A apresentação do vídeo permite ao aluno conhecer algumas características da escrita de Marina Colasanti.

Informações sobre a autora

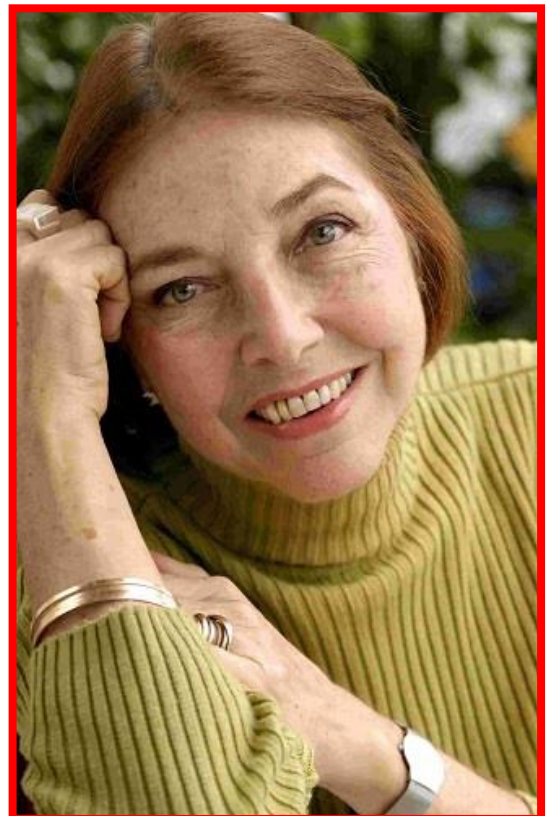
Olá! Meu nome é Marina Colasanti. Nasci em 1937 na cidade de Asmara, capital da Eritreia, depois me mudei para Trípoli, na Líbia. Já residi na Itália. Vim para o Brasil em 1948 com a família, onde vivo até hoje na cidade do Rio de Janeiro. Sou casada com o também escritor Affonso Romano de Sant'Anna e tenho duas filhas, Fabiana e Alessandra Colasanti.

Sou formada em Artes Plásticas. Desenvolvi atividades em televisão, editando e apresentando programas culturais. Fui publicitária e tradutora de importantes autores da literatura universal.

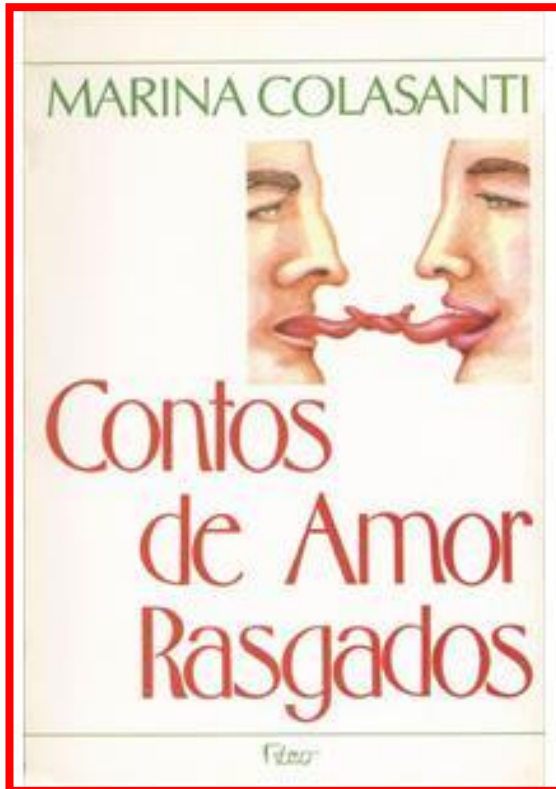
Meu primeiro livro foi publicado em 1968. Hoje são mais de cinquenta títulos lançados no Brasil e no exterior, entre os quais livros de poesia, contos, crônicas, livros para crianças e jovens e ensaios sobre os temas: literatura, o feminino, a arte, os problemas sociais e o amor. Por meio da literatura, tive a oportunidade de retomar minha atividade de artista plástica, agora eu mesma faço as ilustrações dos meus livros.

Leia um dos contos que **escrevi** *“Para que ninguém a quisesse”* e divirta-se! Boa leitura!

Disponível em: <https://www.marinacolasanti.com/p/biografia.html>. Acesso em 18 out. 2018.



Informações sobre a obra: Professor(a), apresente o livro para os alunos e explique que se trata de uma coletânea de contos da autora, que aborda temas referentes ao universo feminino. Estabelecer um diálogo com a música trabalhada anteriormente.



FICHA

AUTORA: Marina Colasanti

TÍTULO DO LIVRO: Contos de Amor Rasgados

CIDADE: Rio de Janeiro

EDITORA: Rocco

ANO DE PUBLICAÇÃO: 1986

NÚMERO DE PÁGINAS: 208

SINOPSE: Os “Contos de Amor Rasgados” de Marina Colasanti despertam os sentidos, penetram fundo nas singularidades da alma feminina e realizam uma fascinante viagem pelos misteriosos domínios do relacionamento humano.

Disponível em: <https://www.travessa.com.br/contos-de-amor-rasgados/artigo/dfc66c5d-b98f-4133-9399->

Conversando sobre...

- 1) O que representa a ilustração da capa do livro?
- 2) Qual será a ideia expressa pelo título do livro “Contos de Amor Rasgados”?
- 3) Na letra da música “Propaganda” de Jorge e Mateus e na capa do livro foi utilizada a palavra: amor. Ela tem o mesmo sentido nos dois textos?



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



OFICINA 05- LEITURA DO CONTO *PARA QUE NINGUÉM A QUISESSE*, DE MARINA COLASANTI

Duração: 01 aula (50 minutos)

Objetivo: mediar a leitura do conto para que os alunos sejam sensibilizados pelo enredo e percebam as marcas de violência doméstica.

Materiais: texto impresso e aparelho de som, música instrumental.

Observação: Professor, disponibilize cópias do texto para os alunos que, no primeiro momento, devem fazer uma leitura individual do conto. O professor pode levar um aparelho de som e colocar um fundo musical instrumental com tom de meditação (<https://www.youtube.com/watch?v=6E-Tw1074B0>) enquanto os estudantes leem. Na sequência, retomar, mais uma vez, a leitura em voz alta da narrativa, inserindo as pausas necessárias para a fruição do texto, buscando sensibilizar e chamar à atenção dos estudantes para as etapas em que a personagem sofre o processo de transformação psicológica e perda da identidade feminina, no que se refere à ideia de beleza.

Para que ninguém a quisesse

Marina Colasanti

Porque os homens olhavam demais para a sua mulher, mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar. Apesar disso, sua beleza chamava a atenção, e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos. Dos armários tirou as roupas de seda, da gaveta tirou todas as joias. E vendo que, ainda assim, um ou outro olhar viril se acendia à passagem dela, pegou a tesoura e tosquiu-lhe os longos cabelos.

Agora podia viver descansado. Ninguém a olhava duas vezes, homem nenhum se interessava por ela. Esquiva como um gato, não mais atravessava praças. E evitava sair.

Tão esquiva se fez, que ele foi deixando de ocupar-se dela, permitindo que fluísse em silêncio pelos cômodos, mimetizada com os móveis e as sombras.

Uma fina saudade, porém, começou a alinhar-se em seus dias. Não saudade da mulher. Mas do desejo inflamado que tivera por ela.

Então lhe trouxe um batom. No outro dia um corte de seda. À noite tirou do bolso uma rosa de cetim para enfeitar lhe o que restava dos cabelos.

Mas ela tinha desaprendido a gostar dessas coisas, nem pensava mais em lhe agradecer. Largou o tecido em uma gaveta, esqueceu o batom. E continuou andando pela casa de vestido de chita, enquanto a rosa desbotava sobre a cômoda.

COLASANTI, Marina. **Para que ninguém a quisesse**. In: Contos de amor rasgados. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 111-2.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LÉTRAS



OFICINA 06- PRIMEIRA INTERPRETAÇÃO

Duração: 01 aula (50 minutos)

Objetivo: desenvolver estratégias de leitura para que o aluno possa compreender e interpretar o conto mediante aos efeitos de sentidos produzidos pelas ideias presentes na narrativa.

Material: atividade impressa.

Objetivo: professor, nessa etapa da interpretação do texto, apresentar atividades sobre o conto, tanto de caráter compreensível com interpretativo, possibilitando assim, a apresentação do tema, o diálogo com outros textos que discorrem sobre o mesmo assunto e ampliam a discussão acerca da temática “Violência Doméstica”. É importante que o aluno faça relação de sentido com os outros gêneros textuais estudados anteriormente.

LENDO, RELENDO, COMPREENDENDO E INTERPRETANDO

1) Marina Colasanti é uma escritora contemporânea que escreve sobre a identidade da mulher na sociedade. No conto acima ela assume qual posicionamento social?

- a. () o posicionamento de que a mulher deve ser submissa ao homem.
- b. () o posicionamento de criticidade diante da perda de identidade da mulher.
- c. () o posicionamento do não comprometimento da escritora com relação ao assunto da vida familiar.

2) Em quais parágrafos do conto é possível identificar as ideias abaixo?

- a. () A mulher desacostumou-se em viver uma vida de luxos: vestidos de seda e maquiagens.
- b. () Com medo de perder a esposa, o marido tirou-lhe toda vaidade.
- c. () Depois de um tempo, o marido percebeu que a mulher se arrumava para ele, então, passou a ter saudade de como ela era antes.
- d. () Com o passar dos dias, a mulher não tinha mais vontade de sair de casa.

3) A intenção de Marina Colasanti no conto **Para que ninguém a quisesse** é:

- a. () instruir o leitor.
- b. () descrever ações do homem.
- c. () narrar uma história
- d. () argumentar sobre um assunto.

Explique sua escolha: _____

4) Observe o trecho abaixo:

“Porque os homens olhavam demais para a sua mulher, mandou que descesse a banha dos vestidos e parasse de se pintar.”

a. Qual é a explicação do narrador para o ciúme que marido tinha da esposa.

b. O narrador utiliza no 1º parágrafo o verbo “mandar”. Essa palavra expressa que tipo de relacionamento entre o homem e a mulher?

c. A atitude do homem para com a mulher pode ser considerada uma forma de violência? Explique sua resposta.

d. Qual foi a atitude da mulher diante das imposições do homem? Para você, como ela deveria agir?

5. A atitude do marido com relação à esposa faz com que ela seja vista enquanto submissa e objeto dele? Explique.

6) Releia este trecho:

“Mas ela tinha desaprendido a gostar dessas coisas, nem pensava mais em lhe agradar”.

a) O que a mulher tinha desaprendido a gostar?

b) De acordo com o narrador, de que maneira a mulher agradava o marido?

7) Você sabia que o verbo “tosquiar é uma expressão muito usada para se referir ao corte da lã da ovelha? Então, por que o narrador utiliza no conto a palavra “tosquiar” ao invés de “cortar”?

8) Identifique no texto, um momento em que a mulher é vítima de “violência doméstica”. Para você, o que ela deveria fazer para acabar com esse ciclo de violência?



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LÉTRAS



OFICINA 07 e 08- CONTEXTUALIZAÇÃO E SEGUNDA INTERPRETAÇÃO: AMPLIANDO A TEMÁTICA E DIALOGANDO COM OUTROS TEXTOS

Duração: 01 aulas (50 minutos)

Objetivo: Explorar os efeitos de sentido permitidos pela leitura do conto, estabelecendo um diálogo com outros gêneros textuais, conduzindo os alunos a uma reflexão ampliada sobre o tema “Violência Doméstica”.

Materiais: texto impresso, aparelho de som e atividades.

Observações: Professor, o texto abaixo é um cordel escrito por Tião Simpatia, cujo objetivo é tornar a Lei Maria da Penha um texto didático para toda a sociedade. Quanto à explanação do gênero, apresentar uma breve abordagem do que é e onde circula o cordel. Ademais, explicar algumas características da Lei Maria da Penha, ou seja, quando foi criada, por quem e por qual razão.

Separe as estrofes do cordel e distribua aleatoriamente aos alunos para que leiam em voz alta, dando ênfase às rimas e aos sentidos. Na sequência, organize uma roda de conversa para que os alunos relacionem o tema do cordel com o assunto do conto “Para que ninguém a quisesse”. As questões abaixo podem mediar a discussão:

- 1) Quem foi Maria da Penha?
- 2) A quem a Lei Maria da Penha protege?
- 3) Quais são os direitos da mulher diante da Lei?
- 4) Quais são os tipos de violência doméstica apresentadas no cordel?
- 5) Quem pode ser enquadrado como agente agressor de acordo com a Lei Maria da Penha?
- 6) O que há em comum entre a personagem do conto e Maria da Penha?

Segue o link para que o professor possa acessar e conhecer um pouco mais sobre a Lei Maria da Penha:

(http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm) e um as características do gênero poético cordel (<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/literatura-cordel.htm>).

A Lei Maria da Penha Em Cordel

(Tião Simpatia)

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender
homem
Mas pra punir agressor
Pois em “mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor”.

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã
Pra que a mulher de hoje
Não seja uma vítima
amanhã.

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.

Tá no artigo primeiro
Que a lei visa coibir;
A violência doméstica
Como também, prevenir;
Com medidas protetivas
E ao agressor, punir.

Já o artigo segundo
Desta lei especial
Independente de classe
Nível educacional
De raça, de etnia;
E opção sexual...

De cultura e de idade
De renda e religião
Todas gozam dos direitos
Sim, todas! sem exceção
Que estão assegurados
Pela constituição.

E que direitos são esses?
Eis aqui a relação:
À vida, à segurança.
Também à alimentação
À cultura e à justiça
À saúde e à educação.

Além da cidadania
Também à dignidade
Ainda tem moradia
E o direito à liberdade.
Só tem direitos nos “as”,
E nos “os”, não tem
novidade?

Tem! tem direito ao esporte
Ao trabalho e ao lazer
E o acesso à política
Pro Brasil desenvolver
E tantos outros direitos
Que não dá tempo dizer.

E a lei maria da penha
Cobre todos esses planos?
Ah, já estão assegurados
Pelos direitos humanos.
A lei é mais um recurso
Pra corrigir outros danos.

Por exemplo: a mulher
Antes da lei existir,
Apanhava e a justiça
Não tinha como punir
Ele voltava pra casa
E tornava a agredir.

Com a lei é diferente
É crime inaceitável
Se bater, vai pra cadeia.
Agressão é intolerável.
O estado protege a vítima
Depois pune o responsável.

Segundo o artigo sétimo
Os tipos de violência
Doméstica e familiar

Têm na sua abrangência
As cinco categorias
Que descrevo na sequência.

A primeira é a física
Entendendo como tal:
Qualquer conduta ofensiva
De modo irracional
Que fira a integridade
E a saúde corporal...

Tapas, socos, empurrões;
Beliscões e pontapés
Arranhões, puxões de
orelha;
Seja um, ou sejam dez
Tudo é violência física
E causam dores cruéis.

Vamos ao segundo tipo
Que é a psicológica
Esta merece atenção
Mais didática e pedagógica
Com a autoestima baixa
Toda a vida perde a lógica...

Chantagem, humilhação;
Insultos; constrangimento;
São danos que interferem
No seu desenvolvimento
Baixando a autoestima
E aumentando o sofrimento.

Violência sexual:
Dá-se pela coação
Ou uso da força física
Causando intimidação
E obrigando a mulher
Ao ato da relação...

Qualquer ação que impeça
Esta mulher de usar
Método contraceptivo
Ou para engravidar
Seu direito está na lei
Basta só reivindicar.

A quarta categoria
É a patrimonial:
Retenção, subtração,
Destruição parcial
Ou total de seus pertences
Culmina em ação penal...
Instrumentos de trabalho
Documentos pessoais
Ou recursos econômicos
Além de outras coisas mais
Tudo isso configura
Em danos materiais.

A quinta categoria
É violência moral
São os crimes contra a
honra
Está no código penal
Injúria, difamação;
Calúnia, etc. e tal.

Segundo o artigo quinto
Esses tipos de violência
Dão-se em diversos âmbitos
Porém é na residência
Que a violência doméstica
Tem sua maior incidência.

E quem pode ser
enquadrado
Como agente/agressor?
Marido ou companheiro
Namorado ou ex-amor
No caso de uma doméstica
Pode ser o empregador.

Se por acaso o irmão
Agredir a sua irmã
O filho, agredir a mãe;
Seja nova ou anciã
É violência doméstica
São membros do mesmo
clã.

E se acaso for o homem
Que da mulher apanhar?
É violência doméstica?
Você pode me explicar?
Tudo pode acontecer
No âmbito familiar!

Nesse caso é diferente;
A lei é bastante clara:
Por ser uma questão de
gênero
Somente à mulher, ampara.
Se a mulher for valente
O homem que livre a cara.

E procure seus direitos
Da forma que lhe convenha
Se o sujeito aprontou
E a mulher desceu-lhe a
lenha
Recorra ao código penal
Não à lei maria da penha.

Agora, num caso lésbico;
Se no qual a companheira
Oferecer qualquer risco

À vida de sua parceira
A agressora é punida;
Pois a lei não dá bobeira.

Para que os seus direitos
Estejam assegurados
A lei maria da penha
Também cria os juizados
De violência doméstica
Para todos os estados.
Aí, cabe aos governantes
De cada federação
Destinarem os recursos
Para implementação
Da lei maria da penha
Em prol da população.

Espero ter sido útil
Neste cordel que criei
Para informar o povo
Sobre a importância da lei
Pois quem agride uma
rainha
Não merece ser um rei.

Dizia o velho ditado
Que “ninguém mete a
colher”.
Em briga de namorado
Ou de “marido e mulher”
Não metia... agora, mete!
Pois isso agora reflete
No mundo que a gente quer.

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/tiao-simpatia/a-lei-maria-da-penha-em-cordel/>.
Acesso em 15 out. 2018.

ATIVIDADE DE LEITURA- QUADRO COMPARATIVO

Objetivo: Concluir a leitura e análise do conto, possibilitando que o aluno compreenda o que é violência doméstica e como combatê-la por meio do amparo legal, destacando assim a importância da Literatura no processo de humanização, sensibilização do leitor no que se refere à identificação da violência velada presente na narrativa.

Observação: Professor, o link abaixo traz uma entrevista que contribui para que os alunos compreendam o porquê da criação da Lei Maria da Penha. Após a conclusão da atividade, é importante retomar com alunos a correção do exercício, destacando as ações dos personagens e o amparo da lei diante da violência doméstica.

(<https://www.youtube.com/watch?v=KZXsPc-iSJM>)

1) No conto **Para que ninguém a quisesse**, de Marina Colasanti, é possível perceber marcas de violência sofrida pela mulher da narrativa. Já o cordel traz os artigos da lei que podem ampará-la. Complete o quadro abaixo com as informações necessárias.

Antes da atividade, vamos conhecer um pouco sobre a história da Mulher que motivou a criação da lei no Brasil.



De acordo com o art. 5º da Lei Maria da Penha, violência doméstica e familiar contra a mulher é “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”.

QUADRO COMPARATIVO

VIOLÊNCIA SOFRIDA PELA MULHER DO CONTO	ARTIGO DA LEI MARIA DA PENHA QUE PROTEGE A MULHER (CORDEL)
“Mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar”.	
“[...] ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos”.	
“Dos armários tirou as roupas de seda, da gaveta tirou todas as joias”.	
“[...] pegou a tesoura e tosquiou-lhe os longos cabelos”.	



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LÉTRAS



OFICINA 09 e 10 - EXPANSÃO

Duração: 02 aulas (50 minutos)

Objetivo: Mediar a atividade de pesquisa para que os alunos possam relacionar o tema estudado com a música “Respeita as Minas, da cantora Kell Smith, dando ênfase à identidade da mulher que, ao longo da história, lutou e luta pelo respeito e igualdade de gênero.

Materiais: texto impresso, aparelho de som, laboratório de informática.

Observações: Professor, primeiramente, apresentar a música e propor uma discussão oral acerca do perfil da personagem do conto “Para que ninguém a quisesse” com a figura feminina retratada na letra da canção. É importante levar os alunos ao laboratório de informática para que eles pesquisem sobre algumas personalidades apresentadas na letra da música. Ao discutir sobre o papel social das mulheres pesquisadas, chamar a atenção dos estudantes sobre o quanto a mulher é e pode ser forte na luta contra o machismo, o preconceito e a segregação social diante de seus direitos.

Primeiramente, entregue a letra da música impressa para os alunos. Oriente para que façam a leitura e identifiquem quais palavras fazem referência à principal ideia do conto. Professor, você pode anotar na lousa as impressões dos alunos.

Para justificar o porquê da escolha das palavras, organize uma roda de conversa. Um aluno é sorteado pelo número da chamada para começar a explicação do significado de um dos termos anotados no quadro, fazendo referência ao tema “violência contra a mulher”. O estudante que responde pode escolher outro colega

aleatoriamente.

Os gêneros textuais apresentados anteriormente tinham o objetivo de discutir a violência doméstica, principalmente contra a mulher. Para tanto, como síntese das atividades desenvolvidas até aqui, o texto abaixo é uma letra de música que se opõe à ideia materializada no conto **Para que ninguém a quisesse**, de Marina Colasanti.

Respeita as Mina (Kell Smith)

Short, esmalte, saia, mini blusa, brinco,
bota de camurça, e o batom? Tá
combinando!

Uma Deusa, louca, feiticeira, alma de
guerreira, sabe que sabe e já chega
sambando

Calça o tênis, se tiver afim, toda toda
Swag, do Hip Hop ao Reggae

Não faço pra buscar aprovação alheia, se
fosse pra te agradar a coisa tava feia

Então mais atenção, com a sua opinião,
quem entendeu levanta a mão

Respeita as mina

Toda essa produção não se limita a você

Já passou da hora de aprender

Que o corpo é nosso nossas regras nosso
direito de ser

Respeita as mina

Toda essa produção não se limita a você

Já passou da hora de aprender

Que o corpo é nosso nossas regras nosso
direito de ser

Sim respeito é bom bom, flores também
são mas não quando são dadas só no dia
08/03

Comemoração não é bem a questão, dá
uma segurada e aprende outra vez Saio e
gasto um dim, sou feliz assim, me viro
ganho menos e não perco um rolezin.

Cê fica em choque por saber que eu não
sou submissa, e quando eu tenho voz cê
grita: "Ah lá a feminista!"

Não aguenta pressão arruma confusão,
para que tá feito irmão!

Respeita as mina

Toda essa produção não se limita a você

Já passou da hora de aprender

Que o corpo é nosso nossas regras nosso
direito de ser

Respeita as mina

Toda essa produção não se limita a você

Já passou da hora de aprender

Que o corpo é nosso nossas regras nosso
direito de ser

Não leva na maldade não, não lutamos
por inversão, igualdade é o " X " da
questão, então aumenta o som!

Em nome das Marias, Quitérias, da Penha
Silva

Empoderadas, revolucionárias, ativistas,
deixem nossas meninas serem super-
heroínas!

Pra que nasça uma Joana D'arc por dia!

Como diria Frida: "Eu não me Kahlo!"

Junto com o bonde saio pra luta e não me
abalo.

O grito antes preso na garganta já não me
consome: É pra acabar com o machismo
e não pra aniquilar os homens.

Quero andar sozinha porque a escolha é
minha, sem ser desrespeitada e
assediada a cada esquina.

Que possa soar bem, correr como uma
menina, jogar como uma menina,
dirigir como menina, ter a força de uma
menina.

Se não for por mim, mude por sua mãe ou
filha!

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=vjzKTYZMO_8&list=RDvjzKTYZMO_8&start_radio=1. Acesso em 21 out. 2018

ATIVIDADE

1) Analise a letra da música e escreva quais são as situações de violência que muitas mulheres enfrentam no dia a dia. O que elas deveriam fazer diante desses abusos?

2) Compare o perfil da mulher apresentada na letra da música e no conto. Explique as principais diferenças entre elas.

3) Para responder à proposta de combate à violência doméstica por meio das estratégias de leitura, forme um grupo com 5 integrantes e, com base em todas as atividades realizadas, reescrevam o conto **Para que ninguém a quisesse**, de Marina Colasanti e dê à protagonista um desfecho coerente ao contexto em que estamos vivendo. Grave a leitura do texto e compartilhe com os colegas no grupo da sala por meio do **WhatsApp**. A turma irá escolher o áudio que melhor ilustrou a narrativa para que na sequência seja montado um podcast e para ser disponibilizado no canal do **Youtube** do professor.